

**MARCOS NOBRE**

---

**MEMORIAL**

---

**CAMPINAS  
2012**



**MARCOS NOBRE**

---

# **MEMORIAL**

---

Memorial apresentado ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Livre-Docente.

**CAMPINAS  
2012**



# ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
1. DADOS PESSOAIS .....	45
2. FORMAÇÃO ESCOLAR / ACADÊMICA .....	47
3. CARGOS E FUNÇÕES EXERCIDAS.....	49
4. ATIVIDADES DIDÁTICAS .....	51
4.1. Cursos regulares ministrados – graduação .....	51
4.2. Cursos regulares ministrados – pós-graduação .....	59
5. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO .....	61
5.1. Iniciações Científicas concluídas .....	61
5.2. Mestrados concluídos .....	64
5.3. Doutorados concluídos .....	67
5.4. Pós-Doutorados concluídos .....	70
5.5. Mestrados em andamento .....	73
5.6. Doutorados em andamento .....	74
6. ATIVIDADES DE PESQUISA .....	77
6.1. Grupos de Pesquisa.....	77
6.2. Pesquisas Interdisciplinares.....	78
6.3. Linha de Pesquisa individual.....	81
7. PUBLICAÇÕES.....	83
7.1. Livros.....	83
7.2. Capítulos de livros .....	85
7.3. Artigos em Periódicos .....	89
7.4. Apresentações de Livros.....	95
7.5. Cadernos de Pesquisa .....	97
7.6. Editor .....	98
7.7. Artigos, resenhas e colunas em jornais e magazines/revistas .....	99
7.8. Artigos na internet .....	117
7.9. Entrevistas realizadas .....	119
7.10. Entrevistas concedidas.....	120
7.11. Traduções.....	122
7.12. Revisões de tradução .....	123

8.	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS COM APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS .....	125
8.1.	No Brasil .....	125
8.2.	No Exterior.....	140
9.	PARTIPAÇÃO EM BANCAS E COMISSÕES EXAMINADORAS .....	145
9.1.	Participação em bancas de Doutorado .....	145
9.2.	Participação em bancas de Mestrado .....	151
9.3.	Participação em bancas de Qualificação - Doutorado .....	156
9.4.	Participação em bancas de Qualificação - Mestrado .....	159
9.5.	Participação em bancas de Concurso Público .....	163
10.	BOLSAS E AUXÍLIOS .....	165
11.	OUTRAS ATIVIDADES .....	167
11.1.	Prêmios e Honrarias .....	167
11.2.	Parecerista .....	168
11.3.	Conselho Editorial .....	169
11.4.	Programas de Televisão .....	170
11.5.	Colaboração regular em Jornais.....	172
11.6.	Participação em Associações Científicas e Culturais .....	173
11.7.	Viagens Informativas .....	174
	AGRADECIMENTOS .....	175

## INTRODUÇÃO

Nasci na cidade São Paulo, Estado de São Paulo, no ano de 1965. Tive o privilégio de frequentar boas escolas desde o ensino fundamental. Boas escolas privadas, bem entendido, pois tais eram e são até hoje as melhores escolas desde pelo menos o final da década de 1960, quando teve início um longo processo de desmantelamento do sistema público de ensino. De 1972 a 1975, estudei na Equipe de Ensino Juca Peralta, escola de orientação piagetiana ortodoxa. De 1976 a 1980, estudei no Colégio Palmares, instituição em que tive o primeiro contato com a filosofia e seus problemas. Em 1981 e 1982, estudei no Colégio Gávea. Estes dois últimos anos do ensino médio foram decisivos para minha escolha profissional. O excelente quadro de professores me permitiu ter acesso – mesmo que com pouca capacidade de compreensão – ao melhor dos debates então em curso em diferentes disciplinas e áreas de conhecimento, ao mesmo tempo em que me forneceu instrumentos para uma atuação política distinta da orientação de meu pai, Freitas Nobre, então líder da oposição na Câmara dos Deputados.

A conjunção de meus interesses teóricos com minha militância política me levou ao curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, que comecei a frequentar como aluno regular no ano de 1983. Pouco depois, comecei a ministrar aulas de francês, inglês e alemão no Instituto Roosevelt. Não sei se há registro de minha passagem por lá. Sei que foi ensinando que aprendi as línguas que supostamente já deveria saber.

No curso de Ciências Sociais descobri que meu efetivo interesse e motivação estavam nos fundamentos da teoria social, na escavação filosófica. Isto

me levou aos cursos de filosofia do outro lado do corredor, já que, na USP, o curso de Filosofia e o de Ciências Sociais dividem o mesmo prédio. Deste modo, a partir de 1984, passei a frequentar – como aluno regularmente matriculado ou como ouvinte – diversos cursos de história da filosofia. E continuei a cumprir os créditos no curso de Ciências Sociais.

Após o término do curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, em 1986, havia muitas decisões a tomar com respeito a minha inserção intelectual e profissional. De um lado, contavam muito os três anos de colaboração intensa com a seção de cultura do *Jornal da Tarde*, em que havia publicado dezenas de artigos e resenhas entre os anos de 1984 a 1987. Tratava-se, então, de procurar exercitar a agitação cultural possível, com limitações, é certo, mas com bastante liberdade também. O diagnóstico era o de que só se teria avanços intelectuais, políticos e culturais no Brasil se fosse estabelecido um espaço de crítica ácida, dura, sem concessões. Diagnóstico, aliás, que não era só meu, mas também um diagnóstico construído e partilhado com dois outros colaboradores da página de resenhas do *Jornal da Tarde*, Vinicius Torres Freire<sup>1</sup> e Fábio de Souza Andrade<sup>2</sup>, colegas do curso de graduação em Ciências Sociais. Também não era um diagnóstico dos mais originais. Talvez a diferença esteja em que tenhamos resolvido efetivamente pôr em prática – de maneira atabalhoada e muitas vezes brutal, não há dúvida – a dura crítica exigida pelo diagnóstico de então.

Ao final da graduação, seguir exclusivamente esse caminho me parecia, entretanto, insuficiente. Nunca deixei de abraçar oportunidades de intervir no debate público. Mas, ao mesmo tempo, seguir uma carreira no jornalismo não conseguiria suprir meus objetivos teóricos de então, só alcançáveis, segundo minha impressão

---

<sup>1</sup> Com quem posteriormente escrevi dois textos: “Política difícil, estabilização imperfeita: os anos FHC” (*Novos Estudos CEBRAP*, nº 51, julho de 1998); e “Juros, Mentiras e Videoteipe” (revista eletrônica *Trópico*, postado em 14 de fevereiro de 2006).

<sup>2</sup> Com quem posteriormente traduzi o artigo de Michael de la Fontaine “Experiência artística em Arnold Schönberg. Sobre a dialética do material musical” (*Novos Estudos CEBRAP*, nº 27, julho de 1990).

na época, por meio de uma dedicação exclusiva ao trabalho acadêmico. Esse foi o padrão de investigação que comecei a incorporar frequentando os cursos de filosofia do Departamento da USP.

Minha militância político-partidária da primeira metade dos anos 1980 não manteve a mesma intensidade na segunda metade da década. Mas isso não alterou o quadro de pensamento em que me movia, organizado pela alternativa “quadro da máquina partidária” ou “acadêmico com militância partidária”, sem que qualquer outro terceiro termo possível se apresentasse na época. Minha escolha foi pelo último. Foi então que minha filiação – já heterodoxa – ao pensamento de Marx encontrou nos pensadores da Teoria Crítica oportunidades de aprofundamento e de reformulação de meus impulsos teóricos e práticos. Foi a partir daí que a tradição da Teoria Crítica se tornou o referencial fundamental de meu trabalho como intelectual.

Descobri pelo menos duas coisas no curso de Ciências Sociais que foram igualmente decisivas para minha transferência para a filosofia. Em primeiro lugar, confirmei minha suspeita de que, qualquer que fosse minha especialização acadêmica, o meu tema seria sempre teoria social. Em segundo lugar, descobri minha relativa inaptidão para a pesquisa empírica, uma falta de talento intransponível para um aprendiz de sociólogo. Mas percebi também que as duas descobertas poderiam ser compatibilizadas na filosofia, na medida em que, no ambiente interdisciplinar próprio do campo da Teoria Crítica, o filósofo pode ser aquele que não só se beneficia das discussões de resultados, de metodologia e de fundamentos da pesquisa empírica em ciências humanas, mas também procura traduzir problemas de um nível de abstração para outro, de modo a, nos seus limites, oferecer perspectivas conceituais novas para a reflexão do cientista social entendido em sentido amplo.

Em 1987, iniciei meu Curso de Mestrado em Filosofia com um projeto sobre a filosofia de Theodor W. Adorno. Meus primeiros passos nesse sentido foram dados quando de minha estadia na cidade de Munique, Alemanha, nos meses de janeiro e fevereiro de 1986, graças a uma bolsa para o estudo da língua alemã concedida pelo Instituto Goethe. Comecei então a pesquisa bibliográfica e tentei – como continuo tentando até hoje – melhorar minha orientação no alemão. Meu projeto de Dissertação foi originalmente entregue a Ruy Fausto, de quem frequentei cursos de graduação e com quem mantive um frutífero contato intelectual nesse período<sup>3</sup>. Ruy Fausto me aceitou como orientando, mas, devido a problemas formais, pediu-me que ingressasse no programa de pós-graduação sob orientação de Ricardo Terra.

Não houve qualquer dificuldade nesse sentido: durante a graduação em Ciências Sociais, eu já havia frequentado um curso de graduação e outro de pós-graduação ministrados por Ricardo Terra; acho que a simpatia e o respeito intelectuais eram recíprocos já por aquele tempo. Com o retorno de Ruy Fausto a Paris em 1987, Ricardo Terra tornou-se meu orientador de fato e de direito<sup>4</sup>. Por esta mesma época, organizou um grupo de tradução da *Crítica do Juízo* de Kant do qual participei e que resultou na publicação num mesmo volume da chamada “Primeira introdução”, traduzida por Rubens Rodrigues Torres Filho, e da introdução definitiva (que traduzimos em grupo) juntamente com uma apresentação do próprio Ricardo Terra<sup>5</sup>.

A ideia do Mestrado era a de examinar (e traduzir) dois dos últimos textos de Adorno, “Sobre sujeito e objeto” e “Marginália a teoria e prática”,

---

<sup>3</sup> Tive a oportunidade de entrevistar Ruy Fausto pela primeira vez por essa época: “A reconstrução dialética de Ruy Fausto”, *Folha de S. Paulo*, 01/11/1987.

<sup>4</sup> Um dos registros importantes dessa longa e afetuosa convivência está no livro que fizemos juntos: *Ensinar Filosofia: Uma conversa sobre aprender a aprender*, Campinas: Papirus, 2007.

<sup>5</sup> Kant, *Duas introduções à Crítica do Juízo*, organização de Ricardo R. Terra, São Paulo: Iluminuras, 1995. Nesse mesmo período realizei a revisão de tradução dos textos de Kant selecionados e traduzidos por Regis de Castro Andrade para o volume *Os clássicos da política*, vol. 2, organizado por Francisco C. Weffort, Atica, 1989.

incluídos como apêndice ao volume *Stichworte*. A Dissertação de Mestrado deveria – segundo o projeto – contar três capítulos. O primeiro deveria reconstruir o quadro teórico da *Dialética do esclarecimento*, escrita a quatro mãos por Horkheimer e Adorno; o segundo pretendia mostrar as continuidades e rupturas do Adorno da *Dialética Negativa* relativamente ao quadro teórico da *Dialética do esclarecimento*, com ênfase nas rupturas; já o terceiro e último capítulo deveria se dedicar a uma análise dos textos de *Stichworte* mencionados. Tal projeto atesta uma evidente falta de bom senso. Mas me parece algo inevitável para um mestrando em filosofia: o resultado de seu trabalho, se bem sucedido, será exatamente o de ter aprendido a circunscrever e a tratar adequadamente um tema filosófico relevante. Nem mesmo em meu Doutorado (sobre Adorno, justamente) fui capaz de abarcar tal projeto original do Mestrado.

A delimitação de meu tema de Mestrado surgiu (sem que eu o soubesse naquele momento) em uma aula de um curso de pós-graduação de Ricardo Terra. Eu começava a elaborar um texto sobre as fontes da “Teoria crítica da sociedade”, desde os escritos de Horkheimer do início da década de 1930 até a *Dialética do esclarecimento*. Ricardo Terra propôs no curso, em 1988, uma sessão sobre *História e consciência de classe*, de Lukács, e apresentou uma leitura do capítulo central do livro tendo em vista os textos de Horkheimer e Adorno das décadas de 1930 e 1940. A partir daí, desloquei minha atenção para esse confronto entre o quadro teórico de *História e consciência de classe* e os desenvolvimentos de Horkheimer e Adorno nas décadas de 1930 e 1940.

Segundo o esquema original do projeto, tal momento deveria se constituir no primeiro capítulo da Dissertação. Mas o trabalho com os textos de Lukács do período de *História e consciência de classe* acabou ganhando vida própria, de modo que fui me concentrando cada vez mais nos temas e problemas deste livro. Minhas leituras se dirigiram para Hegel, Marx, Weber e para os autores da chamada Escola Histórica Alemã, e a Dissertação de Mestrado foi

progressivamente se tornando um trabalho sobre o livro de Lukács. O primeiro documento publicado dessa minha nova orientação foi um texto que apresentei em outubro de 1989 no “Seminário Rosa Luxemburg”, na UNESP, campus de Marília, aparecido em livro em 1991<sup>6</sup>. Neste texto apresentei um esquema de algumas das teses principais do Mestrado.

A mudança do foco para *História e consciência de classe* fez-se sem qualquer dificuldade. Encontrei em Lukács as raízes de impasses, problemas e dificuldades que eu já havia detectado nos textos de Adorno, Horkheimer, Marcuse. Foi nesse momento também que enfrentei pela primeira vez a *Teoria da ação comunicativa* de Habermas e, se é certo que o Capítulo IV deste livro me serviu de fio condutor na redação de minha Dissertação, também é verdade que alguns dos resultados que alcancei não são inteiramente compatíveis com o esquema habermasiano do qual parti. E, não por acaso, ao perseguir essa trilha, percebi que estava também tentando, com esse trabalho, responder a questões que vinham da prática política, ainda que de maneira muito indireta, como é a maneira da filosofia. Não menos importante, estava tentando também, à minha maneira, apropriar-me da tradição de estudos de Marx da USP, servindo-me dela para produzir minha interpretação da Teoria Crítica. E, por fim, mas não por último, estava assim iniciando uma reconstrução de conjunto da tradição da Teoria Crítica, tarefa que prossegue até hoje e que é, habitualmente, o movimento inaugural para qualquer intelectual que pretenda produzir seu próprio modelo crítico.

A decisão de concentrar esforços em *História e consciência de classe* não se fazia por oposição a meu projeto original, mas, ao contrário, tentava torná-lo exequível, dividindo-o em etapas. O que me levou, portanto, a adiar o projeto sobre a filosofia de Adorno para o Doutorado, o qual já colocava como objeto seguinte de

---

<sup>6</sup> “Lenin e Rosa Luxemburg em *História e consciência de classe*”, in: Isabel Maria Loureiro e Tullo Vigevani (orgs.), *Rosa Luxemburg: A recusa da alienação*, São Paulo: Editora da UNESP/FAPESP, 1991.

investigação os escritos de Jürgen Habermas e o estatuto atual do campo da Teoria Crítica, objeto ao qual me dedico desde então<sup>7</sup>.

Em maio de 1990 fui contratado pela Universidade Estadual de Campinas como professor do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Já no concurso de seleção de que participei para tanto (em novembro do ano anterior), procurei ressaltar meu perfil de investigador em Teoria das Ciências Humanas, perfil que eu já tinha procurado imprimir a meus cursos de filosofia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde lecionei de 1989 a 1990. A disciplina de filosofia do curso de Ciências Sociais da Escola de Sociologia e Política foi a minha primeira oportunidade de ministrar um curso no ensino superior. Foi também a primeira oportunidade que tive para buscar conjugar minha formação em ciências sociais com o que tinha podido aprender de filosofia. Entre a demissão da Escola de Sociologia e Política e o início de minhas atividades na UNICAMP, traduzi textos reveladores de meus interesses até hoje: no campo da estética adorniana, e em parceria com Fábio de Andrade, o artigo de Michael de la Fontaine “Experiência artística em Arnold Schönberg. Sobre a dialética do material musical”<sup>8</sup>; no campo da teoria política feminista, o artigo de Sabina Lovibond “Feminismo e pós-modernismo”<sup>9</sup>; e, no campo da psicanálise, os textos sobre Freud e Lacan de um livro extremamente interessante de John Forrester<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Além do material presente no livro que resultou da Tese de Doutorado (*A dialética negativa de Theodor W. Adorno. A ontologia do estado falso*, São Paulo: Iluminuras/FAPESP), tenho a impressão de que esse percurso, em uma descrição inicial ainda bastante abstrata, está indicado em meu artigo “‘Permanecemos contemporâneos dos jovens hegelianos’: Jürgen Habermas e situação de consciência atual”, *Olhar – Revista de Artes e Humanidades do CECH/UFSCar*, vol. 4, dezembro de 2000, pp. 93-102.

<sup>8</sup> *Novos Estudos CEBRAP*, nº 27, julho de 1990. Em continuidade com esse trabalho está também a revisão de tradução do texto de Jay Bernstein, “Adorno e o expressionismo abstrato” que realizei para a revista *Novos Estudos CEBRAP*, nº 52, novembro de 1998 (a tradução foi realizada por Regina Alfarano).

<sup>9</sup> *Novos Estudos CEBRAP*, nº 27, julho de 1990. Consulte-se, no mesmo sentido, a entrevista que realizei com Gabriela Bonacchi “Mulheres revêem direitos da humanidade”, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, 25/08/1998, p. 5.

<sup>10</sup> *Seduções da psicanálise. Freud, Lacan e Derrida*, Campinas: Papyrus, 1990.

Como professor da UNICAMP, assumi a disciplina de História da Filosofia Contemporânea. Progressivamente, passei também a ministrar disciplinas de Filosofia Moderna, de Estética e de Teoria do Conhecimento, cujos eixos busquei colocar nas filosofias da modernidade, em especial no pensamento de Descartes, Kant e Hegel. Juntamente com esse alargamento de minha experiência didática em disciplinas obrigatórias de História da Filosofia, passei a oferecer disciplinas eletivas para aprofundamento de determinados tópicos e a ministrar disciplinas obrigatórias para os outros cursos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, os de História e de Ciências Sociais.

No primeiro semestre de 1999, ofereci minha primeira disciplina de pós-graduação, sobre os pontos de contato dos escritos de Jürgen Habermas com a teoria de Weber, e, desde então, tenho procurado balancear minha atuação em disciplinas de pós-graduação com uma necessária priorização das disciplinas de graduação, dada a carência de quadros do Departamento de Filosofia do IFCH<sup>11</sup>.

Na UNICAMP, sempre procurei, nos meus limites, exercer a militância institucional que me pareceu adequada. Mesmo antes da obtenção do título de doutor, envolvi-me intensamente com a atividade sindical junto à Associação dos Docentes da UNICAMP (ADUNICAMP), tendo sido Representante do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) junto ao Conselho de Representantes da ADUNICAMP em 1994 e no período de 1997 a 1999. Em 1999, fui eleito 2º Vice-Presidente da ADUNICAMP para o período 1999-2001.

Após o doutoramento, além da militância na ADUNICAMP, participei ativamente da consulta interna para a escolha do Reitor, ajudando a elaborar o programa do candidato da oposição histórica que acabou vitorioso. Com a ascensão de Hermano Tavares ao cargo de Reitor da UNICAMP, fui instado a assumir um

---

<sup>11</sup> Alguns dados simples podem indicar a atual situação de emergência que vive o Departamento. Quando me tornei docente da UNICAMP, em maio de 1990, eram 32 os professores; atualmente, são 14. Depois dessa data, completaram-se os quatro anos da então nova graduação em filosofia, que estava apenas no seu segundo ano; e o número de pós-graduandos quadruplicou.

Grupo de Trabalho com vistas à produção de um diagnóstico e de uma nova linha editorial e administrativa para a Editora da UNICAMP. Por essa razão, ocupei o cargo de Diretor-Executivo da Editora da UNICAMP entre os meses de abril e junho de 1998<sup>12</sup>.

Ainda no campo da militância administrativa, fui representante dos docentes MS-2 na Congregação do IFCH nos anos de 1993 e 1994. A partir de dezembro de 1998 tornei-me, na qualidade de suplente em exercício, representante dos professores MS-3 na mesma Congregação, tendo sido eleito, em 2000, representante titular da mesma categoria, mandato que exerci por duas outras vezes até o ano de 2004. Entre os anos de 2004 e 2006, fui membro nato da Congregação na condição de Coordenador Geral de Pós-Graduação do IFCH. A partir de abril de 1999, tornei-me também o representante do Departamento de Filosofia junto à Comissão de Biblioteca do IFCH, mandato que exerci até o ano de 2003. De 1999 a 2009, integrei a Subcomissão de Graduação em Filosofia do IFCH. Entre 1999 e 2000, e, posteriormente, de 2006 até a presente data, fui membro da Subcomissão de Pós-Graduação em Filosofia do IFCH, tendo sido Coordenador dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Filosofia do IFCH no período 2001-2004. Foi quando assumi a já mencionada função de Coordenador Geral de Pós-Graduação do IFCH-UNICAMP, que exerci no período de 2004 a 2006.

Seria possível mencionar várias decisões e medidas importantes tomadas nesse longo período de militância administrativa, principalmente na gestão da pós-graduação. Durante meu período como Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, deu-se a transição para a atual forma de avaliação dos programas pela CAPES, na qual a Filosofia da UNICAMP se destacou como um Programa PROEX, com nota máxima na área. Do meu período como Coordenador Geral de Pós-Graduação do IFCH, destaco apenas duas atividades que me

---

<sup>12</sup> Um pouco dessa história – bem como algumas opiniões sobre universidade e política no Brasil – tentei contar em uma entrevista de dezembro de 2001 para o volume comemorativo de 25 anos de existência da ADUNICAMP, *Adunicamp: 25 anos. Autonomia – Democracia – Participação*, Campinas: Associação dos Docentes da Unicamp, 2002, pp. 198-209.

marcaram especialmente<sup>13</sup>: na qualidade de membro da Comissão Central de Pós-Graduação (CCPG), a participação na Comissão Especial que elaborou a nova proposta de Regimento Geral da Pós-Graduação; e a organização de dois Encontros Anuais de Pós-Graduação do IFCH-UNICAMP, nos anos de 2005 e de 2006. O trabalho da Comissão Especial se estendeu por vários meses e foi uma grande fonte de aprendizado para mim, como o foi a elaboração de pareceres e a participação nas reuniões da CCPG. O contato com diferentes áreas do conhecimento e com as suas especificidades foi fundamental para uma visão de conjunto mais sólida da produção acadêmica. E acredito que meus anos na Faculdade de Direito – no período de 1998 a 2002, sobre o qual falarei adiante – colaboraram de alguma maneira para buscar formulações que contemplassem essas diferenças e especificidades, resguardando sempre o mérito científico e acadêmico.

Nos Encontros Anuais de Pós-Graduação do IFCH-UNICAMP, procurei colocar em prática a ideia da discussão e da colaboração interdisciplinar, buscando construir sessões de apresentação em que investigações de pós-graduação das diferentes áreas disciplinares do Instituto pudessem se encontrar a partir de uma certa afinidade temática, mesmo que não direta. Acredito que o efeito foi não só o de tornar conhecidas as pesquisas desenvolvidas em nível de pós-graduação em todos os diferentes programas, mas também de produzir interlocuções produtivas.

De uma maneira mais ampla, acredito que essa extensa militância administrativa, conjugada a uma também extensa militância sindical, moldaram minhas posições sobre política universitária, que podem ser encontradas em diferentes momentos e textos de minha produção<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Mesmo sem um comentário mais extenso, deixo registrada aqui minha participação, nesse período, na comissão que elaborou o Parecer Institucional sobre o Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas, exarado em 24 de outubro de 2005, e que contou com a colaboração de membros externos à UNICAMP.

<sup>14</sup> “As ciências humanas na encruzilhada do social-desenvolvimentismo”, Ciclo de Palestras “Universidade e Humanidades”, *Revista Adunicamp*, ano 4, nº 1, novembro de 2002, pp. 29-34; “Hochschulphilosophie in Brasilien unter der Militärdiktatur”, in *Comparativ*, vol. 8, nº 6, dezembro de 1998; “A filosofia da USP sob a ditadura militar”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 53,

O perfil intelectual que procuro construir e cultivar ganhou um impulso adicional, em março de 1990, com meu ingresso, desde sua fundação, no Grupo de Lógica e Ontologia, vinculado à área de Filosofia do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), coordenado por José Arthur Giannotti, seminário de reflexão que funcionou regularmente até o ano de 2000. Este longo contato com José Arthur Giannotti (que tenho o privilégio de manter até hoje) foi certamente uma das mais decisivas experiências intelectuais que tive e tenho. Não só pelo que pude aprender em termos escolares, mas, acho, pela incorporação definitiva da experiência de que a violência da reflexão filosófica não está apenas na destruição de nossos preconceitos, mas também na capacidade de torcermos nossas próprias identidades para entender o outro e a nós mesmos<sup>15</sup>.

A militância institucional no CEBRAP começou pela minha integração, a partir de 1996, à Câmara de Pesquisadores da casa, órgão reservado aos membros seniores da instituição. Entre 2004 e 2006 fui o Coordenador de Seminários, sendo que, a partir de 2005, passei a integrar também o Conselho Editorial da revista *Novos Estudos CEBRAP*. A partir de 2005, passei a compor o Conselho Executivo da instituição, tendo exercido a função de Diretor Administrativo-Financeiro entre

---

março de 1999; “Filosofia no Brasil hoje: tarefas e desafios”, in: Angelo V. Cenci, Altair A. Fávero, Gerson L. Trombetta (orgs.), *Universidade, Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem aos 50 anos do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo: UPF Editora, 2009; e ainda “Apontamentos sobre a pesquisa em direito no Brasil”, in: Emerson Ribeiro Fabiani (org.), *Impasses e aporias do direito contemporâneo: estudos em homenagem a José Eduardo Faria*, São Paulo: Editora Saraiva, 2011 .

<sup>15</sup> Um registro dessa convivência pode ser encontrado em meu artigo “O filósofo municipal, a *Setzung* e uma nova coalizão lógico-ontológica”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 90, julho de 2011, apresentado também no III Colóquio “Justiça, Virtude e Democracia”, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 8 a 10 de junho de 2011. Outros documentos que guardam marcas dessa convivência intelectual são: “Hochschulphilosophie in Brasilien unter der Militärdiktatur”, in *Comparativ*, vol. 8, nº 6, dezembro de 1998; “A filosofia da USP sob a ditadura militar”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 53, março de 1999; Marcos Nobre e José Marcio Rego, *Conversas com Filósofos Brasileiros*, São Paulo: Editora 34, 2000 ; “Giannotti passa a escrever na Folha”, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, 17/12/2000, p. 14; “Com a cabeça no lugar”, *Folha de S. Paulo*, 22/10/2004, p. A-3; “José Arthur Giannotti”, in: Flávio Moura e Paula Montero (orgs.), *Retrato de Grupo – 40 anos do Cebrap*, São Paulo: Cossac Naify, 2009, entrevista com José Arthur Giannotti (em colaboração com Ricardo Terra, Flávio Moura e Henri Gervaiseau); “A explosão da metafísica”, entrevista com José Arthur Giannotti, *Valor Econômico*, 20-24 de abril de 2011, caderno Eu&Fim de Semana, pp. 18-21.

junho de 2009 e maio de 2011, data a partir da qual passei à condição de “membro convidado” desse mesmo Conselho.

Foi ainda no mesmo ano de 1990 que fui pela primeira vez à ANPOF, sendo que, a partir de 1992, tenho trabalhos apresentados em quase todos esses Encontros bienais<sup>16</sup>.

Em outubro de 1991, defendi, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, minha Dissertação de Mestrado em Filosofia de título “Limites da reificação. Um estudo sobre *História e consciência de classe*, de Georg Lukács”, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra, que, antes de meu ingresso na UNICAMP, contou o apoio de uma bolsa FAPESP. Como já mencionado, as análises desenvolvidas por Ricardo Terra desempenham papel central na perspectiva de leitura que adotei. Porque, de fato, tomei de empréstimo o modelo de análise que ele desenvolveu para a filosofia política de Kant, em que a tensão entre o viés determinante e o reflexionante não é posta para ser “superada”, mas é constitutiva do objeto mesmo da reflexão kantiana. No mesmo sentido, pretendi que o modelo crítico das “antinomias do pensamento burguês” de Lukács fosse atravessado por uma tensão entre “apresentação” e “crítica”, entre “sujeito-na-forma-do-Träger” e “sujeito revolucionário”. Tais tensões atingem seu ponto alto, acredito, na tensão entre as concepções leninista e luxemburguista de partido,

---

<sup>16</sup> V Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Diamantina, MG, 19-23 de outubro de 1992. Expositor: “Filosofia e materialismo interdisciplinar: uma leitura de ‘Teoria tradicional e teoria crítica’, de Max Horkheimer”; VIII Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Caxambu (MG), 25 a 30 de setembro de 1998. Expositor: “Theodor W. Adorno e o modelo hegeliano do ‘Übergreifen’”; IX Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Poços de Caldas (MG), 3 a 7 de outubro de 2000. Expositor: “‘Permanecemos contemporâneos dos jovens hegelianos’: Jürgen Habermas e situação de consciência atual”; X Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, São Paulo, 29 de setembro a 3 de outubro de 2002. Expositor: “A idéia de Teoria Crítica”; XI Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Salvador, 18 a 22 de outubro de 2004. Expositor: “Dois modelos analíticos no pensamento de Habermas”; XIII Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Canela (RS), 6 a 10 de outubro de 2008. Organizador do Mini-curso “Teoria Crítica em Perspectiva: Horkheimer, Adorno, Marcuse, Habermas, Honneth”; XIV Encontro Nacional da ANPOF, 4 a 8 de outubro de 2010, Águas de Lindoia. Conferencista. Mesa Plenária “Habermas e o direito”.

concepções que convivem no livro de Lukács sem que se possa falar de uma autêntica superação de uma pela outra. Dessa perspectiva, ao enfatizar o momento subjetivo da produção capitalista (em detrimento, por exemplo, da dinâmica própria ao desenvolvimento das forças produtivas), ciência e técnica perdem, para Lukács, o caráter potencialmente explosivo e emancipador que tinham em Marx, para se tornarem obstáculo à revolução. Vertente cuja exploração me levava de volta ao cerne do projeto da Teoria Crítica a partir dos anos de 1930.

Foi com naturalidade, portanto, que encerrei meu Mestrado (nas “Considerações Finais”) exercitando os esquemas desenvolvidos para a análise de *História e consciência de classe* sobre os textos de Horkheimer e Adorno das décadas de 1930 e 1940. Pretendi com isso mostrar o sentido dessa minha reflexão sobre Lukács, sem que – pelo menos era essa minha intenção – a reflexão lukácsiana se tornasse mera “ocasião” para introduzir elementos que lhe seriam de fato exteriores. Apresentei uma versão dessas “Considerações Finais” em minha já mencionada participação no V Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, em Diamantina, MG, em outubro de 1992. Em outubro de 1993, tive oportunidade de dar um formato mais acabado a esse encerramento de minha Dissertação, por ocasião do Colóquio “Lukács: a propósito de 70 anos de *História e consciência de classe*”, no IFCH-UNICAMP, em que apresentei o texto “Lukács e o materialismo interdisciplinar. Uma leitura de 'Teoria tradicional e teoria crítica', de Max Horkheimer”<sup>17</sup>. Essas elaborações posteriores foram incorporadas à edição do trabalho em livro<sup>18</sup>, que, no mais e à parte umas poucas modificações, reproduz o texto original da Dissertação de Mestrado defendida em 1991.

Na sequência do Mestrado, retomei o antigo projeto que estava na sua origem. Por ocasião de um número especial da revista *Kriterion*, dedicado ao pensamento de Theodor W. Adorno e editado por Rodrigo Duarte, apresentei pela

---

<sup>17</sup> In: Ricardo Antunes e Walquíria Leão Rego (orgs.), *Lukács: um Galileu no século XX*, São Paulo: Boitempo, 1996.

<sup>18</sup> *Lukács e os limites da reificação. Um estudo sobre História e consciência de classe*, São Paulo: Editora 34, 2001.

primeira vez em público minha tese da descontinuidade relativa entre o quadro teórico da *Dialética do esclarecimento* e aquele da *Dialética negativa*<sup>19</sup>. Com este artigo, procurei pôr em questão o que chamei de “paradigma da *Dialética do esclarecimento*”, vale dizer, um procedimento corriqueiro e automático na bibliografia sobre Adorno de se socorrer imediatamente da *Dialética do esclarecimento* sempre que surgem dificuldades para explicar textos da *Dialética negativa* ou mesmo da *Teoria Estética*. Não se tratava então – como não se trata hoje – de inverter a perspectiva habitual na bibliografia sobre Adorno e afirmar uma total ruptura da *Dialética negativa* frente ao livro de 1947, mas de apontar para rupturas e fissuras num quadro geral em que predomina a continuidade.

O artigo em causa era declaradamente um “roteiro de pesquisa” que ansiava por aprofundamento, o que explica que eu tenha abandonado e/ou reformulado posteriormente algumas das teses ali defendidas. Mas o fato é que esta é a base sobre a qual passei a trabalhar em minha Tese de Doutorado, que eu viria a defender, também no curso de doutorado em Filosofia da FFLCH-USP, em 1997, sob o título “A ontologia do estado falso. A dialética negativa de Theodor W. Adorno”, e igualmente sob a orientação de Ricardo Terra. A publicação em livro deu-se em 1998 e contou com o apoio da FAPESP<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> “Da *Dialética do esclarecimento* à *Teoria estética*: algumas questões”, *Kriterion*, nº 85, 1992.

<sup>20</sup> *A dialética negativa de Theodor W. Adorno. A ontologia do estado falso*, São Paulo: Iluminuras/FAPESP. Algumas versões de capítulos ou partes de capítulos (com modificações, acréscimos e/ou supressões) podem ser encontrados em: “Objecções marxistas? Adorno e Benjamin na ‘encruzilhada de magia e positivismo’ dos anos 30”, *Cadernos de Filosofia Alemã*, nº 3, 1997; “Staatskapitalismus gestern und heute”, *Zeitschrift für kritische Theorie*, nº 17, 2003; “Subjectivité et objectivité selon Kant et Hegel: un modele adornien de critique et de métacritique”, *Les Études Philosophiques*, agosto de 2004; “Kant et Hegel selon le modèle adornien de critique et de métacritique”, in: Valerio Rohden, Ricardo R. Terra et al. (orgs.), *Recht und Frieden in der Philosophie Kants. Akten des X. Internationalen Kant-Kongresses*, Band 5: Sektionen VIII-XIV, Berlin, Nova York: Walter de Gruyter, 2008. Em termos de divulgação, pode-se consultar um artigo de divulgação do pensamento de Adorno do ano de 1999, “Desordem do mundo”, *Folha de S. Paulo*, 08/08/1999, caderno Mais!, p. 5-7, republicado em Eduardo Chagas Oliveira (org.), *Filosofia Política e Teoria Social*, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

Mas o caminho que percorri desde a Dissertação de Mestrado até a publicação da Tese de Doutorado teve novos elementos intelectuais e institucionais a pontuá-lo. Neste sentido, acredito que o decisivo para mim, além dos estímulos sempre renovados vindos grupo de filosofia coordenado por Giannotti e da orientação de Ricardo Terra, foi a estadia em Berlim durante 15 meses, de novembro de 1994 a janeiro de 1996. Este estágio foi tornado possível por uma Bolsa de Doutorado no Exterior da CAPES. Pela primeira vez em muitos anos pude me dedicar integralmente à pesquisa, o que teve efeito positivo extraordinário sobre a produtividade de meu trabalho. Além disso, pude pela primeira vez vivenciar e experimentar de fato a existência de um sistema cultural de alta complexidade, o que certamente alterou minha compreensão da própria filosofia.

Como intelectuais de referência para meu trabalho na Alemanha nesse período, há que mencionar os nomes de Herbert Schnädelbach e de Axel Honneth. Schnädelbach exigiu de mim uma clareza e uma objetividade nas formulações teóricas a que eu não estava acostumado, de modo que tive de tentar exercitá-las da melhor maneira possível, o que teve, segundo minha avaliação, resultados muitos positivos para meu trabalho. Honneth me permitiu frequentar durante um semestre em 1995 o seu seminário de doutorandos (uma instituição alemã, o chamado “Kolloquium”), uma experiência que me marcou em vários sentidos. Trata-se de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores que se caracteriza, em primeiro lugar, pela interdisciplinariedade, e, em segundo lugar, pela discussão acalorada de temas teóricos (e práticos) candentes e atuais, abrangendo essencialmente temas das ciências sociais, da filosofia, da política, da moral, do direito. Esta experiência foi importante não apenas como tomada de conhecimento das questões discutidas na Europa e nos EUA, mas também como elemento de minha própria formação como intelectual. Nesse grupo de discussão elaborei e refinei alguns dos problemas que já pensava trabalhar depois do doutoramento.

Dentre os temas e problemas que elaborei na Alemanha nesse período destacam-se a problemática ambiental e questões relativas ao direito e às teorias da democracia, com seus problemas de fundamentação teórica e prática. Vim a me debruçar de maneira sistemática sobre esses dois temas depois da defesa de minha Tese de Doutorado, em 1997. Também no mencionado “Kolloquium” de Axel Honneth conheci então jovens doutorandos que depois se tornaram nomes de referência no debate internacional, como Rainer Forst e Hartmut Rosa. Foi ali que conheci também o sociólogo brasileiro Sérgio Costa – atualmente professor de Sociologia da Universidade Livre de Berlim –, que posteriormente viria a trabalhar comigo em vários projetos comuns, como, por exemplo, em dois Projetos Temáticos FAPESP sucessivos (2004-2008; 2009-2013) e em um convênio PROBRAL (DAAD/CAPES) entre a UNICAMP e a Universidade Livre de Berlim (2009-2013). Tenho o privilégio de manter com Sérgio Costa uma estimulante troca intelectual<sup>21</sup>.

Mas minha experiência alemã não pode ser adequadamente descrita sem que seja mencionado o significado do trabalho nas bibliotecas de Berlim. Em um momento de transição da história do Brasil, em que o nacional-desenvolvimentismo ainda não tinha sido deixado para trás por inteiro, em que uma economia ainda bastante fechada não permitia sequer a utilização adequada dos então incipientes desenvolvimentos da internet, o acesso à bibliografia secundária (e mesmo primária, em alguns casos) era severamente limitado. Não apenas tive acesso a livros que de há muito tinha ganas de consultar, como descobri vertentes de pesquisa para mim desconhecidas. Com isso, acho que consegui alcançar alguns resultados originais em meu trabalho de doutorado, quando considerado o estado da edição dos

---

<sup>21</sup> Fizemos juntos a curadoria do Seminário Internacional “Deslocamentos: Política, Cidade, Etnicidade”, São Paulo, Instituto Goethe, 2 a 3 de março de 2008, no qual fui também o expositor inicial, apresentando o trabalho: “Por que deslocamentos?”. Também junto com Sérgio Costa traduzi uma importante entrevista de Jürgen Habermas “Uma conversa sobre questões da teoria política. Entrevista de Jürgen Habermas a M. Carlehedem e R. Gabriels”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 47, março de 1997. Sérgio também participou com o artigo “Sozialwissenschaften, Sozialwissenschaftler und die Demokratisierung Brasiliens” do número especial da revista *Comparativ*, vol. 6, nº 8, 1998, intitulado “Humanwissenschaften unter Diktatur und Demokratisierung in Brasilien” e editado por Klaus-Gerd Giesen, Marcos Nobre e Ricardo R. Terra

“Escritos Coligidos” e o conjunto da literatura secundária sobre o pensamento de Theodor W. Adorno até então.

Acho que pude mostrar, por exemplo, que o jovem Adorno é um discípulo muito peculiar de Walter Benjamin, constatando que as acaloradas discussões que travaram os dois autores na década de 1930 não se deu sob o pano de fundo de uma maior ou menor fidelidade ou ortodoxia relativamente a Marx e ao marxismo (como o afirma a literatura até hoje), mas sim sob o signo dos escritos de Walter Benjamin da década de 1920<sup>22</sup>. O ponto principal de divergência estava, de fato, em como mobilizar aqueles recursos benjaminianos próprios da constelação de *Origem do drama barroco alemão* segundo dois modelos críticos bastante diferentes entre si. Como reafirmei, por exemplo, em 2004<sup>23</sup> e em 2012<sup>24</sup>, Benjamin desenvolveu um modelo crítico simultaneamente e em alternativa a Horkheimer na década de 1930, sendo que o principal ponto de divergência entre ambos é, a meu ver, entre prolongamentos de Marx que se inserem seja no campo de forças intelectual formado pelos pensamentos de Kant e de Hegel (caso do modelo crítico de Horkheimer), ou que busca fugir a esse quadro teórico por meio de uma recusa da ideia central de “mediação” (caso do modelo crítico de Benjamin).

Além disso, procurei mostrar no Doutorado que não se pode afirmar sem mais que haja perfeita continuidade entre o universo da *Dialética do esclarecimento* e aquele da *Dialética negativa* (como afirma, ao contrário, o conjunto dos trabalhos sobre Adorno, com uma ou duas exceções, talvez). Como no caso do trabalho sobre Lukács, procurei antes ressaltar as tensões que se estabelecem entre os trabalhos de Adorno das décadas de 1940 e 1950 em relação à produção da década de 1960. De passagem, observe-se que esse tipo de viés de

---

<sup>22</sup> Uma versão do “Excurso” ao primeiro capítulo de meu Doutorado que trata das relações entre Adorno e Benjamin foi publicada como: “Objecções marxistas? Adorno e Benjamin na ‘encruzilhada de magia e positivismo’ dos anos 30”, *Cadernos de Filosofia Alemã*, nº 3, 1997.

<sup>23</sup> Marcos Nobre, *A Teoria Crítica*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

<sup>24</sup> Na “Apresentação” do Dossiê “Teoria Crítica: uma nova geração”, in: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 93, julho de 2012.

interpretação toma de empréstimo o modelo de análise de Ricardo Terra para a filosofia política kantiana, radicalizando-o, em certo sentido: tentei mostrar que, em Adorno, as aporias da reflexão filosófica se transmutam em método. Além disso, acho que consegui igualmente mostrar que o motivo adorniano do adiamento por tempo indeterminado da práxis deve ser entendido a partir do diagnóstico do modo de produção capitalista (com suas transformações internas) que tinha Adorno, o que, a meu ver, obriga o pesquisador a se debruçar sobre os escritos de Friedrich Pollock e a entendê-los de uma perspectiva muito determinada.

Acredito ter podido mostrar, ainda, como Adorno descobre em Hegel o seu principal interlocutor e encontra não apenas na crítica de Hegel a Kant, mas também numa metacrítica kantiana de Hegel, o elemento próprio da sua filosofia. Tentei mostrar que o que está em litígio é justamente o modelo hegeliano do “prevaler” (übergreifen) do conceito sobre seu outro, modelo de realização da ideia que se mostra por fim necessariamente violento e – o que é mais importante para a crítica – incompatível com a própria ideia de dialética. A postulação de uma tal incompatibilidade é o que vai permitir a Adorno continuar utilizando conceitos marcados pela filosofia hegeliana num sentido diverso do próprio Hegel. Pois não é de saída claro como pode ser possível utilizar a noção de “crítica imanente” sem que se pressuponha o espírito hegeliano e seu elemento; não é imediatamente evidente como se pode falar em “negação determinada” sem tomar cada objeto da consciência como momento da totalidade.

Sendo assim, Adorno parte do ponto em que Marx deixou o problema, vale dizer, da leitura da filosofia hegeliana como “cifra”, como enigma cuja chave – o trabalho social – permite compreender a alienação da sociabilidade capitalista. Mas, com isso, Adorno herda também a peculiar tensão marxiana entre o sujeito-na-forma-do-Träger e o sujeito revolucionário, ou seja, entre um modelo teórico que baliza a práxis segundo a inconsistência sistêmica do modo de produção capitalista

e outro que faz depender a derrocada do capitalismo de uma posição do trabalho que não é simplesmente a do “portador” (Träger) de relações de produção.

Ocorre que Adorno, de sua parte, estava enxergando o processo da perspectiva da paralisação da ação como resultado de alterações estruturais no funcionamento do modo de produção de mercadorias. Dito de outra maneira: a forma atual do capitalismo não nos permite mais apresentá-lo como Marx ainda pôde fazê-lo: ele não se deixa medir pelo seu conceito; por outro lado, o sistema hegeliano, denunciado corretamente por Marx como misticismo, provou ser o que Hegel pretendia dele: mostrou ser um com a realidade.

A “confrontação com o conceito” não significa carência do que é frente a seu conceito, não significa que o real é contraditório porque corresponde e não corresponde a seu conceito, pois tal coisa pressupõe de qualquer modo o conceito como medida única do real e do racional. De modo que também ideologia (e sua crítica) não significa simplesmente o confronto da compreensão de si que tem a sociedade capitalista com o seu funcionamento concreto, pois tal confronto continua pressupondo que possa haver de alguma forma identidade entre os dois momentos.

Foi assim que pretendi ter encontrado mais um importante elemento distintivo da “ilusão necessária” adorniana. Ao contrário da dialética transcendental kantiana, não há antinomia, mas contradição; e a contradição não se resolve, ela não tem uma solução positiva, mas, ao contrário, é índice da falsidade do existente, ao mesmo tempo em que reconhece a realidade do “estado falso”. É por isso que Adorno afirma que a expressão “dialética negativa” é “paradoxal”: ela não designa nem as soluções kantianas para as antinomias nem a reconciliação da ideia hegeliana. Ou seja, a dialética negativa é a teoria da ilusão de identidade socialmente necessária.

Todos esses resultados que reputo – em maior ou menor medida – originais em relação à literatura então disponível pretendiam estabelecer em suas grandes linhas o sentido do percurso intelectual de Adorno, buscando designar o lugar que ocupa a *Dialética negativa* nesse percurso. Trata-se, portanto, de uma tentativa preambular, exploratória, que pretende antes do mais demarcar um terreno legítimo para a investigação da obra de Adorno, sem a pretensão de proceder ao esquadramento mesmo do campo demarcado. Esta foi a razão pela qual escolhi como fio condutor do trabalho o motivo da “ontologia do estado falso”.

Após a defesa da Tese de Doutorado, além da já mencionada atividade institucional na UNICAMP, tanto diretamente acadêmica como sindical, que se intensificou sensivelmente, multiplicaram-se as tarefas intelectuais de várias ordens. Iniciei minha atividade didática e de orientação na pós-graduação em 1998, sendo que já conto com seis orientações de Mestrado concluídas (e uma em andamento), cinco orientações de Doutorado concluídas (e quatro em andamento), cinco supervisões de Pós-Doutorado concluídas, e quatro Iniciações Científicas com bolsa concluídas. Sob esse aspecto, dois trabalhos realizados sob minha orientação foram premiados: Angelo Vitório Cenci recebeu o Prêmio Capes de Tese em Filosofia, edição 2007, pelo trabalho “A controvérsia entre Habermas e Apel acerca da relação entre moral e razão prática na ética do discurso”<sup>25</sup>; e Felipe Gonçalves Silva obteve “Menção Honrosa” por seu trabalho “Liberdades em Disputa: a reconstrução da autonomia privada na Teoria Crítica de Jürgen Habermas”, na edição 2011 do Prêmio CAPES de Tese.

A partir de 1998, tornei-me parecerista *ad hoc* da FAPESP, do CNPq e da CAPES, além de emitir pareceres sobre artigos submetidos à publicação em periódicos como: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, *Cadernos de História e*

---

<sup>25</sup> Angelo Vitório Cenci, *Apel versus Habermas: a controvérsia acerca da relação entre moral e razão prática na ética do discurso*, Passo Fundo: Editora UPF, 2011, versão em livro para a qual escrevi a “Apresentação”. Também escrevi o “Prefácio” da versão em livro de outro excelente doutorado realizado sob minha orientação: José Rodrigo Rodriguez, *Fuga do direito: um estudo sobre o direito contemporâneo a partir de Franz Neumann*, São Paulo: Saraiva, 2009.

*Filosofia da Ciência, Novos Estudos CEBRAP, Educação & Sociedade, Revista Direito GV e Econômica.* Também elaborei pareceres para a Editora da UNESP e para a Editora da UNICAMP. Sou ainda membro do Conselho Editorial dos *Cadernos de Filosofia Alemã*, da *Revista Direito GV*, *Olhar*, *Novos Estudos CEBRAP* e da revista *Theoria*. A partir de 2001, tornei-me pesquisador do CNPq, tendo aprovado até hoje quatro diferentes projetos (2001-2003; 2004-2007; 2007-2010; 2010-2014). Sou hoje pesquisador de nível 1C. Além disso, intensificou-se minha participação em congressos, seminários, workshops, simpósios, conferências, colóquios e encontros científicos, no Brasil e no exterior, além da oferta de cursos de extensão e de difusão, dos quais destacarei apenas alguns deles no que se segue<sup>26</sup>.

Como mencionado, o estágio de pesquisa doutoral na Alemanha também já havia preparado o terreno de investigações que se punham para além do doutoramento. A primeira dessas investigações foi sobre a problemática ambiental e seus diversos ecos na filosofia e nas ciências humanas em geral. Tive a oportunidade de coordenar no CEBRAP uma parte de uma pesquisa mais ampla sobre o tema, sob a coordenação geral de José Arthur Giannotti, que, além de um artigo<sup>27</sup>, resultou também em um livro, concluído em março de 2000 e publicado em dezembro de 2002<sup>28</sup>. Esta experiência marca uma nova etapa de meu trabalho, já que não apenas tive de desbravar um campo de conhecimento que era para mim inteiramente novo, como esbarrei pela primeira nos limites da pesquisa empírica, objetivo permanente para minha atuação como teórico crítico. Pela primeira vez, experimentei efetivamente o significado do trabalho interdisciplinar e, mais importante que isso a meu ver, comecei a entender como se constrói o *diálogo* entre as disciplinas de ciências humanas e qual o papel que a filosofia pode desempenhar

---

<sup>26</sup> A lista completa relativa a essa e a outras produções encontra-se adiante neste Memorial.

<sup>27</sup> “Desenvolvimento sustentado e problemática ambiental”, *Lua Nova*, nº 47, 1999.

<sup>28</sup> Marcos Nobre e Maurício de Carvalho Amazonas (orgs.), *Desenvolvimento Sustentável: A institucionalização de um conceito*, Brasília e São Paulo: Edições IBAMA/CEBRAP, 2002. Além da responsabilidade pela introdução do volume (juntamente com Maurício Amazonas), escrevi a primeira parte do livro e também sou coautor de um dos artigos constantes da terceira parte.

nesse processo. A pesquisa me proporcionou também o contato direto com executores de políticas públicas, no caso os técnicos do IBAMA, com quem realizamos três Workshops entre maio de 1997 e março de 1999.

O que coincidiu com um projeto mais amplo de proceder a um balanço das ciências humanas no Brasil, em especial durante a ditadura militar e a redemocratização. Tal projeto foi proposto pela revista alemã *Comparativ*, sob sugestão de Klaus-Gerd Giesen, da Universidade de Leipzig, vinculado ao Instituto de Ciência Política daquela universidade. Participei desse projeto como coeditor do número especial da revista<sup>29</sup> e também como autor<sup>30</sup>. O aparecimento do número especial da *Comparativ* dedicado às ciências humanas no Brasil também deu ensejo à realização, em fevereiro de 1999, de um Workshop na Universidade de Leipzig, no qual foram apresentados textos de pesquisadoras e pesquisadores do Brasil e da Alemanha. Foi meu primeiro estágio de pesquisa pós-doutoral no exterior, financiado por um auxílio do convênio CAPES/DAAD. Uma versão um pouco reduzida do artigo publicado na *Comparativ* apareceu em português<sup>31</sup>.

Desde então, minha colaboração com Klaus-Gerd Giesen tem sido constante e bastante frutífera. No ano 2000, organizei junto com ele o Workshop Internacional “Civil Societies in Democratization Processes”, no CEBRAP, em São Paulo, e organizei e mediei o debate “Dez anos de reunificação alemã: uma avaliação”, com a participação de Klaus-Gerd Giesen e ainda Mechtild Lauth, Marco Aurélio Garcia e João Quartim de Moraes, no IFCH-UNICAMP. Encontramo-nos novamente na Universidade de Leipzig, em 2001, onde Klaus

---

<sup>29</sup> Klaus-Gerd Giesen, Marcos Nobre, Ricardo R. Terra, “Einführung in die politische Soziologie der brasilianischen Humanwissenschaften”, in *Comparativ*, vol. 6, nº 8, 1998. Número especial: “Humanwissenschaften unter Diktatur und Demokratisierung in Brasilien”, editado por Klaus-Gerd Giesen, Marcos Nobre e Ricardo R. Terra.

<sup>30</sup> “Hochschulphilosophie in Brasilien unter der Militärdiktatur”, *Comparativ*, vol. 6, nº 8.

<sup>31</sup> “A Filosofia da USP sob a ditadura militar”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 53, março de 1999.

Giesen então lecionava, por ocasião de uma conferência que fiz ali<sup>32</sup>. Após a transferência Giesen para a Universidade d’Auvergne, Clermont-Ferrand, ministrei, a seu convite, cursos em nível de “Master” nos anos de 2006, 2007 e 2009. Em setembro de 2009, organizamos juntos o Colóquio Internacional “Inequalities in the World System: Political Science, Philosophy, Law”, realizado no CEBRAP, em São Paulo, e que resultou na organização e na introdução escrita a quatro mãos de um número especial da *Peace Review*<sup>33</sup>.

Em meados de 1999, minha necessidade de aprofundar a reflexão sobre o sentido e o significado da atividade filosófica como momento da cultura brasileira em sentido mais amplo se materializou na realização, com José Marcio Rego, de um livro de entrevistas com filósofos brasileiros, que viria a ser publicado em fins do ano 2000<sup>34</sup>. A experiência foi extraordinária sob todos os aspectos e espero um dia poder tentar organizar por escrito as ideias surgidas nesse ano e meio de trabalho de produção do volume, por ocasião das leituras e da preparação, realização e edição das entrevistas<sup>35</sup>.

Também meu interesse então como hoje central pelas questões do direito e da democracia pôde se transformar em trabalho mais intensivo depois da defesa do doutoramento. Durante dez anos, debruçei-me intensamente sobre a filosofia e a teoria geral do direito e sobre alguns ramos da dogmática jurídica, elegendo como

---

<sup>32</sup> “Theodor W. Adorno und der Staatskapitalismus”, Institut für Politikwissenschaft da Universidade de Leipzig, Alemanha, 29 de maio de 2001. Publicado como “Staatskapitalismus gestern und heute”, *Zeitschrift für kritische Theorie*, nº 17, 2003.

<sup>33</sup> “World-System Inequalities Before and After the Crisis”, “Introduction” (com Klaus-Gerd Giesen), *Peace Review. A Journal of Social Justice*, Volume 22, número 4, outubro de 2010.

<sup>34</sup> Marcos Nobre e José Marcio Rego, *Conversas com Filósofos Brasileiros*, São Paulo: Editora 34, 2000.

<sup>35</sup> Durante o estágio de pesquisa na Alemanha, em 2001, procurei refletir sobre minha experiência no processo de elaboração desse livro na conferência “Intelectuais e cultura no Brasil”, que pronunciei na Freie Universität Berlin – Lateinamerika-Institut, Berlim, Alemanha. Também algo disso certamente já transparece, por exemplo, nas muitas entrevistas, polêmicas e artigos que escrevi sobre José Arthur Giannotti, já listados acima. Minha primeira tentativa sistemática de reconstruir em seu conjunto o processo de implantação da filosofia no Brasil poderá ser encontrado no artigo “Da ‘formação’ às ‘redes contrahegemônicas’ – filosofia no Brasil”, a ser publicado proximamente, em língua francesa, na *Revue Descartes*, em um número especial dedicado à filosofia no Brasil.

um dos objetos prioritários das minhas investigações pós-doutorais o universo de problemas do livro de Jürgen Habermas *Faktizität und Geltung*, de 1992. Com isso, prossegui na mesma linha de investigação desde o Mestrado, mas agregando-lhe os temas e problemas do direito e das teorias da democracia à agenda mais ampla de investigação sobre a Teoria Crítica. Tal perspectiva, acredito, forneceu-me instrumentos para compreender melhor a relação de direito e política, com profundas consequências para a questão da legitimidade da dominação. Trata-se, por um lado, de não confundir linhas de ação distintas como são as do direito e da política na modernidade. Mas também, por outro lado, a de impedir o desligamento do direito da política, em virtude de sua conexão com princípios de justiça. E esta dupla linha de consideração da relação entre direito e política resulta nitidamente do diagnóstico apresentado por Habermas da crise de legitimação advinda da superação do capitalismo em sua fase concorrencial, marcada ideologicamente por uma quase fusão de direito e política. Segundo Habermas, esta crise, no que tem de melhor, tem como resposta institucional o aprofundamento do Estado democrático de direito.

Com o objetivo de construir um grupo de pesquisa que conjugasse filosofia, direito e cientistas sociais de maneira mais ampla, iniciei, em 1998, o curso de graduação em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo<sup>36</sup>. Apesar de ter seguido o curso regularmente até 2002, não cheguei a me graduar em direito. Mas penso ter conseguido recrutar pesquisadoras e pesquisadores com interesse e qualidade, bem como aprender o essencial para poder tentar fazer o papel de intérprete entre as diferentes áreas. Essa perspectiva de trabalho se consolidou e se aprofundou com a aprovação pela FAPESP do Projeto Temático “Moral, direito e política: uma investigação a partir da obra de Jürgen Habermas”, que teve vigência de março de 2000 a fevereiro de 2004, projeto

---

<sup>36</sup> Lamentei então, como lamento até hoje, que a UNICAMP não tenha seu curso de Direito. Juntamente com o fato de que o grande parceiro desse projeto, Ricardo Terra, pertence aos quadros da USP, essa limitação institucional da UNICAMP foi determinante para a decisão de sediar no CEBRAP, e não na UNICAMP, os sucessivos Projetos Temáticos FAPESP de que falarei em seguida.

coordenado por Ricardo Terra e por mim e sediado no CEBRAP, vinculado à área de filosofia, dirigida por José Arthur Giannotti. Dois outros Projetos Temáticos se seguiram ao primeiro (2004-2008; 2009-2013), sempre com o mesmo espírito.

Trata-se até hoje de um grupo composto por cerca de quarenta pesquisadoras e pesquisadores das áreas da filosofia, do direito (em seus diversos ramos), da ciência política e da economia, que se reúnem quinzenalmente em reuniões plenárias e que, além disso, se organizam em linhas de pesquisa coletivas, estabelecendo sua própria periodicidade, seus objetivos e cronograma de execução. Enfim, trata-se da maneira pela qual Ricardo Terra e eu buscamos realizar a ideia do “consórcio das ciências humanas”<sup>37</sup>. E, não por acaso, é na tradição intelectual da Teoria Crítica que encontramos nosso ponto de referência e objeto de reflexão.

Além das atividades de pesquisa assim realizadas, o grupo reunido em torno do Projeto Temático tem também como objetivo promover debates, encontros e simpósios de variada natureza. Em geral, procuramos realizar pelo menos um simpósio (sobre tema específico, como, por exemplo, o então novo Código Civil, ou a Lei Maria da Penha, ou o conceito de “reconstrução” na obra de Jürgen Habermas) no primeiro semestre de cada ano, sendo que, no segundo semestre de cada ano, costumamos realizar um colóquio de maior envergadura, dedicados a temas interdisciplinares<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Ver, sobre essa expressão, “A Filosofia da USP sob a ditadura militar”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 53, março de 1999.

<sup>38</sup> Como exemplos dessa atividade, é possível mencionar a realização do Workshop Internacional “Civil Societies in Democratization Processes”, em fins de setembro de 2000, reunindo parceiros de pesquisa da Alemanha e da Argentina. Também seria possível mencionar o Colóquio “Direito e Democracia”, realizado em novembro de 2001, que tinha por objetivo reunir pesquisadores da teoria do direito e da política de Habermas, ou mesmo o Colóquio “Democracia Deliberativa”, realizado em fins de 2002, dedicado ao exame desse importante tema da teoria política sob as mais diferentes perspectivas. O exemplo mais recente desse tipo de iniciativa foi a realização, no CEBRAP, da São Paulo Critical Theory Conference 2011, que trouxe ao Brasil destacados jovens pesquisadores do campo crítico, permitindo intercâmbios frutíferos com o Núcleo Direito e Democracia.

Acredito que foi decisiva para o sucesso desse projeto a reflexão sobre o papel da filosofia nos consórcios intelectuais e na história da universidade brasileira. Pois é marcante, nesse sentido, o isolamento do direito como disciplina universitária nas últimas sete décadas, por exemplo. Acreditávamos – como acreditamos hoje – que era de extrema urgência e necessidade trazer a reflexão jurídica para o trabalho interdisciplinar. Nesse sentido, nossa reflexão e prática de pesquisa deram ensejo a que eu procurasse sistematizar um diagnóstico e propostas institucionais para uma renovação da pesquisa em direito no Brasil, em um Workshop que tinha como foco a criação da Escola de Direito de São Paulo, vinculada à Fundação Getulio Vargas<sup>39</sup>. Essa interface com o direito permanece uma característica importante da minha produção intelectual até hoje<sup>40</sup>.

Também o vínculo interno de direito e democracia – cuja teoria, acredito, depende de maneira estrita do aprendizado e manejo da reflexão jurídica – esteve na origem de um curso que organizei para o Colégio de São Paulo<sup>41</sup>, vinculado à Secretaria de Cultura do Município, e que promovia então cursos, palestras, seminários e debates abertos ao público na Biblioteca Mário de Andrade. É possível dizer que se tratou da primeira experiência de difusão no âmbito dos sucessivos Projetos Temáticos FAPESP desde 2000. Não só porque contou com a colaboração

---

<sup>39</sup> Conferência “O que é pesquisa em direito?”, Workshop EDESP/CEBRAP “O que é pesquisa em direito?”, Fundação Getulio Vargas, 9 e 10 de dezembro de 2002. A transcrição completa da conferência e do debate que se seguiu se encontra em “O que é pesquisa em Direito?”, in: Marcos Nobre et al., *O que é pesquisa em Direito?*, São Paulo: Quartier Latin, 2005. A versão em texto acabado está em “Apontamentos sobre a pesquisa em direito no Brasil”, in: Emerson Ribeiro Fabiani (org.), *Impasses e aporias do direito contemporâneo: estudos em homenagem a José Eduardo Faria*, São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

<sup>40</sup> Nesse sentido, destaco apenas dois outros artigos: “Indeterminação e estabilidade: os 20 anos da Constituição Federal e as tarefas da pesquisa em direito”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 82, novembro de 2008; e “Judicialização da política: déficits explicativos e bloqueios normativistas” (em coautoria com José Rodrigo Rodriguez), in: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 91, novembro de 2011. Este último foi apresentado na 35ª ANPOCS, Caxambu (MG), 2011, no Fórum “Dilemas da Modernidade Periférica”, e, em uma versão condensada para mídia impressa, foi publicado como “A política por todos os lados” (*Valor Econômico*, 25 de novembro a 1 de dezembro de 2011, caderno Eu&Fim de Semana, pp. 22-25). A mero título exemplificativo das variadas linhas de atuação do Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP, posso mencionar a coletânea: Paulo Mattos et al. (orgs.), *Regulação Econômica e Democracia. O Debate Norte-Americano*, São Paulo: Editora 34, 2004, para a qual eu e Ricardo Terra escrevemos uma “Breve Apresentação”.

<sup>41</sup> Curso “Elementos de Cidadania”, Colégio de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 8 de outubro a 1º de novembro de 2002.

de quatro integrantes do primeiro Projeto Temático, como também porque foi um curso que procurou reproduzir a estrutura interdisciplinar em que vimos trabalhando, conjugando pesquisadoras, pesquisadores e docentes de filosofia, direito e ciência política.

Essa experiência piloto depois se desdobrou em vários cursos e projetos de características e objetivos semelhantes. Dentre eles, eu destacaria, em primeiro lugar, aquele realizado no primeiro semestre do ano de 2006, no Centro Cultural Mariantonia, em São Paulo, que teve por título “Direito e Democracia”, tal como foi vertido para o português o título do livro de Jürgen Habermas de 1992, *Faktizität und Geltung*. O curso foi ministrado por dezenove pesquisadoras e pesquisadores do Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP e teve por objetivo servir de introdução sistemática e detalhada ao livro de Habermas. Sua publicação em livro se deu dois anos depois<sup>42</sup>.

Vai de si que esse conjunto de temas e de objetivos teóricos não podem ser pensados sem sua contrapartida tanto no que diz respeito a tomadas de posição em relação tanto a temas candentes de teoria política quanto em relação a temas de debate mais salientes na esfera pública em sentido mais amplo. Nessa década de 2000, dediquei-me ao exame aprofundado da questão da deliberação e da participação<sup>43</sup>, da distinção entre “direita” e “esquerda” na atualidade<sup>44</sup>, além do problema específico da tolerância no contexto de uma teoria crítica da política<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> Marcos Nobre e Ricardo Terra, *Direito e Democracia – Um guia de leitura de Habermas*, São Paulo; Malheiros, 2008. Além da “Apresentação” (realizada em conjunto com Ricardo Terra), escrevi a “Introdução” do volume. Uma versão em espanhol dessa “Introdução” foi publicada como: “Teoría Crítica de la Sociedad: Derecho y Democracia”, in: Margarita Sgrò (org.), *Teoría Crítica de la Sociedad, Educación, Democracia y Ciudadanía*, Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2008. Nesse contexto, vale destacar, como premissa do trabalho realizado posteriormente, meu artigo “Habermas e a Teoria Crítica da Sociedade: sobre o sentido da introdução da categoria do direito no quadro da *Teoria da ação comunicativa*”, in: Fernandes de Oliveira, Nythamar e Gonzaga de Souza, Draiton (orgs.), *Justiça e Política: homenagem a Otfried Höffe*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

<sup>43</sup> *Participação e Deliberação: Teoria Democrática e Experiências Institucionais no Brasil Contemporâneo* (coorganizador com Vera Schattan), São Paulo: Editora 34, 2004. Além da “Apresentação”, escrita em conjunto com Vera Schattan, sou autor do capítulo inicial “Participação e deliberação na teoria democrática: uma introdução”. Note-se ainda que muitas das contribuições

Como participante da vida pública, procuro sempre responder positivamente às oportunidades de intervenção na mídia que me são oferecidas. No campo das atividades que eu descreveria como para-acadêmicas, procuro escrever resenhas e artigos de divulgação<sup>46</sup>. Na linha de agitação cultural que marcou a já mencionada atuação nas páginas do *Jornal da Tarde* no período 1984-1987, prossegui escrevendo regularmente, primeiramente na internet<sup>47</sup>, depois na *Folha de*

---

presentes nesse volume foram realizadas por integrantes do mencionado Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP.

<sup>44</sup> “Novas Polarizações – Ainda Sobre Esquerda e Direita” e “Réplica”, in: *Economica*, Dossiê Direita e Esquerda, volume 9, número 2, dezembro de 2007; “A confusão entre direita e esquerda”, *Valor Econômico*, 29 de fevereiro de 2008, caderno Eu&Fim de Semana, pp. 16-18; debate gravado em vídeo “Esquerda, direita e outras vias”, com Luiz Felipe Pondé e mediação de Otavio Frias Frilho, série “Desentendimento”, revista *Serrote*, Instituto Moreira Salles, postado em 11 de fevereiro de 2011.

<sup>45</sup> “Elementos de um conceito crítico de tolerância”, in: Altair Alberto Fávero, Claudio Almir Dalbosco e Telmo Marcon (orgs.), *Sobre filosofia e educação: racionalidade e tolerância*, Passo Fundo: UPF Editora/DAAD, 2006; coorganizador (com Denilson Werle) e coautor da “Apresentação” ao “Dossiê Tolerância”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 84, julho de 2009.

<sup>46</sup> Como exemplos dessa atuação, posso mencionar as publicações: “‘Escola de Frankfurt’ virou um slogan disputado nas editoras e universidades”, resenha do livro de Olgária Mattos, *Os arcanos do inteiramente outro*, *Folha de S. Paulo*, caderno Letras, 24/03/1990, pp. F-4 e F-5; “Desordem do mundo”, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, 08/08/1999, p. 7; “A decadência de uma expressão”, resenha do livro de Rolf Wiggershaus *A Escola de Frankfurt*, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, 02/02/2003, p. 15; “O veneno para o antídoto”, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, 31/08/2003, p. 14. Também vão no mesmo sentido minhas participações nos cursos do espaço CPFL Cultura, em Campinas, muitas das quais transmitidas posteriormente pela TV Cultura de São Paulo e transformadas em DVDs com distribuição regular: “O marxismo da ‘Teoria Crítica’ de Adorno e Horkheimer”, ciclo Fundadores do Pensamento no Século XX, 17 de novembro de 2003; “Razão e Revolução”, Módulo Conceitual “A Crise da razão no mundo contemporâneo” (do qual fui co-curador, juntamente com José Arthur Giannotti), 19 de abril de 2005; “Refundação da República: Direitos e Cidadania”, Módulo Conceitual “A Invenção do futuro e a Refundação da República”, 14 de março de 2006; Palestra “Tolerância e Reconhecimento: limites da democracia liberal”, Módulo “Democracia no Limite. 4 maneiras de ir além do óbvio em política” (do qual fui curador), 24 de junho de 2010.

<sup>47</sup> Gostaria de destacar, nesse quesito, minha colaboração durante um longo período com a revista eletrônica *Trópico*, onde publiquei os textos: “Onde estão os ideólogos?” (26 de outubro de 2004); “Engolindo o próprio veneno” (10 de dezembro de 2004); “O Incrível George W. Bush” (18 de janeiro de 2005); “A última ficha caiu” (23 de fevereiro de 2005); “Todos os peões do presidente” (9 de abril de 2005); “Como assim, ‘não’?” (9 de junho de 2005); “Lula assume a presidência” (20 de julho de 2005); “Que projeto de país?” (26 de outubro de 2005); “A morte e a morte da canção” (3 de dezembro de 2005, em parceria com José Roberto Zan, Henry Burnett e Rúrion Soares Melo); “Juros, Mentiras e Videoteipe” (14 de fevereiro de 2006, em parceria com Vinicius Torres Freire); “Chega de Saudade” (14 de março de 2006, em parceria com José Roberto Zan, Henry Burnett e Rúrion Soares Melo). Na mesma linha dos textos sobre música popular brasileira publicados na *Trópico*, escrevi também, em parceria com José Roberto Zan, “A canção e a vaia” (*Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustríssima, 5 de dezembro de 2010, p. 8) e “A vida após a morte da canção”

S. Paulo, onde fui colunista semanal convidado durante as eleições de 2006 e, posteriormente, colunista semanal entre junho de 2007 e agosto de 2010, escrevendo sempre às terças-feiras na página A-2<sup>48</sup>. No período de outubro a dezembro de 2010, fui comentarista convidado do Jornal da Cultura, da TV Cultura, de São Paulo. Nesse mesmo período, iniciei também uma colaboração regular com diversas publicações impressas, com textos mais longos que se concentram sobretudo na análise da política brasileira<sup>49</sup>, que, por sua vez, deram ensejo a que eu concedesse uma série de entrevistas sobre os temas e tópicos abordados nesses artigos<sup>50</sup>.

Talvez essa necessidade teórica tenha se tornado mais premente depois da morte de meu pai, em novembro de 1990. Pode ser que eu tente sem saber continuar nossas conversas. O fato é que minha primeira tentativa escrita de análise de conjuntura foi um curto escrito sobre o impeachment de Collor<sup>51</sup>, que, não sei bem por quê, costumo ver como ligado à minha tentativa de compreender a

---

(*Serrote*, nº 6, novembro de 2010). Nesse mesmo contexto, desempenhei o papel de mediador na VI Festa Literária Internacional de Paraty, “Retrato em Branco e Preto”, em mesa redonda com Carlos Lyra e Lorenzo Mammì, Paraty, RJ, 3 de julho de 2008. E participei da mesa “A morte da canção”, do 14º Encontro de Pesquisas na Graduação em Filosofia da UNICAMP, de 8 a 12 de agosto de 2011, sempre em colaboração com José Roberto Zan.

<sup>48</sup> Nesse período fui também Membro do Júri do Prêmio Folha de Jornalismo, no ano de 2009.

<sup>49</sup> Com destaque para as seguintes publicações: “O fim da polarização. Nem petistas nem tucanos: o pemedebismo no poder”, *Piauí*, nº 51, dezembro de 2010; “Governo com pouca margem de manobra e ‘excesso de adesão’”, *Valor Econômico*, 2 de maio de 2011, caderno “Rumos da Economia”, p. F-2; “O condomínio peemedebista. As polarizações artificiais que travam o debate público”, *Folha de S. Paulo*, 15 de maio de 2011, caderno Ilustríssima, pp. 4-5; “A política da queda de braço”, *O Estado de S. Paulo*, caderno Aliás, 24 de julho de 2011, p. J-3; “A jovem guarda vem aí”, *Folha de S. Paulo*, 25 de setembro de 2011, caderno Ilustríssima, p. 3.

<sup>50</sup> Dentre as quais eu destacaria: “Temer, hoje, é o líder da oposição”, revista *Época*, nº 692, 22 de agosto de 2011, pp. 44-45; “Queda de braço de Dilma faz PMDB organizar centrão”, *O Estado de S. Paulo*, 14 de agosto de 2011, p. A-6; “Dilma perdeu seu grande projeto político”, *Valor Econômico*, 30 de maio de 2011, p. A-6; “‘Excesso de adesão’ é problema para Dilma, diz analista”, *Folha de S. Paulo*, 4 de abril de 2011, p. A-9; “O cortejo do atraso”, *O Estado de S. Paulo*, caderno “Aliás”, 9 de janeiro de 2011, p. J-4. Além disso, acredito que vale a pena mencionar, nesse contexto, a entrevista “PMDB é ‘zona de indistinção’ de PSDB e PT”, TV UOL, 1º de março de 2009; e o programa Globo News Painel, “Cem dias de Dilma Rousseff no poder”, com Carlos Melo, Eduardo Giannetti e mediação de William Waack, Globo News TV, 9 de abril de 2011.

<sup>51</sup> “Pensando o impeachment”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 34, novembro de 1992.

trajetória política de meu pai<sup>52</sup>. Meu primeiro trabalho mais alentado nesse sentido foi um texto escrito a quatro mãos com Vinicius Torres Freire – interlocutor decisivo para minha reflexão desde os tempos de graduação – sobre a lógica do primeiro mandato presidencial de Fernando Henrique Cardoso<sup>53</sup>.

Essa intensa atividade como intelectual público fez também com que eu recebesse uma série de convites para participar de debates e de atividades de âmbito internacional, entre os quais eu destacaria aquele feito pelo governo da Alemanha para acompanhar as eleições gerais de 27 de setembro de 2009 naquele país, na qualidade de “Observador Eleitoral”<sup>54</sup>.

Seja como for, essa variada gama de interesses e de iniciativas sempre teve por foco, do meu ponto de vista, o estudo e a atualização da tradição da Teoria Crítica. Por essa razão, pode-se dizer que, entre os anos de 2002 e 2008, dediquei-me principalmente a duas tarefas simultâneas. De um lado, demarcar da maneira mais nítida possível o campo crítico tal como o concebo, de tal maneira essa demarcação permitisse tanto a compreensão dos princípios e dos elementos mais fundamentais da Teoria Crítica quanto uma apresentação exemplar dos trabalhos de teóricas críticas e de teóricos críticos recebessem apresentação que considero exemplar. De outro lado, esse esforço para o estabelecimento de um *campo* crítico plural e, ao mesmo tempo, comum de investigação fez com que eu me dedicasse à escavação dos fundamentos da tradição da Teoria Crítica e, dessa maneira, estivesse em condições de apresentar um diagnóstico da situação atual desse campo e de suas perspectivas.

---

<sup>52</sup> “O cidadão”, in José Marques de Melo (org.), *Freitas Nobre*, Simpósios em Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1991.

<sup>53</sup> “Política difícil, estabilização imperfeita: os anos FHC”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 51, julho de 1998.

<sup>54</sup> Sobre essa experiência, além de duas colunas na *Folha de S. Paulo*, escrevi o texto “Eleição marcada pelo silêncio”, Newsletter DAAD, número 63, outubro de 2009; e concedi, em 29 de setembro de 2009, entrevista para a emissora alemã WDR 2, que recebeu o título: “Es wird noch einmal Polarisierung geben”.

No que diz respeito à primeira tarefa, entendi ser necessário colocar em segundo plano os elementos mais diretamente institucionais da Teoria Crítica (aqueles que fazem dela “Escola de Frankfurt”, justamente) e entender a expressão “Teoria Crítica” como um campo intelectual, no interior do qual podemos distinguir *modelos* diferentes de teoria, entre eles o modelo habermasiano. Daí minha proposta de organizar autores e períodos diferentes dessa vertente intelectual segundo *modelos* de Teoria Crítica que, de um lado, os distinguiriam uns dos outros, e, de outro, deverão permitir uma referência a uma matriz teórica comum a partir da qual se torna possível dizer que são modelos de uma mesma tradição crítica<sup>55</sup>.

Nesse contexto, durante todo o segundo semestre de 2006, organizei, no Instituto Goethe de São Paulo, o “Curso Livre de Teoria Crítica”, ministrado por doze pesquisadoras e pesquisadores, sendo dez integrantes do Núcleo Direito e Democracia. A qualidade das conferências e o público numeroso que atingiu nos convenceram da oportunidade e da necessidade de realizar a publicação em livro, no qual, em vinte capítulos e contando com a colaboração adicional de duas outras pesquisadoras, são apresentadas as teorias de catorze diferentes teóricas e teóricos críticos, desde Marx até Seyla Benhabib. Como diz a “Apresentação”, trata-se de “apresentar de maneira nova o pensamento de autores já conhecidos, introduzir novas autoras e novos autores e discutir que significados podem ter hoje essas obras para uma renovação da visão crítica da sociedade. Mesmo introduzindo temas, autoras e autores novos, não temos qualquer pretensão de fazer uma apresentação exaustiva do campo crítico. Mesmo com tantos novos nomes, ainda haveria muitos por mencionar e estudar, assim como cada autora ou autor poderia ser apresentado

---

<sup>55</sup> Sobre isso, ver especialmente, de minha autoria: *A Teoria Crítica*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 ; “Introdução – Modelos de Teoria Crítica”, e “Max Horkheimer – A Teoria Crítica entre o Nazismo e o Capitalismo Tardio”, ambos in: Marcos Nobre (org.), *Curso Livre de Teoria Crítica*, Campinas: Papyrus, 2008 ; e ainda “Teoria Crítica Hoje”, in: Daniel Tourinho Peres et al. (orgs.), *Tensões e Passagens: Crítica e Modernidade – Uma homenagem a Ricardo Terra*, São Paulo: Singular, 2008 , volume do qual sou também coorganizador e coautor da “Apresentação”. Outros documentos dessa vertente de pesquisa podem ser encontrados em: “Crítica e emancipação: em busca dos princípios fundamentais da Teoria Crítica”, in: *Espacios en blanco*, nº 14, 2004, Buenos Aires, Argentina ; e “A Idéia de Teoria Crítica”, in Muller, Maria Cristina e Cenci, Elve Miguel (orgs.), *Ética, Política e Linguagem: confluências*, Londrina: Edições CEFIL, 2004.

sob outros enfoques, a partir de outros temas e problemas”<sup>56</sup>. Uma nova versão do “Curso Livre” foi realizada na cidade de Curitiba no primeiro semestre de 2010<sup>57</sup>.

Para alcançar todos esses objetivos no período de 2002 a 2008, foi de grande importância o estágio pós-doutoral que realizei de janeiro a junho de 2001 na Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main, Alemanha, sob a supervisão de Axel Honneth, e que contou com um auxílio da FAPESP. Foi nesse estágio de pesquisa que tive o tempo e as condições para reunir o material e a reflexão que permitiu chegar a todos esses desdobramentos. Foi também nesse período que conheci alguns dos mais instigantes representantes da geração da Teoria Crítica seguinte àquela que eu tinha conhecido em Berlin seis anos antes e que tenho o privilégio de manter até hoje como interlocutores: John Abromeit, Olivier Voirol, Jaeho Kang. Os três já vieram ao Brasil pelo menos uma vez para colóquios e discussões com nosso grupo de pesquisa em Teoria Crítica. Olivier Voirol e Jaeho Kang, por sua vez, reuniram-se, no ano de 2011, a representantes de destaque da geração seguinte da Teoria Crítica, com intelectuais como Ina Kerner e Robin Celikates<sup>58</sup>. E assim, acredito, a circulação de ideias e os contatos com novas formulações instigantes no campo crítico continuam a se dar de maneira produtiva, fomentando uma renovação constante e permitindo tanto um intercâmbio que seja efetivamente um diálogo quanto um espaço em que novas gerações no Brasil podem se formar em contato não só com o passado, mas também com o presente da Teoria Crítica.

---

<sup>56</sup> Marcos Nobre (org.), *Curso Livre de Teoria Crítica*, Campinas: Papirus, 2008, p. 8. Além da “Apresentação” volume, sou o autor também dos seguintes capítulos: “Introdução – Modelos de Teoria Crítica”, “Max Horkheimer – A Teoria Crítica entre o Nazismo e o Capitalismo Tardio”, “Marx – Teoria do Valor-Trabalho e Fetichismo”, e “Weber – Racionalização e Desencantamento do Mundo”.

<sup>57</sup> Com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR, do SESC Paraná e do Instituto Goethe de Curitiba. Fui responsável pela conferência “Max Horkheimer”, realizada em 22 de março de 2010, no Paço da Liberdade, Curitiba-PR.

<sup>58</sup> Na “São Paulo Critical Theory Conference 2011”, que organizei no CEBRAP nos dias 3 a 5 de outubro de 2011. Os textos apresentados por esses quatro nomes compõem o dossiê “Teoria Crítica: uma nova geração”, aparecido no número 93 (julho de 2012) da revista *Novos Estudos*, com apresentação de minha autoria.

Além de submeter um de meus textos à discussão no “Kolloquium” do Prof. Axel Honneth, que frequentei durante toda minha estadia em Frankfurt, mantive também uma série de reuniões e sessões de trabalho com vistas ao estabelecimento (ou continuidade) da cooperação de jovens pesquisadoras e pesquisadores de instituições europeias com o Projeto Temático já mencionado. Entre outros resultados de intercâmbio, seria possível mencionar a vinda dos Professores Axel Honneth e Klaus Günther para discussões com nosso grupo de pesquisa, nos anos de 2003 e 2009<sup>59</sup>. Também fui o responsável por escrever a “Apresentação” do livro de Honneth, *Luta por reconhecimento*, lançado no Brasil em 2003<sup>60</sup>.

Do ponto de vista da segunda tarefa a que me dediquei primordialmente nesse período, para além, portanto, da proposta de construção de um campo e de um repertório próprios da Teoria Crítica tal como os entendo, procurei realizar avaliações da situação atual do campo crítico e busco encontrar caminhos para levar adiante essa tradição intelectual. E isso se deu tanto com relação a problema de fundamentação da perspectiva crítica como em relação a temas e problemas específicos, como, por exemplo, a participação e a deliberação democráticas, a

---

<sup>59</sup> Além de uma sessão de discussão no CEBRAP, participei com Klaus Günther, na qualidade de expositor, da mesa “Responsabilização individual na sociedade do risco”, no Congresso Brasil-Alemanha “Responsabilidade e Pena no Estado Democrático de Direito”, Escola de Direito de São Paulo/Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 5 a 7 de outubro de 2009. No mesmo sentido de estabelecer pontes entre o grupo de pesquisa do Núcleo Direito e Democracia “Pena e responsabilidade” e interlocutores alemães, participei, na qualidade de expositor, do Colóquio Teuto-Brasileiro “Research on Crime, Criminal Law and Criminology”, Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha, 24 de julho de 2007.

<sup>60</sup> In: Axel Honneth, *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, tradução de Luiz Repa, São Paulo: Editora 34, 2003. Tive também oportunidade de realizar duas entrevistas com Axel Honneth por ocasião de suas visitas ao Brasil: “A dimensão moral”, Folha de S. Paulo, 27 de setembro de 2009, caderno Mais! (em coautoria com Rúrion Melo); e “Honneth esquadrinha ‘déficit sociológico’”, entrevista com Axel Honneth, Folha de S. Paulo, caderno Ilustrada, 11/10/2003, p. E-7 (em parceria com Luiz Repa). Esta última foi publicada também em livro como “Das soziologische Defizit der Kritischen Theorie”, in: Mauro Basare, Jan Philipp Reemtsma e Rasmus Willig (orgs.), *Erneuerung der Kritik. Axel Honneth im Gespräch*, Frankfurt/Nova York: Campus, 2009.

distinção entre Esquerda e Direita, ou o problema da tolerância em sociedades democráticas<sup>61</sup>.

No que diz respeito a problemas de fundamentação da perspectiva crítica na atualidade, o primeiro produto de meus esforços se materializou no artigo “Teoria Crítica hoje”<sup>62</sup>. Nesse texto, busco basicamente demonstrar que o momento fundador da Teoria Crítica se transformou de tal maneira que, a partir dos anos 1990, as fronteiras relativamente à Teoria Tradicional se encontram difíceis de discernir. Por essa razão retomo esse momento inaugural, derivado da apropriação por Marx da crítica de Hegel a Kant, para mostrar a necessidade de uma reflexão por parte de teóricas e de teóricos críticos sobre os fundamentos atuais do campo em que se inserem. É a luz dessa posição do problema que examino as contribuições, a partir da década de 1990, de Jürgen Habermas, Seyla Benhabib,

---

<sup>61</sup> Para tanto, foram de essencial importância as sucessivas estadias de pesquisa nos EUA e na Europa. Ressalto aqui os estágios realizados: na Universidade da Califórnia, Berkeley, de dezembro de 2003 a fevereiro de 2004, com o apoio de Martin Jay; na Universidade de Chicago, de abril a junho de 2007, com o apoio de Moishe Postone; e sucessivos períodos de dois meses junto à Universidade de Paris I (Sorbonne), nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009, 2011 e 2012 junto ao grupo NoSoPhi (Normes, Sociétés, Philosophies), coordenado por Jean-François Kervégan até 2011 e, em seguida, por Laurent Jaffro. Nos estágios realizados em Berkeley e em Chicago, tive o privilégio da convivência intelectual mais intensa com John Abromeit, colega que tinha conhecido quando do estágio em Frankfurt, em 2001.

<sup>62</sup> “Teoria Crítica Hoje”, in: Daniel Tourinho Peres et al. (orgs.), *Tensões e Passagens: Crítica e Modernidade – Uma homenagem a Ricardo Terra*, São Paulo: Singular, 2007. Diferentes versões desse texto foram apresentadas nos seguintes eventos: Seminário “From World Modernity to Multiple Modernities: Social Theory in the Context of Global Transformation”, IUPERJ, Rio de Janeiro, 5 a 7 de maio de 2005. Expositor: “Does the Distinction between Traditional and Critical Theory Still Hold?”, 6 de maio de 2005; Congresso “Philosophy and the Social Sciences”, Praga, República Tcheca, 19 a 22 de maio de 2005. Expositor: “Traditional and Critical Theory Revisited”, 19 de maio de 2005; 29º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 25 a 29 de outubro de 2005. Expositor: “Sobre a relevância da distinção entre teoria tradicional e teoria crítica na atualidade”, 26 de outubro de 2005; XV Colóquio Nacional Lógica e Ontologia, UFRGS, Porto Alegre, 15 de julho de 2008. Expositor: “Teoria Crítica Hoje”; II Reunión Científica “Teoría crítica de la sociedad, Educación, Democracia y Ciudadanía”, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, Argentina, 21 a 24 abril de 2010. Expositor: “Teoría Crítica Hoy”. Uma versão já um pouco modificada do texto foi apresentada na “São Paulo Critical Theory Conference 2011”, que organizei no CEBRAP nos dias 3 a 5 de outubro de 2011: “Does the Relation to Traditional Theory Still Establish the Field for Critical Theory Today?”. Além de organizador do encontro e expositor, fui também o debatedor do texto de Robin Celikates, “Systematic Misrecognition and the Practice of Critique: Bourdieu, Boltanski and the Role of Critical Theory”.

Nancy Fraser e Axel Honneth, de tal maneira a recolocar, em novos termos, esse momento fundador da Teoria Crítica.

O que significa também, de um lado, criticar aspectos ou mesmo a integralidade desses modelos críticos, e, de outro lado, propor um quadro teórico capaz tanto de reorganizar o campo crítico como um todo quanto encontrar respostas para as críticas formuladas. Encontrei em representantes de destaque do campo crítico na atualidade muitas formulações que parecem resvalar perigosamente para o normativismo, abandonando a intuição central da tradição crítica de ancorar a emancipação na concretude das relações sociais presentes e abrindo mão de apresentar sua orientação normativa segundo um diagnóstico de tempo capaz de descortiná-la como uma tendência real de desenvolvimento. Sendo assim, como já havia afirmado no mencionado artigo “Teoria Crítica hoje”, de 2008, e como reafirmei na “Apresentação” para o dossiê “Teoria Crítica: uma nova geração”, de 2012, procurei desenvolver mais concretamente a ideia de “modelo crítico” no sentido de tentar organizar os diferentes modelos segundo sua relação com o campo de forças intelectual formado pelos pensamentos de Kant e de Hegel.

Partindo de meu trabalho anterior sobre o pensamento de Adorno – estruturado segundo essa leitura pós-marxista do campo de forças teórico representado por Kant e Hegel –, pude pensar o paradigma crítico inaugurado por Horkheimer nos anos 1930 como distinto tanto do modelo crítico de Walter Benjamin (que tem sua referência na teoria de Marx, mas que escapa ao mencionado campo de forças do idealismo alemão) quanto de formas de crítica social radical que não têm por referência Marx ou mesmo a noção mais fundamental de emancipação, buscando antes sua inspiração em formulações de Heidegger, Nietzsche, ou Derrida – como é o caso das críticas genealógicas, do pós-colonialismo, ou da queer theory. Com isso, acredito ter conseguido avançar no sentido de compreender a teoria de Habermas em sua configuração até a década de

1980 tanto em sua ruptura como em sua continuidade com o paradigma proposto por Horkheimer cinco décadas antes.

Em continuidade com o paradigma crítico horkheimeriano, Habermas continua a se mover em um campo de forças formado pelos pensamentos de Kant e de Hegel segundo o ponto de fuga representado pela teoria de Marx. Em ruptura com esse paradigma inaugural, Habermas mostra que essa perspectiva teórica tem de ser atualizada segundo os requisitos de uma “virada comunicativa” da noção central desse quadro teórico, a de “*Setzung*”, referência que desenvolvi no já mencionado artigo de 2011 sobre a trajetória intelectual de J. A. Giannotti. Com isso, debruço-me hoje sobre a formulação do que chamo de “paradigma crítico reconstrutivo”<sup>63</sup>.

Nesse contexto, é possível falar em um “paradigma crítico” quando um modelo crítico estabiliza *formulações determinadas* para os três conjuntos de problemas teórico-críticos fundamentais – aqueles relativos à demarcação, à justificação e à circunscrição de objeto –, formulações que passam a ser, a partir daí, pressupostas por modelos críticos posteriores. Essas formulações, por sua vez, estão internamente vinculadas, como em qualquer modelo crítico, a *diagnósticos de tempo* determinados. O que significa dizer, portanto, que também os diagnósticos de tempo de modelos críticos vinculados a um paradigma têm estruturas comuns determinadas, *formulações pressupostas* que cabe explicitar a cada vez. Dito de maneira sumária, no caso do paradigma reconstrutivo já estabilizado (ou seja, na versão já decantada da teoria de Habermas), os elementos mínimos de resposta aos três conjuntos de problemas mencionados seriam, respectivamente: orientação para a emancipação como multiplicação de vozes e formas de vida (demarcação), recusa

---

<sup>63</sup> As referências textuais aqui são: Marcos Nobre e Luiz Repa (orgs.), *Habermas e a reconstrução. Sobre a categoria central da Teoria Crítica habermasiana*, Campinas: Papirus, 2012; Marcos Nobre, “Reconstrução em dois níveis. Um aspecto do modelo crítico de Axel Honneth”, in: Rúrion Melo (org.), *A Teoria Crítica de Axel Honneth* (no prelo); e a Tese de Livre-Docência *Experiência e modernidade. Um comentário da “Introdução” à Fenomenologia do espírito de Hegel*, Campinas: UNICAMP/IFCH, 2012.

de qualquer elemento de filosofia da história (justificação) e foco na infraestrutura comunicativa da sociedade (circunscrição de objeto).

Com isso, acredito poder tanto estabelecer um campo de debate comum a diferentes contribuições da Teoria Crítica atual como criticá-las a partir de uma proposta própria no interior desse paradigma. Torna-se possível, por exemplo, ver o modelo crítico de Habermas a partir da década de 1990 como *um* dentre muitos no interior do paradigma crítico reconstrutivo e não como *o* modelo crítico por excelência no seu interior. Sendo assim, o modelo crítico mais recente de Habermas encontra-se em competição teórica com outras formulações dentro do mesmo paradigma como, por exemplo, a de Axel Honneth. Para avançar no sentido de apresentar um modelo crítico próprio no âmbito do paradigma crítico reconstrutivo, entendo ser necessário, contudo, desenvolver previamente tanto os seus componentes fundamentais enumerados aqui como tentar reconstruir sua história intelectual.

Buscando desenvolver em paralelo essas duas tarefas, acredito ter conseguido até agora avançar mais na execução da segunda delas, apresentada aqui como Tese de Livre-Docência. Ao buscar reconstruir as fontes da “reconstrução”, encontrei na *Fenomenologia do espírito* de Hegel seu modelo original. O que, de um lado, não é de surpreender, dado o papel central que tem a modernidade na filosofia hegeliana. Mas, de outro lado, não deixa de ser surpreendente, já que, no interior do sistema hegeliano da obra posterior, a *Fenomenologia* não encontra lugar adequado e, por isso, apesar do seu brilhantismo, foi habitualmente relegada a um papel secundário.

A Tese de Livre-Docência *Experiência e modernidade. Um comentário da “Introdução” à Fenomenologia do espírito de Hegel* propõe uma mudança radical na maneira de ver essa relação, conferindo à *Fenomenologia* preeminência e primazia em vista do conjunto da obra. Para realizar esse trabalho foi necessário

investigar a fundo parte considerável da enorme bibliografia que compõe o campo dos estudos hegelianos. O que significou, por sua vez, um mergulho em profundidade em muitos dos topói da literatura secundária, já que não seria possível propor uma reinterpretação como essa sem passar por uma série de nós teóricos consagrados. Mas, independentemente do valor que possa ter no campo dos estudos hegelianos, o percurso esboçado até aqui mostra já que o longo e penoso trabalho de exegese e reconstrução desse momento da filosofia hegeliana tem em vista a tradição intelectual da Teoria Crítica e sua atualidade. É a possibilidade de atualizar o modelo hegeliano da *Fenomenologia* que constitui a marca distintiva da Tese aqui apresentada.

O que indica, não por último, que o que se descreveu até aqui não foi um percurso acabado e encerrado nele mesmo, mas um pedaço de chão que, mais tarde, pode ou não se mostrar como pedaço de um caminho. A prova da existência do caminho está em percorrê-lo. Só assim o caminho ele mesmo pode ser primeiramente aberto.

## *CURRICULUM VITAE ET STUDIORUM*

### 1. DADOS PESSOAIS

- **Nome:** MARCOS SEVERINO NOBRE
  
- **Filiação:** José Freitas Nobre  
Marlene Rossi Severino Nobre
  
- **Nascimento:** 13/04/1965, São Paulo/SP.
  
- **Documentos de identidade:** RG 8.146.264; CPF 075.326.118-92;  
Título de Eleitor: 19455001-59;  
Certificado de Reservista: 040402176388.
  
- **Endereço profissional:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Filosofia.  
Cidade Universitária Zeferino Vaz  
Rua Cora Coralina, s/nº,  
Campinas/SP, CEP 13083-896.  
Tel: 55 19 3521-1574.  
Email: [nobre@unicamp.br](mailto:nobre@unicamp.br); matrícula: 23757-4.
  
- **Endereço residencial:** Rua Cardeal Arcoverde, 248, casa 4,  
São Paulo/SP, CEP 05408-000.  
Tel: 55 11 3062-0094.



## 2. FORMAÇÃO ESCOLAR / ACADÊMICA

### 2.1. ENSINO FUNDAMENTAL.

1972-1975: Equipe de Ensino Juca Peralta, São Paulo/SP.

1976-1979: Colégio Palmares, São Paulo/SP.

### 2.2. ENSINO MÉDIO.

1980: Colégio Palmares, São Paulo/SP.

1981-1982: Colégio Gávea, São Paulo/SP.

### 2.3. BACHAREL EM CIÊNCIAS SOCIAIS.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1987.

### 2.4. MESTRE EM FILOSOFIA.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), 1991.

“Limites da reificação. Um estudo sobre *História e consciência de classe*, de Georg Lukács”.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra.

**Resumo:** Trata-se de um estudo sobre o livro de Georg Lukács, *História e consciência de classe*, em que o ponto de fuga está posto para além do livro, está posto em suas linhas de continuidade e descontinuidade em relação aos trabalhos da Teoria Crítica, em especial aos escritos de Max Horkheimer dos anos 1930, bem como a *Dialética do esclarecimento*, que realizou em parceria com Theodor W. Adorno. A tese de fundo é a de que o quadro teórico em que se movem Horkheimer e Adorno foi em boa medida estabelecido pelo livro de Lukács. Por essa razão, a perspectiva de leitura adotada em relação à *História e consciência de classe* é antes a de ressaltar as tensões que advêm tanto de um novo diagnóstico de tempo (em relação àquele de Marx e do marxismo de maneira geral) como da apropriação dos trabalhos de Max Weber. Porque enfatizar as tensões presentes nesses dois movimentos simultâneos permite em boa medida compreender também os parâmetros fundamentais em que surgem as inovações da Teoria Crítica. Para alcançar esses objetivos, o trabalho circunscreve seu campo de investigação a partir da noção fundamental de reificação, procurando pensá-la no campo de forças formado pela teoria de Marx e a tese da racionalização de Weber.

## 2.5. DOUTOR EM FILOSOFIA.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), 1997.

“A ontologia do estado falso: a dialética negativa de Theodor W. Adorno”.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra.

**Resumo:** *Apresenta-se neste trabalho o diagnóstico do capitalismo tardio proposto por Theodor W. Adorno, tentando-se também contrastá-lo com desenvolvimentos de Jürgen Habermas no mesmo sentido. Com isso, pretende-se obter os elementos de filosofia da história, de crítica da ideologia e de concepção da dialética que estão na base do esforço teórico adorniano. O objetivo mais geral é o de estabelecer em suas grandes linhas o sentido do percurso intelectual de Theodor W. Adorno. O que significa entre outros designar o lugar que ocupa a Dialética negativa nesse percurso, já que esse livro é o ponto de fuga do presente trabalho. Mas tal objetivo já indica também se tratar de uma tentativa preambular, exploratória, que pretende antes demarcar o que o Autor acredita ser propriamente o terreno legítimo de uma investigação da obra de Adorno, uma perspectiva capaz de concatenar significativamente os problemas de uma dialética negativa e de uma crítica imanente, uma perspectiva que permita dirigir ao pensamento de Adorno as perguntas corretas e fecundas. O resultado desse percurso é a apresentação da peculiar “teoria da ilusão socialmente necessária” proposta por Adorno, tentativa que subverte radicalmente a significação de conceitos como ideologia, crítica, crítica imanente, dialética, aparência, atribuindo-lhes sentidos novos. O que, por sua vez, deve nos permitir pensar com o rigor requerido a prática adorniana do “ensaio como forma”.*

## 2.6. PÓS-DOCTORADO.

Instituto de Filosofia da Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main, Alemanha, janeiro a junho de 2001.

**Resumo:** *No contexto mais amplo de uma investigação de longo prazo sobre o campo da Teoria Crítica, busquei fundamentar em suas grandes linhas os princípios de demarcação desse campo e aplicar esses princípios ao estudo de autores específicos dessa tradição. Foi nesse contexto que elaborei e apliquei a ideia de “modelo crítico” como ferramenta conceitual fundamental para organizar o campo crítico tanto em relação ao passado como em vista das contribuições críticas atuais. Essa investigação me levou ao problema crucial da distinção mesma entre Teoria Tradicional e Teoria Crítica. Partindo da ideia mais geral de que tal distinção inaugural, em sua formulação original, não é mais capaz de dar conta do campo crítico tal como se configura na atualidade, procurei pensar em que termos é possível hoje colocar essa distinção de modo tanto a conceitualizar o campo como pensar sua continuidade. Isso me levou, de um lado, a analisar o formato atual das contribuições que poderiam ser chamadas de tradicionais, e, de outro, da maneira pela qual com elas se relacionam, hoje, as contribuições consideradas como críticas.*

### **3. CARGOS E FUNÇÕES EXERCIDAS**

- 3.1.** Professor de Filosofia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1989-1990.
- 3.2.** Professor do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desde 1990.
- 3.3.** Representante titular dos docentes MS-2 na Congregação do IFCH-UNICAMP, 1993-1994.
- 3.4.** Diretor-Executivo da Editora da UNICAMP, abril-junho de 1998.
- 3.5.** Representante suplente dos docentes MS-3 na Congregação do IFCH-UNICAMP, 1998-2000.
- 3.6.** Representante do Departamento de Filosofia na Comissão de Biblioteca do IFCH, UNICAMP, 1999-2003.
- 3.7.** Membro da Subcomissão de Pós-Graduação em Filosofia do IFCH, 1999-2000.
- 3.8.** Representante titular dos docentes MS-3 na Congregação do IFCH-UNICAMP, 2000-2002.
- 3.9.** Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do IFCH, 2001-2004.

- 3.10.** Membro da Comissão de Graduação em Filosofia do IFCH, 2001-2004.
- 3.11.** Representante titular dos docentes MS-3 na Congregação do IFCH-UNICAMP, 2002-2004.
- 3.12.** Coordenador de Seminários do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), 2004-2006.
- 3.13.** Coordenador Geral de Pós-Graduação do IFCH-UNICAMP, 2004-2006.
- 3.14.** Membro da Congregação do IFCH-UNICAMP, 2004-2006.
- 3.15.** Diretor Administrativo-Financeiro do CEBRAP, junho/2009 a maio/2011.
- 3.16.** Membro da Subcomissão de Pós-Graduação em Filosofia do IFCH, outubro/2009 a setembro/2011.
- 3.17.** Representante suplente dos docentes MS-3 na Congregação do IFCH-UNICAMP, 2010-2012.
- 3.18.** Membro da Subcomissão de Pós-Graduação em Filosofia do IFCH, outubro/2011 a setembro/2013.

## **4. ATIVIDADES DIDÁTICAS**

### **4.1. CURSOS REGULARES MINISTRADOS – GRADUAÇÃO**

#### **4.1.1. 1º SEMESTRE DE 1989.**

Filosofia I – Temas de Filosofia da Ciência: Analíticos e Dialéticos.

#### **4.1.2. 2º SEMESTRE DE 1989.**

Filosofia II – Temas de Filosofia da Ciência: Analíticos e Dialéticos (continuação).

#### **4.1.3. 2º SEMESTRE DE 1990.**

HG402 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea - “Georg Lukács e a Teoria Crítica”.

#### **4.1.4. 2º SEMESTRE DE 1991.**

HG402 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea - “Racionalização e reificação: duas faces da modernização capitalista”.

#### **4.1.5. 1º SEMESTRE DE 1992.**

Curso de Especialização – Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise (FFPP) - “Filosofia Moderna: a questão do sujeito”.

#### **4.1.6. 2º SEMESTRE DE 1992.**

HG402 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea. “Racionalização e reificação: duas faces da modernização capitalista”.

#### **4.1.7. 1º SEMESTRE DE 1993.**

HG061 (turma A) – Filosofia da História - “A reflexão sobre a história de Walter Benjamin”.

- 4.1.8.** 2º SEMESTRE DE 1993.  
HG401 (turma A) – História da Filosofia Moderna I - “Introdução à ‘Dedução transcendental das categorias’ da *Crítica da razão pura* de Kant”.
- 4.1.9.** 1º SEMESTRE DE 1994.  
HG304 (turma A) – Teoria do Conhecimento - “Leitura da ‘Introdução’ à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel”.
- 4.1.10.** 1º SEMESTRE DE 1994.  
HG917 (turma A) – Tópicos Especiais de História da Filosofia V - “A Teoria Crítica da Sociedade em seus textos fundamentais”.
- 4.1.11.** 1º SEMESTRE DE 1996.  
HG102 (turma A) – Filosofia Geral I - “Introdução ao vocabulário e à terminologia kantianos”.
- 4.1.12.** 2º SEMESTRE DE 1996.  
HG402 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea - “Walter Benjamin e Theodor Wiesengrund Adorno: Sobre a História”.
- 4.1.13.** 1º SEMESTRE DE 1997.  
HG531 (turma A) – Tópicos Especiais de Metafísica I - “Leitura da ‘Introdução’ à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel”.
- 4.1.14.** 2º SEMESTRE DE 1997.  
HG620 (turma A) – Tópicos Especiais de Filosofia Política - “Leituras de Jürgen Habermas”.

**4.1.15.** 1º SEMESTRE DE 1998.

HG730 (turma A) – Tópicos Especiais em História da Filosofia Contemporânea - “A filosofia tardia de Theodor W. Adorno: três textos e uma breve incursão pela *Dialética Negativa*”.

**4.1.16.** 2º SEMESTRE DE 1998.

HG401 (turma A) – História da Filosofia Moderna I - “Introdução à ‘Dedução transcendental das categorias’ da *Crítica da razão pura* de Kant”.

**4.1.17.** 2º SEMESTRE DE 1999.

HG022 (turmas A e B) – Epistemologia das Ciências Sociais - “Leitura de Max Weber a partir da distinção kantiana entre ‘ser’ e ‘dever ser’”.

**4.1.18.** 2º SEMESTRE DE 2000.

HG022 (turmas A e B) – Epistemologia das Ciências Sociais - “Leitura de Max Weber a partir da distinção kantiana entre ‘ser’ e ‘dever ser’”.

**4.1.19.** 2º SEMESTRE DE 2001.

HG022 (turmas A e B) – Epistemologia das Ciências Sociais - “Introdução à teoria da ação comunicativa de Habermas”.

**4.1.20.** 1º SEMESTRE DE 2002.

HG101 (turma A) – Introdução à Filosofia - “Introdução à Filosofia de René Descartes”.

- 4.1.21.** 1º SEMESTRE DE 2003.  
HG304 (turma A) – Teoria do Conhecimento I - “Introdução à Dedução Transcendental das Categorias da *Crítica da razão pura*”.
- 4.1.22.** 2º SEMESTRE DE 2003.  
HG403 (turma A) – Estética I - “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.
- 4.1.23.** 1º SEMESTRE DE 2004.  
HG102 (turma A) – Filosofia Geral I - “A Filosofia Moderna de René Descartes”.
- 4.1.24.** 1º SEMESTRE DE 2004.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.25.** 2º SEMESTRE DE 2004.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.26.** 2º SEMESTRE DE 2004.  
HG 892 (turma A) – Estudo Dirigido II.
- 4.1.27.** 1º SEMESTRE DE 2005.  
HG107 (turma A) – Redação Filosófica - “Introdução à Filosofia de René Descartes”.
- 4.1.28.** 1º SEMESTRE DE 2005.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.29.** 1º SEMESTRE DE 2005.  
HG 892 (turma A) – Estudo Dirigido II.

- 4.1.30.** 1º SEMESTRE DE 2005.  
HG 894 (turma A) – Estudo Dirigido IV.
- 4.1.31.** 2º SEMESTRE DE 2005.  
HG402 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea I - “A filosofia hegeliana como crítica das filosofias do entendimento”.
- 4.1.32.** 2º SEMESTRE DE 2005.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.33.** 2º SEMESTRE DE 2005.  
HG 892 (turma A) – Estudo Dirigido II.
- 4.1.34.** 2º SEMESTRE DE 2005.  
HG 893 (turma A) – Estudo Dirigido III.
- 4.1.35.** 1º SEMESTRE DE 2006.  
HG107 (turma A) – Redação Filosófica - “Introdução à Filosofia de René Descartes”.
- 4.1.36.** 1º SEMESTRE DE 2006.  
HG 894 (turma A) – Estudo Dirigido IV.
- 4.1.37.** 2º SEMESTRE DE 2006.  
HG 893 (turma A) – Estudo Dirigido IV.
- 4.1.38.** 2º SEMESTRE DE 2007.  
HG840 (turma A) – Tópicos Especiais de História da Filosofia Contemporânea II - “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”.

- 4.1.39.** 2º SEMESTRE DE 2007.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.40.** 1º SEMESTRE DE 2008.  
HG 933 (turma A) – Tópicos Especiais de História da Filosofia X -  
“Introdução à *Fenomenologia do Espírito*”.
- 4.1.41.** 1º SEMESTRE DE 2008.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.42.** 2º SEMESTRE DE 2008.  
HG208 (turma A) – Introdução à Filosofia Geral II - “Descartes  
segundo a ordem das razões”.
- 4.1.43.** 2º SEMESTRE DE 2008.  
HG 892 (turma A) – Estudo Dirigido II.
- 4.1.44.** 1º SEMESTRE DE 2009.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.45.** 1º SEMESTRE DE 2009.  
HG 893 (turma A) – Estudo Dirigido III.
- 4.1.46.** 2º SEMESTRE DE 2009.  
HG 402 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea I - “A teoria  
da ação comunicativa de Jürgen Habermas”.
- 4.1.47.** 2º SEMESTRE DE 2009.  
HG 892 (turma A) – Estudo Dirigido II.

- 4.1.48.** 2º SEMESTRE DE 2009.  
HG 893 (turma A) – Estudo Dirigido III.
- 4.1.49.** 2º SEMESTRE DE 2009.  
HG 894 (turma A) – Estudo Dirigido IV.
- 4.1.50.** 1º SEMESTRE DE 2010.  
HF520 (turma A) – Tópicos Especiais de Filosofia Política II - “O conceito de experiência de Theodor W. Adorno”.
- 4.1.51.** 1º SEMESTRE DE 2010.  
HG 893 (turma A) – Estudo Dirigido III.
- 4.1.52.** 1º SEMESTRE DE 2010.  
HG 894 (turma A) – Estudo Dirigido IV.
- 4.1.53.** 2º SEMESTRE DE 2010.  
HG 891 (turma A) – Estudo Dirigido I.
- 4.1.54.** 2º SEMESTRE DE 2010.  
HG 894 (turma A) – Estudo Dirigido IV.
- 4.1.55.** 1º SEMESTRE DE 2011.  
HF107 (turma A) – Redação Filosófica - “O fetichismo da mercadoria na obra de Marx”.
- 4.1.56.** 1º SEMESTRE DE 2011.  
HF770 (turma D) – Monografia I.

**4.1.57.** 1º SEMESTRE DE 2011.

HG 892 (turma A) – Estudo Dirigido II.

**4.1.58.** 2º SEMESTRE DE 2011.

HG844 (turma A) – Tópicos Especiais de História da Filosofia Contemporânea VI - “O conceito de experiência”.

## 4.2. CURSOS REGULARES MINISTRADOS – PÓS-GRADUAÇÃO

### 4.2.1. 1º SEMESTRE DE 1999.

HF732 (turma A) – Tópicos Especiais de História da Filosofia Contemporânea II - “Max Weber na *Teoria da ação comunicativa* de Habermas”.

### 4.2.2. 1º SEMESTRE DE 2000.

HF732 (turma C) – Tópicos Especiais de História da Filosofia Contemporânea II - “O problema da legitimação no pensamento de Jürgen Habermas”.

### 4.2.3. 2º SEMESTRE DE 2002.

HF936 (turma B) – Tópicos Especiais de História da Filosofia Contemporânea III - “A Teoria Crítica da Sociedade”.

### 4.2.4. 1º SEMESTRE DE 2003.

HF945 (turma A) – Seminário de Orientação em História da Filosofia Contemporânea I - “A *Fenomenologia do Espírito* de Hegel”.

### 4.2.5. 2º SEMESTRE DE 2003.

HF946 (turma A) – Seminário de Orientação em História da Filosofia Contemporânea II - “A relação entre a *Fenomenologia do Espírito* e a *Lógica* de Hegel”.

### 4.2.6. 1º SEMESTRE DE 2004.

HF953 (turma A) – Seminário de Orientação em Marx e a Tradição Dialética I - “Fontes da Teoria Crítica”.

- 4.2.7.** 2º SEMESTRE DE 2004.  
HF700 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea II -  
“Vertentes atuais da Teoria Crítica”.
- 4.2.8.** 2º SEMESTRE DE 2006.  
HF312 (turma A) – Filosofia Política II - “A Filosofia Política de John  
Rawls”.
- 4.2.9.** 1º SEMESTRE DE 2009.  
HF700 (turma A) – História da Filosofia Contemporânea II - “Os  
modelos críticos reconstrutivos de Jürgen Habermas e Axel Honneth”.
- 4.2.10.** 2º SEMESTRE DE 2010.  
HF 150 (turma A) – Tópicos Especiais de Epistemologia das Ciências  
Humanas - “A sociologia de Luc Boltanski”.

## 5. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

### 5.1. INICIAÇÕES CIENTÍFICAS CONCLUÍDAS

- 5.1.1. MARIANA OLIVEIRA DO NASCIMENTO TEIXEIRA – “Reificação, Alienação e Fetichismo: Georg Lukács e Karl Marx”, 31 de dezembro de 2007. Bolsista FAPESP.

*Resumo:* Esta pesquisa tem como objeto de estudo o conceito de reificação utilizado por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe*, e, mais especificadamente, a relação de tal conceito com a obra de Karl Marx, o principal dos quadros teóricos que lhe deram aporte. Partiu-se da análise dos conceitos marxianos de alienação e de fetichismo (considerados quase que invariavelmente pela bibliografia específica como ligados à teoria lukácsiana da reificação) para identificar o papel que cada um exerce na construção da teoria da reificação. Através de uma análise comparativa entre as principais obras que abordam tais conceitos (além da obra citada de Lukács, nos apoiamos especialmente nos *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844* e n’*O Capital de Marx*), procuramos delimitar suas convergências e verificar nossa hipótese: a de que o conceito de reificação é utilizado por Lukács em *História e Consciência de Classe* para dar conta do que ele considera um fenômeno global da sociedade capitalista e que abarca em seu interior os elementos fundamentais de outros dois fenômenos – aqueles contidos nos conceitos marxianos de alienação e de fetichismo.

- 5.1.2. FABIO FLORENCE DE BARROS – “O Conceito de Vida nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de Karl Marx”. Bolsista CNPq: 01 de agosto de 2008 a 31 de julho de 2009.

*Resumo:* Nossa pesquisa tem como objetivo abordar, de maneira descritiva, o conceito de vida tal como formulado nos "*Manuscritos Econômico-Filosóficos*" de Karl Marx, tendo como ponto de referência o papel do trabalho como catalisador do metabolismo vital. Partiremos da leitura crítica feita por Marx de alguns temas presentes nas obras de Hegel e Feuerbach para comentar as observações marxianas a respeito da teoria do conhecimento, da ética e da estética. Nossa hipótese de leitura é de que o texto em questão apresenta uma crítica de caráter ontológico que mobiliza os grandes temas clássicos da filosofia no sentido da transformação revolucionária da realidade social.

**5.1.3.** ADRIANO MÁRCIO JANUÁRIO – “O conceito de experiência em T. W. Adorno”. Bolsista CNPq: 01 de agosto de 2009 a 31 de julho de 2010.

**Resumo:** *O objetivo central da pesquisa foi a investigação do conceito de experiência em T. W. Adorno, mais especificamente a experiência da não-identidade, tendo em vista sua obra tardia, isto é, os escritos do final da década de cinquenta e os da década de sessenta. Um desses escritos é sua "principal obra filosófica", a Dialética Negativa (1966). Esta obra foi a referência principal da pesquisa. O conceito de experiência se mostrou fundamental no pensamento de Adorno. O estudo desse conceito possibilitou estabelecer a compreensão e o desenvolvimento de uma dialética entre identidade e não-identidade, que dá origem a uma forma específica de compreensão da relação entre sujeito e objeto, ao mesmo tempo em que essa mesma dialética se relaciona também com a sociedade no "capitalismo tardio industrial". Essa sociedade está diretamente vinculada a um modo de pensar específico, fundamentado na identidade: o pensar identificante. Essa vinculação é um dos principais vetores da dominação "material e simbólica" sobre as mulheres e os homens, segundo Adorno. Como resultado dos estudos desenvolvidos, obteve-se a seguinte hipótese: a possibilidade de se opor – ainda que de forma limitada – ao princípio de identidade presente naquela relação entre pensar identificante e a sociedade baseada na troca só pode ocorrer através da experiência da não-identidade. Ela permite liberar a experiência filosófica correta das "palavras-conceitos" que aprisionariam um significado reduzido da coisa visada, sem que essa liberação abra mão da via conceitual. A experiência da não-identidade se mostra como o centro da dialética negativa de Adorno, de tal maneira a mover sua crítica tanto do pensar identificante quanto da sociedade organizada a partir da troca. Fazer frente ao princípio de identidade é fazer frente à dominação social levada a cabo no capitalismo tardio industrial.*

**5.1.4.** PAULO YAMAWAKE – “Capitalismo de Estado e Mundo Administrado”. Bolsista FAPESP: 01 de março de 2010 a 28 de fevereiro de 2012.

**Resumo:** *O tema desta pesquisa será a comparação entre dois diagnósticos de tempo fundamentais no âmbito da teoria crítica, a saber: o diagnóstico de Friedrich Pollock – centrado no conceito de capitalismo de estado – e o de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno – centrado no conceito de mundo administrado, tal como formulado, sobretudo, na obra Dialética do Esclarecimento (1947). Tal comparação terá o objetivo de investigar a influência da análise de Pollock sobre Horkheimer e Adorno – bem como os limites dessa influência –, para obter uma compreensão mais aprofundada da Dialética do Esclarecimento. Mediante uma análise comparativa entre textos de Pollock com a referida obra de Horkheimer e Adorno, a hipótese a ser verificada é a de que, de um lado, os argumentos de Horkheimer e Adorno convergiriam com os de Pollock na medida em que*

*consideram que o centro da organização social na nova ordem do capitalismo não mais seria a esfera econômica, de modo que o capitalismo teria deixado para trás a sua fase liberal. As divergências, por sua vez, residiriam no fato de que Pollock constata na primazia da esfera política o centro do capitalismo de estado, de maneira que decisões políticas estariam por trás do planejamento da sociedade e das formas de dominação social. Só que a novidade que o diagnóstico de tempo da Dialética do Esclarecimento apresenta é a de que ela encontraria na própria racionalidade social – representada na obra pelo conceito de esclarecimento (Aufklärung) – o elemento que organiza a sociedade e que exerce a dominação sobre os homens, independentemente de uma orientação política ou de qualquer instância social em específico.*

## 5.2. MESTRADOS CONCLUÍDOS

- 5.2.1. CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JÚNIOR – “Moral Pós-Convencional em Habermas”, IFCH, UNICAMP, 20 de fevereiro de 2002. Bolsista CAPES.

*Resumo:* Pretendemos analisar a ética do discurso a partir do seu requisito de uma identidade pós-convencional. Valemo-nos, num primeiro momento, do novo lugar ocupado pela filosofia no quadro da modernidade e sua atuação como ciência reconstrutiva. Num segundo momento, ocupamo-nos com a compreensão da teoria da evolução social habermasiana, implícita no processo de racionalização do mundo da vida, com o propósito de aclarar a constituição das sociedades pós-convencionais. Em seguida acompanhamos a reconstrução dos estágios da consciência moral empreendida pela psicologia do desenvolvimento, com intuito de verificar as condições que permitem ao indivíduo agir e julgar segundo princípios universais. Por último, examinamos o funcionamento da lógica do discurso prático com o intento de assegurar a fundamentação do princípio moral pós-convencional.

- 5.2.2. LUCIANA RODRIGUES ALVES – “A Elaboração da Teoria Crítica da Sociedade segundo Lukács e Horkheimer”, IFCH, UNICAMP, 09 de dezembro de 2004. Bolsista FAPESP.

*Resumo:* O presente trabalho trata privilegiadamente da elaboração da teoria crítica da sociedade por Max Horkheimer na década de 1930. O interesse por este tema se deve à riqueza deste projeto de conhecimento crítico, interdisciplinar e conectado à práxis revolucionária. Devemos esclarecer, contudo, que este conceito de crítica possui dois momentos que optamos por caracterizar como materialismo interdisciplinar, de 1930 a 1937, e teoria crítica, de 1937 a 1940. Não podemos nos esquecer de mencionar, além disso, o quanto este modelo é tributário da crítica elaborada por G. Lukács em *História e consciência de classe*.

- 5.2.3. ÉRIKA CRISTINA RIBEIRO – “O lugar sistemático do ideal de um reino dos fins e do sentimento de respeito na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*”, IFCH, UNICAMP, 22 de outubro de 2005. Bolsista FAPESP.

*Resumo:* O objetivo principal deste trabalho é verificar se, e de que maneira, é possível atribuir uma posição sistemática, tanto ao ideal de um reino dos fins quanto ao sentimento de respeito pela lei e à noção de interesse pela lei moral, no contexto da *Fundamentação da Metafísica da Cóbium:s*. Assim, através da análise da primeira seção desta obra, considera-se a representação da lei enquanto

*caráter distintivo dos seres racionais, uma vez que o núcleo da investigação foi alterado, passando do conceito dever para a representação da lei. Do mesmo modo, através da análise da segunda seção da Fundamentação, o ponto de partida é aquela capacidade do ser racional, e então muda-se o núcleo da investigação, passando da capacidade da representação de leis para a racionalidade e, assim, para a razão enquanto faculdade de determinar leis em geral. Por fim, a análise da terceira seção é feita com vistas a considerar uma hipótese sobre a dedução afirmada por Kant como necessária: supõe-se que o termo que nos permite compreender as condições e os limites de tal dedução é a noção de interesse da razão, como interesse pela lei moral.*

**5.2.4.** MARIANA OLIVEIRA DO NASCIMENTO TEIXEIRA – “Racionalização e Reificação: um estudo sobre Max Weber em *História e consciência de classe*, de Georg Lukács”. 24 de março de 2010. Bolsista FAPESP.

**Resumo:** *O livro História e Consciência de Classe, publicado por Georg Lukács em 1923, foi objeto de intensos debates ao longo do século XX por conta da originalidade com que o filósofo húngaro abordou um tema candente na produção teórica marxista: a questão em torno da consciência. Um dos pontos polêmicos da abordagem lukácsiana desse problema é a combinação da teoria de Marx com elementos de outras matrizes metodológicas. Este estudo pretende apresentar a análise de um caso desse tipo de combinação: a apropriação feita por Lukács de elementos presentes na obra de Max Weber. Centramo-nos, mais precisamente, no modo pelo qual Lukács articula a temática weberiana da racionalização do mundo na elaboração do conceito de reificação, que é o conceito central de História e Consciência de Classe. Procuramos esclarecer o caráter dessa articulação, de forma a responder às seguintes perguntas: a obra de Lukács constitui um quadro teórico "ecletico", em que tradições conceituais distintas (a de Marx e a de Weber) se justapõem de maneira fortuita ou contingente? A partir de que ponto de vista Lukács combina essas orientações teóricas? Para tanto, analisamos as aproximações e os distanciamentos entre os conceitos em tela, identificando quais aspectos da obra de Weber sobre a racionalização estão presentes no conceito lukácsiano de reificação, e quais aspectos foram por Lukács descartados. Nossa conclusão é a de que Lukács realiza uma apropriação da temática weberiana da racionalização a partir de um ponto de vista específico - a sua leitura da teoria de Marx como uma teoria que parte da perspectiva da totalidade. Lukács confere, assim, um novo estatuto a essa temática weberiana e cria a sua própria e original estrutura teórica, em que a racionalização permite a generalização do fetichismo e da alienação para as diferentes áreas da vida cultural.*

**5.2.5.** FABIO FLORENCE DE BARROS – “O Dilema entre Estado e Democracia: um Estudo sobre a Crítica da Política na Obra do Jovem Marx”. 16 de agosto de 2012. Bolsista FAPESP.

**Resumo:** *A presente dissertação tem como objetivo avaliar as primeiras críticas formuladas por Karl Marx no tocante à configuração moderna da política, mais especificamente à organização estatal desta última. Partimos da hipótese segundo a qual Marx teria assumido, nos textos redigidos em 1842 e 1843, três*

*posicionamentos em face do problema do Estado moderno: o primeiro deles (defendido nos artigos do periódico "Gazeta Renana") seria marcado pela exigência normativa de organização racional do Estado, enquanto esfera universal, independente de particularismos religiosos e reconciliadora dos conflitos da sociedade civil. Num segundo momento, em sua "Crítica da Filosofia do Direito de Hegel", vemos Marx abandonando a ideia de Estado racional em nome do ideal democrático. Nesse novo quadro, o Estado (enquanto conjunto rígido de instituições) seria o resultado da alienação das energias políticas do povo e a grande tarefa da modernidade seria a libertação dessas energias, resultando na configuração política denominada por Marx de "verdadeira democracia". Por fim, através da análise da correspondência de Marx e Arnold Ruge e do texto "Sobre a Questão Judaica", procuraremos mostrar como Marx chegou a atribuir à política uma função subordinada à revolução social, que significaria a reapropriação, por parte do ser genérico (conceito reelaborado com base na obra de Feuerbach) de suas energias alienadas em relações sociais egoístas. Nessa nova concepção, a política acaba subsumida em uma teleologia da história que, por sua vez, se reporta a uma ciência da sociedade, que Marx procurará construir com base na crítica da economia política. Traçando este quadro, esperamos mostrar que esse trecho do caminho teórico percorrido por Marx revela importantes aspectos e possibilidades do pensamento político moderno, em especial a tensão entre a liberdade democrática e a exigência de organização racional da sociedade em bases científicas.*

**5.2.6. MARIA ÉRBIA CÁSSIA CARNAÚBA – “Marcuse e a Psicanálise: a teoria crítica sob a análise da teoria da repressão”. 24 de agosto de 2012. Bolsista FAPESP.**

**Resumo:** *O objetivo dessa dissertação é analisar a apropriação da teoria freudiana por Herbert Marcuse, tendo como ponto de partida sua análise dos conceitos de mais-repressão e princípio de desempenho em Eros e Civilização: Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud. Marcuse teria derivado estes conceitos daqueles freudianos de Repressão e Princípio de Realidade respectivamente, por não corresponderem mais ao atual estágio de desenvolvimento da sociedade capitalista. Com sua reformulação conceitual, ele resgata a teoria freudiana para argumentar que é possível uma sociedade menos repressiva. Tal perspectiva é problemática, posto que Freud, embora aponte algumas formas de superação da sociedade repressiva, tende a um diagnóstico de aumento da repressão, a ponto de afirmar a possibilidade de autodestruição da civilização. Pretendemos discutir essa metamorfose crítico- conceitual de Marcuse e suas consequências, a partir da hipótese de que tal mudança se baseia na vertente da Teoria Crítica inaugurada por Horkheimer em seu artigo Teoria Tradicional e Teoria Crítica de 1937. Da mesma maneira, se articula com o diagnóstico de época da Dialética do Esclarecimento. Esses elementos somados a sua crítica ao revisionismo freudiano caracterizam a própria Teoria Crítica de Marcuse em Eros e Civilização, cuja utopia surge como sua marca central.*

### 5.3. DOUTORADOS CONCLUÍDOS

- 5.3.1. ANGELO VITORIO CENCI – “A controvérsia entre Apel e Habermas em torno da fundamentação”, IFCH, UNICAMP, 28 de agosto de 2006. Prêmio CAPES de Tese, edição 2007.

*Resumo:* Neste trabalho investiga-se o modo como a relação entre moral e razão prática é tratada nos programas da ética do discurso de Habermas e Apel. Defende-se a hipótese de que as controvérsias existentes entre Habermas e Apel acerca da ética do discurso se devem ao modo diferenciado como a esfera da moral do discurso vai ser tematizada no programa de cada autor e que o modo distinto de eles conceberem o conceito de razão prática resultará de tal diferença. As respostas dadas a essa problemática acerca da esfera própria da moral redundarão em dois programas da ética do discurso, que progressivamente vão se distanciando de suas raízes comuns e que irão, ao final, projetar duas concepções de razão prática bastante distintas e, em grande medida, inconciliáveis, de modo a parecer impossível reuni-las sob uma mesma rubrica. Assim, em razão da diferença existente no programa inicial de cada autor entre a formulação de uma noção mais estreita de moral - deontológica, como a defende Habermas - ou mais ampla - deontológico-teleológica, como o propõe Apel - ter-se-á como consequência que, para Habermas, a moral e a razão prática ficarão situadas dentro de uma teoria ou filosofia do discurso e a razão prática não poderá ser compreendida em sentido moral; em Apel, ambas as esferas ficarão situadas dentro da própria ética do discurso, de modo que a moral ocupará a parte A e a esfera da razão prática a parte B - teleológica - e será compreendida em sentido moral.

- 5.3.2. JOSÉ RODRIGO RODRIGUEZ – “O Direito Liberal para além de si mesmo. Franz Neumann, o Direito e a Teoria Crítica”, IFCH, UNICAMP, 07 de novembro de 2006.

*Resumo:* O senso comum marxista vê o direito como mera superestrutura a serviço da dominação de classe. Franz Neumann (1900-1954), teórico do direito ligado ao Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, discorda desse ponto de vista. Esta tese examina seus escritos da década de 30, especialmente *O Império do direito* (1936), para mostrar que o autor vê potenciais emancipatórios no direito liberal, num debate com o conceito de materialização do direito de Max Weber. Estes potenciais nascem da práxis parlamentar da classe trabalhadora e do advento do nazismo e se referem à possibilidade de o direito expressar a vontade da sociedade, inclusive o objetivo de controlar os meios de produção. Além disso, a tese mostra que o potencial emancipatório do direito não deve ser avaliado em abstrato, mas conforme um determinado diagnóstico do tempo. Por isso, esboça um diagnóstico da relação entre direito e sociedade no mundo contemporâneo, utilizando o conceito de projeto de juridificação, proposto por esta tese, inspirado nos escritos de Franz Neumann.

**5.3.3.** JORGE ADRIANO LUBENOW – “A categoria de esfera pública em Habermas”, IFCH, UNICAMP, 29 de março de 2007. Bolsista CAPES.

**Resumo:** A presente tese tem o objetivo de fazer uma leitura reconstrutiva de um tema fundamental explorado por Jürgen Habermas: a categoria de esfera pública. Este tema da esfera pública é examinado no contexto da passagem entre o universo teórico de *Strukturwandel der Öffentlichkeit* (1962) e *Theorie des kommunikativen Handelns* (1981) em relação àquele de *Faktizität und Geltung* (1992). Nesta transição, Habermas reformula uma série de questões introduzidas nas suas investigações anteriores sobre o tema da esfera pública e configura uma perspectiva teórica modificada. O momento-chave desta transição é o prefácio à nova edição de *Strukturwandel der Öffentlichkeit*, publicada em 1990. Esta retomada pode ser desdobrada em dois eixos que se correlacionam: a) A reformulação do conteúdo da esfera pública (limitações e deficiências), a ampliação da categoria e o alargamento da infraestrutura da esfera pública, agora com novas características e novos papéis; b) O reposicionamento da esfera pública por um rearranjo interno num contexto teórico mais amplo da teoria da ação comunicativa e da reformulação da relação sistema-mundo da vida da teoria da sociedade. O exame a ser realizado neste trabalho será temático, não cronológico. Isto nos permite mostrar melhor que há dois momentos que podem ser distinguidos analiticamente, e que a autocrítica é dupla, tanto da noção mesma de esfera pública quanto da posição dessa categoria no quadro da teoria social comunicativa, e que andam paralelamente.

**5.3.4.** CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JR. – “Estruturas Normativas da Teoria da Evolução Social de Habermas”, IFCH, UNICAMP, 09 de maio de 2008.

**Resumo:** O trabalho parte do pressuposto, afirmado por Habermas em *Problemas de legitimação do Capitalismo Tardio*, de que a teoria da evolução social deve servir de base para a formulação de uma teoria da sociedade. A vinculação dessas duas teorias no início da década de 1970 orienta-se pela colocação de duas outras importantes teorias: a teoria da ação comunicativa e a teoria da modernidade. Num primeiro momento, explora-se a construção da teoria da sociedade verificando-se como Habermas reformula os pressupostos da teoria crítica, inscritos numa base evolucionária com pretensões emancipatórias. Num segundo momento, discute-se a estruturação da teoria da evolução social nos textos da década de 1970, principalmente em *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*, enfatizando-se o problema da homologia entre ontogênese e filogênese e as tentativas de Habermas em equacionar indivíduo e sociedade por intermédio de três caminhos: a formação da identidade pós-convencional, a dimensão prático-moral e a capacidade de aprendizagem. Num terceiro momento, destaca-se a capacidade de aprendizagem como caminho que mantém aberta a possibilidade da relação ontofilogenética e única alternativa de que Habermas dispõe para manter em pé a sua teoria da evolução social na Teoria da Ação Comunicativa. Nesta obra, destaca-se, sobretudo, o deslocamento da psicologia do desenvolvimento para a incorporação de autores ligados à sociologia, principalmente Mead e Durkheim, visando-se à estabilidade da relação ontofilogenética enquanto ponto para a manutenção da teoria da evolução social e, conseqüentemente, da própria teoria social crítica de Habermas inscrita no paradigma da comunicação.

- 5.3.5.** FELIPE GONÇALVES SILVA – “Liberdades em disputa. A Reconstrução da Autonomia Privada na Teoria Crítica de Jürgen Habermas”, IFCH, UNICAMP, 09 de abril de 2010. Bolsista Fapesp. Menção Honrosa Prêmio CAPES de Tese, edição 2011.

*Resumo: O objetivo do trabalho foi estudar a reconstrução do conceito de autonomia privada na obra Direito e Democracia, de Jürgen Habermas. Tal estudo foi cumprido em atenção ao projeto mais amplo do autor de rearticular a Teoria Crítica da sociedade segundo os termos intersubjetivos de sua teoria do discurso, o que nos levou a investigar os diferentes momentos do programa reconstutivo desenvolvido na obra e a maneira particular com que o conceito se insere em cada um deles. Assumimos, por hipótese, que a estrutura do empreendimento crítico que compõe Direito e Democracia é composta por três momentos principais - a "reconstrução interna", a "reconstrução externa" e o cruzamento dessas duas perspectivas possibilitado pela noção de "paradigma jurídico". Na reconstrução interna, a autonomia privada é caracterizada como a exigência normativa de iguais liberdades subjetivas de ação e reclamação a todos os membros de uma comunidade jurídica, assegurando-lhes a liberdade de arbítrio e a liberdade ética em contornos definidos democraticamente. Na reconstrução externa, os direitos que compõem a autonomia privada são considerados constitutivos de um domínio da vida social caracterizado por formas comunicativas de acesso reservado. Nesse âmbito da investigação, a "esfera privada" passa a ser considerada inscrita nos processos sociais de formação da vontade política em seus pontos mais distantes dos núcleos sistêmicos de tomada de decisão, atribuindo a ela uma posição germinal na identificação dos novos problemas sociais que compõem as esferas públicas informais. Por fim, no âmbito de discussão que envolve a disputa entre os paradigmas jurídicos, a saída dos impasses deixados pelos modelos liberal e do Estado social exigirá a procedimentalização da escolha sobre o sentido da igualdade de tratamento jurídico. Sob a ótica de um novo paradigma procedimental, a compreensão inicial da autonomia privada é retomada pelo autor e passa a incorporar demandas por igualdade material no postulado de "iguais liberdades subjetivas de ação". Ao final do percurso, a hipótese estrutural que possibilitou o desenvolvimento da tese mostra-se performativamente confirmada. Ela permite compreender as modificações por que passa o conceito de autonomia privada como um movimento progressivo de reconstrução composto por três momentos principais, bem como indicar transformações correlatas de outros conceitos-chave a ele vinculados, tais como "autonomia pública", "cooriginaridade" e a própria "tensão entre facticidade e validade".*

#### 5.4. PÓS-DOCTORADOS CONCLUÍDOS

- 5.4.1. GERALDO MINIUCI F. JR. – “Direito e ciência na argumentação do painel e do Órgão Permanente de Apelação do Sistema de Solução de Controvérsias da Organização Mundial do Comércio”, 31 de dezembro de 2007. Bolsista FAPESP.

O projeto resultou na tese de livre-docência, defendida e aprovada na Faculdade de Direito da USP em setembro de 2007, sob o título: "Direito e questões técnico-científicas na Organização Mundial do Comércio". Resultou também no artigo "A Organização Mundial do Comércio e as comunidades epistêmicas", publicado na *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 55-90, jul./dez. 2011.

**Resumo:** *Embora focado, de modo geral, no direito internacional e, em particular, no Sistema de Solução de Controvérsias da Organização Mundial do Comércio, o texto chega a conclusões aplicáveis a qualquer processo em que sejam levantadas questões técnico-científicas: em uma disputa judicial, a ser decidida por leigos em ciências naturais, não há exame científico de problemas científicos, apenas a apresentação das conclusões a que chegaram os especialistas, tanto com base em seu conhecimento especializado quanto no conhecimento não científico de que dispõem. Se o aconselhamento for aceito, isso significa que se fará ou que se deixará de fazer alguma coisa, não por causa dos enunciados descritivos da biologia, física ou química, mas por causa das prescrições feitas por especialistas que interpretam essas disciplinas. Ao focalizar os cientistas da natureza em vez da ciência, o texto chama a atenção para a subjetividade do discurso científico.*

- 5.4.2. LUIZ SERGIO REPA – “Os sentidos da reconstrução: aspectos metodológicos da teoria da racionalidade de Jürgen Habermas”, 31 de julho de 2008. Bolsista FAPESP.

**Resumo:** *A investigação pretende estabelecer os sentidos da noção habermasiana de reconstrução racional e entender como eles se relacionam. Há pelo menos dois sentidos básicos. O primeiro, designado inicialmente de “horizontal”, refere-se às reconstruções de regras intersubjetivamente partilhadas. As operações reconstrutivas só podem ser efetuadas aqui a partir da atitude performativa, isto é, da atitude de um participante da interação que é regulada pelas regras em questão. O segundo, chamado de “vertical”, remete às reconstruções próprias de teorias evolutivas, seja no plano filogenético seja no ontogenético, com as quais se explica o surgimento das estruturas reconstruídas “horizontalmente” como um*

*processo de aprendizagem, o qual segue uma lógica evolutiva própria. Os dois tipos de reconstrução se complementam e apóiam reciprocamente. A reconstrução sincrônica serve de quadro referencial para a reconstrução diacrônica de um determinado processo de aprendizagem, e esta por sua vez deve comprovar empiricamente, de modo indireto, a primeira, assim como permite explicitá-la historicamente. Desenvolvendo com esses meios um conceito de razão que é ao mesmo tempo universalista e historicamente situada, o modelo reconstrutivo de teoria crítica pode recusar os intentos de fundamentação última tanto de tipo transcendental como de tipo filosófico-histórico.*

- 5.4.3.** GERALDO MINIUCI F. JR. – “Argumentação jurídica no sistema de solução de controvérsias da OMC e em cortes internacionais e regionais”, 31 de dezembro de 2008. Bolsista FAPESP.

O projeto resultou no artigo "Direito e religião ou as fronteiras entre o público e o privado", publicado na Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD), 2(2): 112-126 julho-dezembro 2010.

***Resumo:** Qual o significado da separação entre Estado e religião num ordenamento laico? Quer ela dizer que devemos confinar as atividades religiosas ao âmbito estritamente privado ou podemos tolerar manifestações públicas de credos? E quais seriam os limites do confinamento ou da tolerância? De que forma medi-los e como justificá-los? Quais as respostas que autoridades judicantes já deram a essas questões? Como foram essas repostas justificadas? Eis as perguntas que orientaram este texto e toda a pesquisa que o antecedeu. No artigo, evidencia-se que a separação entre Estado e religião é um pressuposto geralmente aceito, mas não se sabe ao certo o que ele significa.*

- 5.4.4.** GERALDO MINIUCI F. JR. – “Persecução nacional e internacional de crimes de direito internacional público”, 31 de dezembro de 2009. Bolsista FAPESP.

O projeto resultou no artigo "O genocídio e o crime de genocídio", publicado tanto na Revista Brasileira de Ciências Criminais. nº 83 março a abril/2010, como em Piovesan, Flávia; Garcia, Maria (org.) Doutrinas essenciais. Direitos humanos. Proteção internacional dos direitos humanos. Vol. VI, cap. 31, Ed. Revista dos Tribunais, 2011, pp. 645-665.

**Resumo:** *O artigo apresenta os problemas inerentes à definição do crime de genocídio e as soluções dadas para resolvê-los pela jurisprudência internacional, notadamente o Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TPIR), mas também o Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia (TPII). O trabalho apresenta as definições sociológica e jurídica de genocídio, mostra o hiato existente entre elas, deixa patente que a definição jurídica encontra-se ultrapassada e examina como, apesar dessa obsolescência, as instâncias julgadoras tornaram o conceito aplicável, referindo-se não somente aos critérios objetivos estabelecidos pela lei, mas também, e, sobretudo, à subjetividade dos atores envolvidos.*

- 5.4.5.** ANGELO VITORIO CENCI – “Individuação e formação na teoria do reconhecimento de Axel Honneth”. 01 de agosto de 2011 a 31 de julho de 2012 – UNICAMP-IFCH, Departamento de Filosofia.

**Resumo:** *O projeto explora, tomando a teoria de Honneth como referência, os conceitos de individuação e formação em contraste com aquilo que o autor denomina de paradoxos do individualismo de auto-realização contemporâneo e deformações do reconhecimento. Para dar conta desse objetivo faz-se uma retomada do sentido moderno da ideia de reconhecimento dando destaque para o modo como Honneth vincula a ele o advento da individuação. Na sequência, explicita-se o conceito de formação decorrente do vínculo existente entre reconhecimento e conflito. Por fim, com base no conceito de formação – associado aos conceitos de individuação e realização de si – investiga-se como os paradoxos do individualismo da auto-realização contemporâneo contrasta com os processos de individuação e formação que, para Honneth, são entendidos como centrais para a constituição da identidade humana.*

## 5.5. MESTRADOS EM ANDAMENTO

- 5.5.1. ADRIANO MÁRCIO JANUÁRIO – “A Experiência da Não-identidade: Uma investigação do conceito de experiência em T. W. Adorno”. Bolsista CNPq.

*Resumo: O objetivo principal da pesquisa é a investigação do conceito de experiência em Theodor W. Adorno, mais especificamente a experiência de não-identidade, tendo em vista sua obra tardia, isto é, os escritos do final da década de cinquenta e os da década de sessenta. Essa investigação pretende encontrar o lugar que o conceito de experiência ocupa dentro do quadro teórico desenvolvido por Adorno nesse período e investigar mais a relação desse conceito de experiência com o de crítica. Esse quadro teórico possui como centro uma das características fundamentais da Teoria Crítica: um diagnóstico de tempo presente. Esse diagnóstico de Adorno está centrado na ideia de que a “sociedade capitalista tardia” está dominada pelo princípio de identidade. Esse princípio, contudo, é o ponto de toque entre as disposições do pensar – para Adorno “pensar significa identificar” – e a estrutura geral da troca. O modo como sociedade do capitalismo tardio industrial se organiza expressa justamente a “afinidade originária” entre pensar e identidade e, por sua vez, entre pensar e troca, já que a troca, para Adorno, é o “modelo social” do princípio de identidade. Essa configuração social presente no capitalismo tardio industrial é o estatuto da dominação “material e simbólica” sobre as mulheres e os homens. Qual é a posição que a crítica ocupa frente a essas condições impostas pelo capitalismo tardio industrial? Como a crítica se posiciona frente a essa dominação do princípio de identidade? Os escritos de Adorno indicam que a crítica sob essas condições não pode estar vinculada às ações que levariam a transformação da sociedade, tal como Karl Marx fez em relação ao momento do capitalismo em que produziu suas análises. A práxis revolucionária está “adiada por tempo indeterminado” para Adorno. A forma atual da dominação permite apenas resistir àquele princípio de identidade. Essa resistência está presente no próprio pensar, pois ele “deve acolher em si sempre o que não é pensar”. O pensar, que para Adorno “significa identificar”, acolhe o que “não é pensar”, algo que resiste ao princípio de identidade: o não-idêntico. Contudo, a dominação social através do princípio de identidade desconsidera o não-idêntico. A experiência da não-identidade e sua apresentação surgem nos escritos de Adorno como via de resistência ao princípio de identidade, princípio que configura a dominação social vigente. Essa resistência é o que pode caracterizar a crítica sob as condições do capitalismo tardio industrial nos escritos de Adorno no final da década de cinquenta e na década de sessenta.*

## 5.6. DOUTORADOS EM ANDAMENTO

### 5.6.1. MARIANA OLIVEIRA DO NASCIMENTO TEIXEIRA – “Teoria política crítica contemporânea”. Bolsista CNPq.

**Resumo:** *História e Consciência de Classe* é o livro que marca o período de transição intelectual de Lukács ao marxismo. Na pouco linear trajetória do filósofo, essa obra é uma das que reúne as mais diversas orientações teóricas, com tendências muitas vezes opostas. Mas, se, como diz Lukács no seu prefácio tardio ao livro, “a confusão, porém, nem sempre é o caos”, não é impossível identificar essas diferentes tendências, bem como procurar compreender a sua relação recíproca e o seu funcionamento no conjunto bastante original a que dão origem: dedicamo-nos, em pesquisas anteriores, a estabelecer algumas relações entre *História e Consciência de Classe* e a obra de dois dos pensadores do seu universo teórico (a saber: Karl Marx e Max Weber). Em conexão com essas análises anteriores, temos como objetivo, nesta pesquisa, investigar o papel da perspectiva do anticapitalismo romântico presente na sociologia e filosofia social alemã do início do século XX – nas figuras de Georg Simmel e Ferdinand Tönnies – para a formulação de Lukács da crítica da civilização moderna e da sociedade capitalista. Procuraremos precisar a importância e também os limites da influência de *A filosofia do dinheiro* (Simmel) e de *Comunidade e Sociedade* (Tönnies) na análise crítica da reificação, realizada por Lukács num momento bastante peculiar e frutífero de sua produção intelectual.

### 5.6.2. JOAQUIM ELOI CIRNE DE TOLEDO JR. – “Modernidade, racionalidade e ação social: a Teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas”. Bolsista CNPq.

**Resumo:** A intenção deste projeto é investigar, tomando como referência um período (aproximadamente 1970-1980) e uma produção teórica específicos (trabalhos de Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Jürgen Habermas), a relação entre teorias da ação e teorias da modernidade, na interface entre teoria social e filosofia. Uma das preocupações, para além das formulações específicas dos vínculos entre ação e sociedade, é compreender o papel desempenhado, em obras como *Esboço de uma teoria prática* (Bourdieu 1972), *Novas regras do método sociológico* (Giddens 1976) e *Central problems in social theory* (Giddens 1979) e *Teoria da ação comunicativa* (Habermas 1981), pela tradição de filosofia da linguagem anglo-saxã – marcadamente, de autores vinculados ao que se poderia caracterizar, de forma ampla, à filosofia “pós-positivista” ou “pós-analítica” e, mais especificamente, à tradição do pragmatismo norte-americano, assim como do que se convencionou chamar de “neo-pragmatismo” – nessas tentativas de reconsideração dos fundamentos da teoria social. Existem traços comuns a essas obras que justificam serem lidas em conjunto como expressão de um momento tanto de reconsideração dos fundamentos da teoria social quanto de tentativa de incorporação de desenvolvimentos da filosofia contemporânea em suas correntes

*dominantes (filosofia da linguagem ordinária, hermenêutica, fenomenologia), para além do empirismo lógico, à teoria social. Talvez tenha sido Giddens quem colocou essa relação em sua formulação simples e direta: “[a analogia entre sociedade e linguagem, e entre ação social e uso da linguagem] é mais do que uma analogia, porque a linguagem é, de forma tão óbvia, uma parte fundamental das ações humanas. Ela exemplifica uma parte ampla do que a vida social é porque ela mesma é uma parte central do que a vida social é”. (Giddens e Pierson, 1998, p. 78). Neste texto, procuro esboçar alguns aspectos centrais das formulações dos três autores nas obras citadas. O projeto de pesquisa pode ser descrito, alternativamente, como um estudo de caso a respeito das relações entre a filosofia e as ciências sociais, tomando como objetos principais a elaboração de teorias da ação social e de teorias da modernidade segundo perspectivas filosóficas contemporâneas, em especial aquelas que divergem das concepções da filosofia das ciências típicas do positivismo lógico.*

### **5.6.3. MARIA ÉRBIA CÁSSIA CARNAÚBA – “Repressão, utopia e emancipação na Teoria Crítica”.**

**Resumo:** *O presente projeto propõe um estudo dedicado ao desempenho do recurso à psicanálise no interior da Teoria Crítica, não somente por ser ainda um tema ainda pouco explorado, mas também com o propósito de refletir sobre o significado sistemático dessa relação. Isso pode ser feito tanto na reconstrução de seu percurso histórico, quanto na tentativa de circunscrevê-la no presente escorregadio e, por seu turno, pensar suas consequências no futuro. O estatuto do freudismo se dá de maneira diferente em cada autor da Teoria Crítica desde a primeira geração. Ultrapassaria os limites de um doutorado se aprofundar em cada um deles, por esse motivo tocaremos neles naquilo que diz respeito ao nosso objetivo específico central, a saber, retomar os conceitos Repressão e Utopia no eixo temático Teoria Crítica - psicanálise. Nesse sentido trabalharemos com tese de que é necessário ainda recolocar os conceitos de Repressão e Utopia no debate atual da Teoria Crítica, uma vez que: a) se um dos horizontes da Teoria Crítica é a emancipação, deveríamos, portanto, questionar: emancipação de que se já não se fala mais em repressão? b) partindo ainda desse horizonte de emancipação, como seria possível vislumbrá-la sem ser Utópico? Reconstruir a subtração desses conceitos na história será tarefa motriz dessa pesquisa, posto que, isso nos permite pensar o que a Teoria Crítica entende por emancipação. Nesse sentido, para delimitar nosso trabalho, nos voltaremos às obras de Marcuse, de modo a mostrar que ambos os conceitos são um legado filosófico e político da persistência desse autor que defendeu até o fim de sua vida o fim da repressão abusiva e a busca de um mundo emancipado. Sem nos esquecermos, porém, de situá-lo em seu contexto na linha do tempo da Teoria Crítica. Para nos ajudar no resgate dessa temática contamos com Judith Butler que, em Problemas de Gênero, faz jus à volta da temática da repressão e com a Seyla Benhabib que, elege a Utopia como um dos temas mais importantes a serem tratados pela Teoria Crítica em seu Critique, Norm and Utopia.*

**5.6.4. RICARDO CRISSIUMA – “A formação do jovem Hegel: dos carecimentos da sociedade moderna ao carecimento da Filosofia”.**  
Bolsista FAPESP.

***Resumo:** A partir de uma perspectiva que acompanha a formação do pensamento de Hegel, desde seus primeiros escritos de Stuttgart até seus primeiros esboços de sistema de Iena, procuraremos reconstituir as maneiras como Hegel busca lidar com a aquilo que julgamos ser o problema de fundo de toda a sua trajetória intelectual neste intervalo: a superação das cisões da modernidade. Nesse sentido, pretendemos mostrar como o projeto de uma religião popular (esboçado no ginásio de Stuttgart) vai se modificando a partir das tensões resultantes da tentativa (empreendida a partir de Tübingen) de se conciliar os carecimentos da sociedade moderna com o conceito kantiano de carecimento da razão. Quando da sua passagem para Iena, Hegel acabaria, por fim, desistindo de seu projeto de uma religião popular para superar as cisões da modernidade. Seu projeto passa, então, a se desenvolver por meio de um carecimento da filosofia, por um lado, e da articulação entre os conceitos de carecimento, trabalho e reconhecimento, de outro.*

## **6. ATIVIDADES DE PESQUISA**

### **6.1. GRUPOS DE PESQUISA**

- 6.1.1.** Membro do grupo de Lógica e Filosofia Política do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), São Paulo, SP, sob a coordenação do Prof. Dr. José Arthur Giannotti, 1990-2000.
  
- 6.1.2.** Coordenador do Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP, juntamente com o Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra, desde 1999.

## 6.2. PESQUISAS INTERDISCIPLINARES

- 6.2.1. Subcoordenador da pesquisa “Meio ambiente e desenvolvimento capitalista: um balanço crítico da bibliografia internacional e um estudo de caso no Brasil”, CEBRAP, 1996-1998. Financiador: IBAMA.

*Descrição:* O Convênio entre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) resultou em uma pesquisa que foi desenvolvida em duas partes complementares, ainda que autônomas do ponto de vista da dinâmica interna de trabalho. A primeira parte se debruçou sobre a gênese e o desenvolvimento da noção de “desenvolvimento sustentável” (DS) no debate internacional em suas múltiplas facetas (econômica, social, política), unificadas sob a ideia mais geral de uma “institucionalização da problemática ambiental”. A pesquisa cobriu basicamente o período da segunda metade do século XX, concentrando-se especialmente sobre as duas últimas décadas desse século.

- 6.2.2. Pesquisador Principal do Projeto Temático FAPESP “Moral, política e direito: uma investigação a partir da obra de Jürgen Habermas”, 2000-2004. Financiador: FAPESP.

*Descrição:* O projeto pretende, a partir da reflexão habermasiana, articular ordens de problemas da moral, da política e do direito, não obstante a preeminência da perspectiva filosófica. A investigação aqui proposta se põe não apenas como uma investigação sobre a obra de Jürgen Habermas, mas também como uma investigação a partir da reflexão habermasiana, o que equivale a dizer que os escritos de Habermas são tomados como um estoque de problemas que, acreditamos, são dignos não apenas de uma reconstrução, mas também de desenvolvimento e avaliação. O Projeto Temático se subdivide claramente em dois sub-projetos, mas a estruturação da investigação é única para ambos: 1) relação do pensamento habermasiano com a tradição filosófica; 2) reconstrução interna da obra de Habermas, pondo em relevo a importância de sua inserção no desenvolvimento da 'teoria crítica da sociedade'; 3) desdobramentos da reflexão habermasiana nos campos do direito, da política e da moral.

**6.2.3.** Coordenador do Projeto Temático FAPESP “Moral, política e direito: modelos de Teoria Crítica”, 2004-2008. Financiador: FAPESP.

*Descrição:* Tendo como pressuposto a constatação da necessidade da criação, no Brasil, de grupos de pesquisa de orientação interdisciplinar, o projeto temático "Moral, política e direito: modelos de teoria crítica" aqui proposto busca apresentar-se não apenas como investigação sobre a tradição da teoria crítica e seus problemas, mas também como investigação a partir dos desenvolvimentos dessa vertente intelectual. O projeto articula diferentes ordens de problemas da moral, da política e do direito, não obstante a preeminência da perspectiva filosófica. A presente proposta ancora-se em um trabalho anterior de quatro anos, financiado por um projeto temático Fapesp (processo no. 99/09544-4), que teve nos escritos de Jürgen Habermas (especialmente a obra *Direito e Democracia*) o ponto de fuga do trabalho coletivo. O projeto busca mapear em sua diversidade os diferentes modelos críticos de teoria social em suas vertentes morais, jurídicas e políticas para, com isso, divisar aplicações relevantes a problemas prementes da atualidade. Nesse sentido, este projeto temático, em uma caracterização geral, compõe-se dos seguintes momentos: 1) relação da tradição da teoria crítica com a tradição filosófica, em especial com sua fonte kantiana; 2) reconstrução dos diversos modelos de teoria crítica em sua relação com as dimensões da moral, do direito e da política; bem como 3) investigações aplicadas nos campos do direito, da política e da moral.

**6.2.4.** Coordenador brasileiro do Convênio PROBRAL CAPES/DAAD nº 320/09 – maio de 2009 a fevereiro de 2013. Título: “Esfera Pública e Estado de Direito na América Latina”. Instituições envolvidas: UNICAMP e Universidade Livre de Berlim.

*Descrição:* A presente cooperação integra, num projeto comum, as longas experiências de investigação no campo da democratização latino-americana acumuladas pelas duas equipes. A equipe brasileira é reconhecida, entre outros, por sua excelência no campo das investigações sobre as relações entre democracia e estado de direito, enquanto que a equipe da Universidade Livre de Berlim apresenta um significativo acúmulo de investigações no campo das relações entre sociedade civil, esfera pública e direito. Desse modo, a cooperação proposta, ao mesmo tempo em que contempla interesses e agendas de pesquisa comuns, reúne grupos com experiências de pesquisa que são, para os objetivos propostos, complementares. Do ponto de vista da circulação de conhecimentos, a cooperação tem um sentido estratégico para as áreas de estudo envolvidas. Para o lado brasileiro, a cooperação representa a possibilidade de ampliar a incorporação a suas investigações de perspectivas e resultados da sociologia política e do direito alemã, reconhecida mundialmente pela solidez e caráter inovador de seus resultados. Para a equipe do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim, a cooperação permitirá integrar suas linhas de investigação e de formação de jovens investigadores a um grupo de excelência e destaque internacional nos estudos sobre direito e democracia.

- 6.2.5.** Coordenador do Projeto Temático FAPESP: “Moral, Política e Direito: Autonomia e Teoria Crítica”, 2009-2013. Financiador: FAPESP.

***Descrição:** A presente proposta ancora-se em um trabalho anterior de oito anos, financiado por dois projetos temáticos FAPESP sucessivos (processos 99/09544-4 e 03/11860-9). Com base nessa experiência de pesquisa, o que se busca aqui não é apenas uma investigação sobre a tradição da Teoria Crítica e seus problemas, mas também uma investigação a partir dos desenvolvimentos dessa vertente intelectual. O fio condutor escolhido foi o conceito de autonomia, uma noção cujo exame crítico permite não só articular os diferentes domínios da Moral, da Política e do Direito na atualidade, mas igualmente operar com diferentes propostas críticas em investigações aplicadas. O projeto em uma caracterização geral compõe-se dos seguintes momentos: 1) posição do conceito de autonomia na tradição filosófica e na teoria social; 2) posição da noção de autonomia em diferentes concepções de teoria social e em diferentes modelos de Teoria Crítica da atualidade; 3) investigações aplicadas nos campos do Direito, da Política e da Moral tendo como pressuposto um escrutínio crítico da noção de autonomia.*

### 6.3. LINHA DE PESQUISA INDIVIDUAL

- 6.3.1. Pesquisador 2C do CNPq, com o projeto “Habermas e a Teoria Crítica da Sociedade: sobre o sentido da introdução da categoria do direito no quadro da *Teoria da Ação Comunicativa*”, 2001-2003.

*Descrição:* A Pesquisa pretende circunscrever alguns temas que deverão funcionar como fios condutores para a análise da obra de Jürgen Habermas. Nesse sentido, o ponto de fuga da interpretação de Habermas está posto no livro *Faktizität und Geltung. Beiträge zur Diskurstheorie des Rechts und des demokratischen Rechtsstaats*, de 1992. Não se trata inicialmente, entretanto, de proceder a uma análise direta da reconstrução habermasiana do direito e do Estado Democrático de Direito, senão de refazer o caminho que levou Habermas a esse livro e à formulação peculiar ali dá se seus problemas teóricos anteriores. (O que, por sua vez, leva à reconstrução de motivos centrais no desenvolvimento da própria “Teoria crítica da sociedade”, tradição à qual o autor se filia expressamente). Para tanto, serão três os fios condutores conceituais na obra de Habermas: a teoria da modernidade, a distinção sistema/mundo da vida e o problema da legitimação da dominação.

- 6.3.2. Pesquisador 1C do CNPq, com o projeto “Modelos de Teoria Crítica”, 2003-2007.

*Descrição:* Foi-me possível, no período anterior (2001-2003), no contexto da investigação de longo prazo sobre a ideia mesma de Teoria Crítica, completar em suas grandes linhas o percurso que vai de Lukács a Habermas, e, no contexto da investigação de médio prazo sobre a obra de Habermas e sua específica inserção na tradição da Teoria Crítica, foi completada a primeira etapa, que consistia em reconstituir a unidade da proposta teórica habermasiana tendo em vista a nova posição ocupada pelo direito a partir da publicação de *Direito e democracia*, em 1992. Sendo assim, cabe-me agora apresentar a próxima etapa do projeto, que consiste em buscar organizar o conjunto da tradição intelectual da Teoria Crítica segundo modelos de crítica, buscando aqui, mais uma vez a especificidade da inserção dos escritos de Jürgen Habermas nessa tradição.

- 6.3.3. Pesquisador 1C do CNPq, com o projeto “Teoria Tradicional e Teoria Crítica Hoje”, 2007-2010.

*Descrição:* A hipótese mais geral deste projeto é a de que, em sua formulação original, a distinção inaugural entre Teoria Tradicional e Teoria Crítica não é mais capaz de dar conta do campo crítico tal como se configura na atualidade. E isso tanto quando se consideram as contribuições que poderiam ser chamadas de

*tradicionais como da parte da relação que com elas estabelecem as contribuições consideradas como críticas. Da parte dos autores tradicionais posteriores a Marx houve movimentos reflexivos de grande relevância. Da parte dos autores críticos, esse movimento da Teoria Tradicional no sentido de incorporar cada vez mais objeções oriundas do campo crítico também não ficou sem ressonância. Os diferentes modelos críticos propostos a partir de Habermas tanto aceitam muitas vezes a pauta e a agenda das investigações tradicionais como não mais estabelecem em relação a elas a relação de superação da parcialidade em um nível mais alto proposta originalmente por Horkheimer.*

**6.3.4.** Pesquisador 1C do CNPq, com o projeto “Modelos Reconstitutivos de Teoria Crítica”, 2010-2014.

**Descrição:** *O projeto pretende examinar a situação atual do campo crítico por meio do exame e da comparação de modelos que chamarei de reconstitutivos. O objeto primeiro da investigação será o dos escritos de Jürgen Habermas. Esse primeiro passo deverá permitir o exame de propostas críticas pós-habermasianas, contexto em que irá se destacar o trabalho de Axel Honneth. O horizonte mais amplo da proposta é o de alcançar uma exposição das propostas críticas mais significativas da atualidade e, a partir daí, em confronto com outros modelos da tradição da Teoria Crítica, refletir sobre seus principais pressupostos.*

## 7. PUBLICAÇÕES

### 7.1. LIVROS

- 7.1.1.** *A dialética negativa de Theodor W. Adorno. A ontologia do estado falso*, São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1998, 190 páginas, ISBN 857321077X.
- 7.1.2.** *Conversas com Filósofos Brasileiros* (coautor), São Paulo: Editora 34, 2000, 432 páginas, ISBN 8573261900.
- 7.1.3.** *Lukács e os limites da reificação. Um estudo sobre História de Consciência de Classe*, São Paulo: Editora 34, 2001, 136 páginas, ISBN 8573262192.
- 7.1.4.** *Desenvolvimento Sustentável: A Institucionalização de um Conceito* (coorganizador), Brasília e São Paulo: Edições IBAMA/CEBRAP, 2002, 367 páginas, ISBN 8573001038.
- 7.1.5.** *A Teoria Crítica*, coleção Filosofia Passo-A-Passo, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, 80 páginas, ISBN 8571108021.
- 7.1.6.** *Participação e Deliberação: Teoria Democrática e Experiências Institucionais no Brasil Contemporâneo* (coorganizador), São Paulo: Editora 34, 2004, 368 páginas, ISBN 857326313X.
- 7.1.7.** *Ensinar Filosofia: Uma conversa sobre aprender a aprender* (coautor), Campinas: Papyrus, 2007, 105 páginas, ISBN 978-8530808372.

- 7.1.8.** *Tensões e Passagens: Crítica e Modernidade – Uma homenagem a Ricardo Terra* (coorganizador), São Paulo: Singular, 2008, 289 páginas, ISBN 978-8560850020.
- 7.1.9.** *Curso Livre Crítica de Teoria* (organizador), Campinas: Papyrus, 2008, 304 páginas, ISBN 978-8530808624.
- 7.1.10.** *Direito e Democracia. Um guia de leitura de Habermas* (coorganizador), São Paulo: Malheiros, 2008, 282 páginas, ISBN 8574209007.
- 7.1.11.** *Habermas e a Reconstrução: sobre a categoria central da Teoria Crítica Habermasiana* (coorganizador), São Paulo: Papyrus, 2012, 205 páginas, ISBN 978-8530809614.

## 7.2. CAPÍTULOS DE LIVROS

- 7.2.1. “Lenin e Rosa Luxemburg em *História e consciência de classe*”, in Loureiro, Isabel Maria e Vigevani, Tullo (orgs.), *Rosa Luxemburg: A recusa da alienação*, São Paulo: Editora da UNESP/FAPESP, 1991, pp. 119-122.
- 7.2.2. “Lukács e o materialismo interdisciplinar. Uma leitura de ‘Teoria tradicional e teoria crítica’, de Max Horkheimer”, in Antunes, Ricardo e Leão Rego, Walquiria (orgs.), *Lukács: um Galileu no século XX*, São Paulo: Boitempo, 1996, pp. 74-83.
- 7.2.3. “Theodor W. Adorno trinta anos depois de sua morte”, in: Oliveira, Eduardo Chagas (org.), *Filosofia Política e Teoria Social*, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, pp. 179-184, ISBN 8573950544.
- 7.2.4. “Parte I – Desenvolvimento Sustentável: origens e significado atual”, in Nobre, Marcos e Amazonas, Maurício de Carvalho (orgs.), *Desenvolvimento Sustentável: a institucionalização de um conceito*, Brasília e São Paulo: Edições IBAMA/ CEBRAP, 2002, pp. 21-106, ISBN 8573001038.
- 7.2.5. “O Desenvolvimento Sustentável institucionalizado: uma incursão pelo Global Environment Facility (GEF)”, em colaboração com Roland Jahn e Maurício de Carvalho Amazonas, in Nobre, Marcos e Amazonas, Maurício de Carvalho (orgs.), *Desenvolvimento Sustentável: a institucionalização de um conceito*, Brasília e São Paulo: Edições IBAMA/CEBRAP, 2002, pp. 287-314, ISBN 8573001038.

- 7.2.6.** “Habermas e a Teoria Crítica da Sociedade: sobre o sentido da introdução da categoria do direito no quadro da *Teoria da ação comunicativa*”, in Fernandes de Oliveira, Nythamar e Gonzaga de Souza, Draiton (orgs.), *Justiça e Política: homenagem a Otfried Höffe*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, pp. 373-392, ISBN 8574303437.
- 7.2.7.** “A Idéia de Teoria Crítica”, in Muller, Maria Cristina e Cenci, Elve Miguel (orgs.), *Ética, Política e Linguagem: confluências*, Londrina: Edições CEFIL, 2004, pp. 13-25, ISBN 8589011534.
- 7.2.8.** “Participação e deliberação na teoria democrática: uma introdução”, in Vera Schattan P. Coelho; Marcos Nobre, *Participação e Deliberação: Teoria Democrática e Experiências Institucionais no Brasil Contemporâneo*, São Paulo: Editora 34, 2004, pp. 21-40, ISBN 857326313.
- 7.2.9.** “O que é pesquisa em Direito?”, in Marcos Nobre et al., *O que é pesquisa em Direito?*, São Paulo: Quartier Latin, 2005, ISBN 8588813009.
- 7.2.10.** “Elementos de um conceito crítico de tolerância”, in Altair Alberto Fávero, Claudio Almir Dalbosco e Telmo Marcon (orgs.), *Sobre filosofia e educação: racionalidade e tolerância*, Passo Fundo: UPF Editora/DAAD, 2006, pp. 39-54, ISBN 8575153587.
- 7.2.11.** “Teoria Crítica Hoje”, in Daniel Tourinho Peres et al. (orgs.), *Tensões e Passagens: Crítica e Modernidade – Uma homenagem a Ricardo Terra*, São Paulo: Singular, 2007, pp. 265-283 , ISBN 978-8560850020.

- 7.2.12.** “Introdução – Modelos de Teoria Crítica”, in Marcos Nobre (org.) *Curso Livre de Teoria Crítica*, Campinas: Papyrus, 2008, pp. 9-20, ISBN 978-8530808624.
- 7.2.13.** “Max Horkheimer – A Teoria Crítica entre o Nazismo e o Capitalismo Tardio”, in Marcos Nobre (org.) *Curso Livre de Teoria Crítica*, Campinas: Papyrus, 2008, pp. 35-52, ISBN 978-8530808624.
- 7.2.14.** “Marx – Teoria do Valor-Trabalho e Fetichismo”, in Marcos Nobre (org.) *Curso Livre de Teoria Crítica*, Campinas: Papyrus, 2008, pp. 280-285, ISBN 978-8530808624.
- 7.2.15.** “Weber – Racionalização e Desencantamento do Mundo”, in Marcos Nobre (org.) *Curso Livre de Teoria Crítica*, Campinas: Papyrus, 2008, pp. 286-290, ISBN 978-8530808624.
- 7.2.16.** “Introdução”, in Marcos Nobre e Ricardo Terra (orgs.), *Direito e Democracia. Um guia de leitura de Habermas*, São Paulo: Malheiros, 2008, pp. 15-35, ISBN 8574209007.
- 7.2.17.** “Teoría Crítica de la Sociedad: Derecho y Democracia”, in Margarita Sgrò (org.), *Teoría Crítica de la Sociedad, Educación, Democracia y Ciudadanía*, Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2008, pp. 73-96, ISBN 978-9506582111.
- 7.2.18.** “Kant et Hegel selon le modèle adornien de critique et de métacritique”, in Valerio Rohden, Ricardo R. Terra et al. (orgs.), *Recht und Frieden in der Philosophie Kants. Akten des X. Internationalen Kant-Kongresses*, Band 5: Sektionen VIII-XIV, Berlin, Nova York: Walter de Gruyter, 2008, pp. 721-731, ISBN 978-3110183689.

- 7.2.19.** “Das soziologische Defizit der Kritischen Theorie”, entrevista com Axel Honneth, *in* Mauro Basaure, Jan Philipp Reemtsma e Rasmus Willig (orgs.), *Erneuerung der Kritik. Axel Honneth im Gespräch*, Frankfurt/Nova York: Campus, 2009, pp. 83-89, ISBN 978-3593388595 (coautor).
- 7.2.20.** “José Arthur Giannotti”, *in* Flávio Moura e Paula Montero (orgs.), *Retrato de Grupo – 40 anos do Cebrap*, São Paulo: Cossac Naify, 2009, entrevista com José Arthur Giannotti (em colaboração com Ricardo Terra, Flávio Moura e Henri Gervaiseau), pp. 50-71, ISBN 978-8575038727.
- 7.2.21.** “Filosofia no Brasil hoje: tarefas e desafios”, *in* Angelo V. Cenci, Altair A. Fávero, Gerson L. Trombetta (orgs.), *Universidade, Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem aos 50 anos do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo: UPF Editora, 2009, pp. 155-178, ISBN 978-8575157015.
- 7.2.22.** “Apontamentos sobre a pesquisa em direito no Brasil”, *in* Emerson Ribeiro Fabiani (org.), *Impasses e aporias do direito contemporâneo: estudos em homenagem a José Eduardo Faria*, São Paulo: Editora Saraiva, 2011, pp. 79-89, ISBN 978-8502110984.
- 7.2.23.** “Introdução – Reconstruindo Habermas: etapas e sentidos de um percurso”, *in* Marcos Nobre e Luiz Repa (orgs.), *Habermas e a Reconstrução: sobre a categoria central da Teoria Crítica Habermasiana*, Campinas: Papyrus, 2012, pp. 13-42, ISBN 978-8530809614.

### 7.3. ARTIGOS EM PERIÓDICOS

7.3.1. “Da *Dialética do esclarecimento* à *Teoria estética*: algumas questões”, in *Kriterion*, nº 85, Janeiro-Julho 1992, pp. 71-87.

7.3.2. “Pensando o *impeachment*”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 34, novembro de 1992, pp. 15-19, ISSN 01013300.

*Resumo:* O artigo analisa as questões políticas relacionadas ao impeachment do presidente Collor e suas repercussões sobre a conjuntura atual. Para o autor, a compreensão do processo que culminou com o afastamento do presidente deve ser buscada – além de na crise econômica – na lógica do funcionamento da política institucional, bastante complicada pela entrada em vigor da Constituição de 1988.

7.3.3. “Objeções marxistas? Adorno e Benjamin na ‘encruzilhada de magia e positivismo’ dos anos 30”, *Cadernos de Filosofia Alemã*, nº 3, 1997, pp. 45-59.

*Resumo:* O debate entre Adorno e Benjamin na década de 30 sempre foi interpretado tendo como parâmetro um certo hegel-marxismo por assim dizer oficial do Instituto de Pesquisa Social. Esse artigo pretende mostrar o equívoco desta tese, apontando para a necessidade da reconstrução do referido debate a partir do pano de fundo dos escritos de Benjamin da década de 20. Não se encontrará aqui a demonstração cabal desta tese, mas tão-somente o realce de elementos que possam conduzir a tal.

7.3.4. “Política difícil, estabilização imperfeita: os anos FHC” (em parceria com Vinicius Torres Freire), *Novos Estudos CEBRAP*, nº 51, julho de 1998, pp. 123-147, ISSN 01013300.

*Resumo:* Trata-se de artigo exploratório e descritivo que pretende circunscrever em suas grandes linhas o modelo político instaurado nos anos FHC. Para tanto, busca as origens desse modelo nos impasses políticos e econômicos próprios da crise de hegemonia característica do período pós-ditatorial, a fim de mostrar como o projeto em curso pretende simultaneamente administrar essa crise e estabelecer as condições para sua superação, o que, segundo a lógica pressuposta, significaria produzir um novo padrão de desenvolvimento subordinado para o capitalismo brasileiro e um novo rearranjo do Estado.

- 7.3.5. “Einführung in die politische Soziologie der brasilianischen Humanwissenschaften” (coautor), *Comparativ*, vol. 8, nº 6, dezembro de 1998, pp. 7-13.
- 7.3.6. “Hochschulphilosophie in Brasilien unter der Militärdiktatur”, in *Comparativ*, vol. 8, nº 6, dezembro de 1998, pp. 50-72.
- 7.3.7. “A filosofia da USP sob a ditadura militar”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 53, março de 1999, pp. 137-150, ISSN 01013300.

*Resumo:* Examinando o caso do Departamento de Filosofia da USP, o artigo procura explicar a disparidade entre a ausência de massa crítica e de fóruns de debate institucionalizados e a excelente qualidade de muitos trabalhos de filosofia produzidos no Brasil. Esta qualidade se deveu a um movimento de pretensões estritamente exegéticas voltado para a própria história da filosofia e do pensamento e a um outro movimento que buscou pensar os problemas clássicos da filosofia em confronto com as questões prementes das ciências, das artes e da realidade social. A ditadura militar produziu uma ruptura nesse processo, provocando um isolamento da filosofia de seus parceiros tradicionais nas ciências e nas artes, situação que perdura até hoje.

- 7.3.8. “Desenvolvimento sustentado e problemática ambiental”, *Lua Nova*, nº 47, 1999, pp. 137-156.
- 7.3.9. “Limites da reificação: notas sobre o sujeito revolucionário em *História e consciência de classe*”, *Crítica Marxista*, nº 10, junho de 2000, pp. 30-47.
- 7.3.10. “*História e consciência de classe* e a ‘ciência histórica burguesa’”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série 3, volume 9, n.1-2, 1999, pp. 73-100.

- 7.3.11. “Permanecemos contemporâneos dos jovens hegelianos’: Jürgen Habermas e situação de consciência atual”, *Olhar – Revista de Artes e Humanidades do CECH/UFSCar*, vol. 4, dezembro de 2000, pp. 94-101.
- 7.3.12. “As ciências humanas na encruzilhada do social-desenvolvimentismo”, *Revista Adunicamp*, ano 4, nº 1, novembro de 2002, pp. 29-34.
- 7.3.13. “Apontamentos sobre a pesquisa em Direito no Brasil”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 66, julho de 2003, pp. 145-154, ISSN 01013300.

**Resumo:** O artigo apresenta um diagnóstico da situação da pesquisa em Direito no Brasil, buscando caracterizar a concepção de pesquisa vigente nesse campo disciplinar. Enfoca-se em particular a condição de extrema indistinção entre prática, teoria e ensino jurídicos no país. Qualifica-se o estágio alcançado por essa área de pesquisas como de “relativo atraso” em relação ao das demais disciplinas das ciências humanas, procurando-se identificar as causas desse descompasso bem como apontar uma concepção alternativa de pesquisa jurídica, que possa adotar-lhe de um alto padrão científico e romper com o modelo hoje imperante.

- 7.3.14. “Staatskapitalismus gestern und heute”, *Zeitschrift für kritische Theorie*, nº 17, 2003, pp. 89-106.
- 7.3.15. “Crítica e emancipação: em busca dos princípios fundamentais da Teoria Crítica”, in: *Espacios en blanco*, nº 14, 2004, Buenos Aires, Argentina, pp. 45-78, ISSN 15159485.

**Resumo:** Todo aquele que se debruça sobre a tradição da Teoria Crítica depara cedo ou tarde com o problema de delimitar e justificar seu objeto de investigação. Por essa razão, o artigo pretende recuperar o sentido original da expressão e propõe dois critérios de demarcação desse campo intelectual que permitam não apenas reconstruir seu desenvolvimento, mas também levar a Teoria Crítica adiante. Nesse sentido, ao examinar os escritos de autores como Horkheimer, Adorno e Habermas, o artigo pretende mostrar que eles se inserem na Teoria Crítica em um sentido estrito, quando comparados ao campo político e intelectual mais amplo inaugurado por Marx. Com isso, torna-se possível falar em diferentes modelos de Teoria Crítica e defender a ideia de que é o pluralismo de modelos críticos que faz a vitalidade e o interesse dessa tradição intelectual.

- 7.3.16. “Subjectivité et objectivité selon Kant et Hegel: um modele adornien de critique et de métacritique”, *Les Études Philosophiques*, agosto de 2004, pp. 311-329.
- 7.3.17. “Novas Polarizações – Ainda Sobre Esquerda e Direita”, in: *Economica*, Dossiê Direita e Esquerda, volume 9, nº 2, dezembro de 2007, pp. 341-351, ISSN 15171302.

**Resumo:** Posicionando-se contra qualquer tipo de dogmatismo, o artigo parte da ideia de que esquerda e direita se dividiram sempre segundo a prioridade que cada qual tem conferido, respectivamente, à igualdade e à liberdade. Chega à conclusão de que a divisão continua a se dar nesses termos. Mas, enquanto a direita permanece aferrada ao primado da liberdade, a esquerda tende a manter em suspenso esse juízo de prioridade, cuja determinação deve dar-se nas lutas concretas que se tem movido em favor da ampliação da autonomia cidadã. Essa nova caracterização é apresentada como consequência da aceitação, por importantes parcelas da esquerda, do campo do Estado Democrático de Direito, não apenas como terreno legítimo de disputa com a direita, mas como portador de potenciais emancipatórios suscetíveis de serem realizados.

- 7.3.18. “Réplica”, in: *Economica*, Dossiê Direita e Esquerda, volume 9, nº 2, dezembro de 2007, pp. 368-371, ISSN 15171302.
- 7.3.19. “Indeterminação e estabilidade: os 20 anos da Constituição Federal e as tarefas da pesquisa em direito”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 82, novembro de 2008, pp. 97-106, ISSN 01013300.

Endereço eletrônico:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300005&script=sci_arttext).

**Resumo:** O processo constituinte foi marcado por novidades como uma intensa e influente participação da sociedade civil e pela ausência de um bloco hegemônico. Daí o caráter abrangente e detalhista do texto constitucional. Mas foi esse aspecto "contraditório" do texto o que permitiu que fosse reivindicado pelos mais diferentes grupos e movimentos. E foi isso que construiu sua legitimidade e sua vitalidade.

- 7.3.20.** “Eleição marcada pelo silêncio”, Newsletter DAAD, nº 63, outubro de 2009.  
Endereço eletrônico:  
<http://daad.mailler.com.br/noticia.php?e=63&n=3>.
- 7.3.21.** “Apresentação” (coautor), “Dossiê Tolerância”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 84, julho de 2009, pp. 5-12, ISSN 01013300.
- 7.3.22.** “Dossiê Tolerância” – organização (coorganizador), *Novos Estudos CEBRAP*, nº 84, julho de 2009, pp. 5-81, ISSN 01013300.
- 7.3.23.** “World-System Inequalities Before and After the Crisis”, “Introduction” (com Klaus-Gerd Giesen), *Peace Review. A Journal of Social Justice*, Volume 22, nº 4, outubro de 2010, pp. 339-348, ISSN: 14699982 (electronic) 10402659 (paper).
- 7.3.24.** “O filósofo municipal, a *Setzung* e uma nova coalizão lógico-ontológica”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 90, julho de 2011, pp. 35-55, ISSN 01013300.  
Endereço eletrônico:  
[http://novosestudos.uol.com.br/acervo/acervo\\_artigo.asp?idMateria=1435](http://novosestudos.uol.com.br/acervo/acervo_artigo.asp?idMateria=1435)

**Resumo:** O artigo apresenta uma interpretação de conjunto do percurso intelectual de Jose Arthur Giannotti ate *Lições de filosofia primeira* (2011), e procura mostrar que, ao abandonar o universo da lógica da *Setzung* e o projeto de elaborar uma teoria da ilusão necessária, Giannotti não conseguiu mais reencontrar um solo para a crítica, resultado do abandono do campo de forcas Kant-Hegel em favor de um campo de forcas marcado pelas filosofias de Wittgenstein e Heidegger.

**7.3.25.** “Judicialização da política: déficits explicativos e bloqueios normativistas” (em coautoria com José Rodrigo Rodriguez), in: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 91, novembro de 2011, pp. 5-20, ISSN 01013300.

Endereço eletrônico:

[http://novosestudos.uol.com.br/acervo/acervo\\_artigo.asp?idMateria=1](http://novosestudos.uol.com.br/acervo/acervo_artigo.asp?idMateria=1)

444

#### 7.4. APRESENTAÇÕES DE LIVROS

- 7.4.1. “Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica”, apresentação do livro de Axel Honneth, *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, tradução de Luiz Repa, São Paulo: Editora 34, 2003, pp. 7-19, ISBN 8573262818.
- 7.4.2. “Breve Apresentação” (em coautoria com Ricardo R. Terra) a Paulo Mattos et al. (orgs.), *Regulação Econômica e Democracia. O Debate Norte-Americano*, São Paulo: Editora 34, 2004, pp. 7-9, ISBN 8573262907.
- 7.4.3. “Apresentação” (coautor), in: Vera Schattan P. Coelho; Marcos Nobre, *Participação e Deliberação: Teoria Democrática e Experiências Institucionais no Brasil Contemporâneo*, São Paulo: Editora 34, 2004, pp. 11-18, ISBN 857326313.
- 7.4.4. “Apresentação” (coautor), in: Daniel Tourinho Peres et al. (orgs.), *Tensões e Passagens: Crítica e Modernidade – Uma homenagem a Ricardo Terra*, São Paulo: Singular, 2008, pp. 7-10, ISBN 978-8560850020.
- 7.4.5. “Apresentação”, in: Marcos Nobre (org.), *Curso Livre de Teoria Crítica*, Campinas: Papyrus, 2008, pp. 7-8, ISBN 978-8530808624.
- 7.4.6. “Apresentação” (coautor), in: Marcos Nobre e Ricardo Terra (orgs.), *Direito e Democracia. Um guia de leitura de Habermas*, São Paulo: Malheiros, 2008, pp. 11-14, ISBN 8574209007.

- 7.4.7.** “Prefácio”, in: José Rodrigo Rodriguez, *Fuga do direito: um estudo sobre o direito contemporâneo a partir de Franz Neumann*, São Paulo: Saraiva, 2009, 210 páginas, pp. XV-XX, ISBN 978-8502077478.
- 7.4.8.** “Apresentação”, in: Angelo Vitorio Cenci, *Apel versus Habermas: a controvérsia acerca da relação entre moral e razão prática na ética do discurso*, Passo Fundo: Editora UPF, 2011, pp. 13-22, ISBN 978-8575157602.
- 7.4.9.** “Breve Apresentação”, in: Marcos Nobre e Luiz Repa (orgs), *Habermas e a Reconstrução: sobre a categoria central da Teoria Crítica Habermasiana*, Campinas: Papyrus, 2012, pp. 7-11, ISBN 978-8530809614.

## 7.5. CADERNOS DE PESQUISA

- 7.5.1. “Freitas Nobre – o cidadão”, in: Marques de Melo, José (org.), *Freitas Nobre*, Simpósios em Comunicações e Artes, ECA/USP, 1991, pp. 9-14.
- 7.5.2. “Apontamentos sobre a Pesquisa em Direito no Brasil”, *Cadernos Direito FGV*, Textos em Debate, nº 01, Setembro de 2004, 20 páginas.  
Endereço eletrônico:  
[http://www.direitogv.com.br/AppData/Publication/Pesquisa\\_20em\\_20Direito\\_20para\\_20Cadernos\\_20Direito\\_20GV.pdf](http://www.direitogv.com.br/AppData/Publication/Pesquisa_20em_20Direito_20para_20Cadernos_20Direito_20GV.pdf).

**Resumo:** *O artigo apresenta um diagnóstico da situação da pesquisa em Direito no Brasil, buscando caracterizar a concepção de pesquisa vigente nesse campo disciplinar. Enfoca-se em particular a condição de extrema indistinção entre prática, teoria e ensino jurídicos no país. Qualifica-se o estágio alcançado por essa área de pesquisas como de “relativo atraso” em relação ao das demais disciplinas das ciências humanas, procurando-se identificar as causas desse descompasso bem como apontar uma concepção alternativa de pesquisa jurídica, que possa dotar-lhe de um alto padrão científico e romper com o modelo hoje dominante.*

## **7.6. EDITOR**

- 7.6.1.** Coeditor do número especial da revista *Comparativ*, vol. 8, nº 6, “Human-wissenschaften unter Diktatur und Demokratisierung in Brasilien”, juntamente com Klaus-Gerd Giesen e Ricardo Ribeiro Terra.

**7.7. ARTIGOS, RESENHAS E COLUNAS EM JORNAIS E MAGAZINES/REVISTAS**

- 7.7.1.** “‘Escola de Frankfurt’ virou um slogan disputado nas editoras e universidades”, resenha do livro de Olgária Mattos, *Os arcanos do inteiramente outro*, *Folha de S. Paulo*, Caderno Letras, 24 de março de 1990, pp. F-4 e F-5.
- 7.7.2.** “Desordem do mundo”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 08 de agosto de 1999, p. 7.
- 7.7.3.** “Giannotti passa a escrever na Folha”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 17 de dezembro de 2000, p. 14.
- 7.7.4.** “Acabou em samba”, *Folha de S. Paulo*, Jornal de Resenhas, 10 de março de 2001, p. 5.
- 7.7.5.** “A decadência de uma expressão”, resenha do livro de Rolf Wiggershaus *A Escola de Frankfurt*, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 02 de fevereiro de 2003, p. 15.
- 7.7.6.** “O veneno para o antídoto”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 31 de agosto de 2003, p. 14.
- 7.7.7.** “Com a cabeça no lugar”, *Folha de S. Paulo*, 22 de outubro de 2004, p. A-3.
- 7.7.8.** “Mais Futebol, Menos Prozac”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Especial Futebolologia 1, 28 de maio de 2006, p. Especial 10.

- 7.7.9.** “As caras dos conservadores”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 16 de agosto de 2006.
- 7.7.10.** “300 palavras”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 23 de agosto de 2006.
- 7.7.11.** “O mensalão libertou Lula”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 30 de agosto de 2006.
- 7.7.12.** “Política travada”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 06 de setembro de 2006.
- 7.7.13.** “O TSE e o avestruz”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 13 de setembro de 2006.
- 7.7.14.** “Acabou a era FHC”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 20 de setembro de 2006.
- 7.7.15.** “Realismo social”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 27 de setembro de 2006.
- 7.7.16.** “A imagem do dinheiro”, *Folha de S. Paulo*, caderno Brasil, Eleições 2006, 04 de outubro de 2006.
- 7.7.17.** “Além do telecatch”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 11 de outubro de 2006.
- 7.7.18.** “O dinheiro não vota”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 18 de outubro de 2006.

- 7.7.19.** “Dura de matar”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 25 de outubro de 2006.
- 7.7.20.** “Depois do voto”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Brasil, Eleições 2006, 01 de novembro de 2006.
- 7.7.21.** “Modernidade”, *Folha de S. Paulo*, 19 de junho de 2007, p. A-2.
- 7.7.22.** “Para que universidade”, *Folha de S. Paulo*, 26 de junho de 2007, p. A-2.
- 7.7.23.** “A explicação de tudo”, *Folha de S. Paulo*, 03 de julho de 2007, p. A-2.
- 7.7.24.** “Neocons”, *Folha de S. Paulo*, 10 de julho de 2007, p. A-2.
- 7.7.25.** “Downloads e uploads”, *Folha de S. Paulo*, 17 de julho de 2007, p. A-2.
- 7.7.26.** “Justiça e Política”, *Folha de S. Paulo*, 24 de julho de 2007, p. A-2.
- 7.7.27.** “Caos”, *Folha de S. Paulo*, 31 de julho de 2007, p. A-2.
- 7.7.28.** “Prisões”, *Folha de S. Paulo*, 07 de agosto de 2007, p. A-2.
- 7.7.29.** “Giannetti na Terra Prometida”, *Folha de S. Paulo*, 14 de agosto de 2007, p. A-2.
- 7.7.30.** “Homofobia e responsabilização”, *Folha de S. Paulo*, 21 de agosto de 2007, p. A-2.

- 7.7.31.** “Photoshop na política”, *Folha de S. Paulo*, 28 de agosto de 2007, p. A-2.
- 7.7.32.** “Forças Armadas”, *Folha de S. Paulo*, 04 de setembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.33.** “O inimigo”, *Folha de S. Paulo*, 11 de setembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.34.** “Escárnio por abstenção”, *Folha de S. Paulo*, 18 de setembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.35.** “O estranho caminho de Santiago”, *Folha de S. Paulo*, 25 de setembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.36.** “Venezuela, Brasil”, *Folha de S. Paulo*, 02 de outubro de 2007, p. A-2.
- 7.7.37.** “Popularidade inútil”, *Folha de S. Paulo*, 09 de outubro de 2007, p. A-2.
- 7.7.38.** “Cansei 2”, *Folha de S. Paulo*, 16 de outubro de 2007, p. A-2.
- 7.7.39.** “Experiência segregada”, *Folha de S. Paulo*, 23 de outubro de 2007, p. A-2.
- 7.7.40.** “Um país normal”, *Folha de S. Paulo*, 30 de outubro de 2007, p. A-2.
- 7.7.41.** “Lembretes”, *Folha de S. Paulo*, 06 de novembro de 2007, p. A-2.

- 7.7.42.** “Tão longe, tão perto”, *Folha de S. Paulo*, 13 de novembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.43.** “A cor da consciência”, *Folha de S. Paulo*, 20 de novembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.44.** “Fantasmas”, *Folha de S. Paulo*, 27 de novembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.45.** “A chave do tamanho”, *Folha de S. Paulo*, 04 de dezembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.46.** “Chance perdida”, *Folha de S. Paulo*, 11 de dezembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.47.** “Bali e a usina de Gaddafi”, *Folha de S. Paulo*, 18 de dezembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.48.** “Mapas e caminhos”, *Folha de S. Paulo*, 25 de dezembro de 2007, p. A-2.
- 7.7.49.** “Decisão de Ano Novo”, *Folha de S. Paulo*, 01 de janeiro de 2008, p. A-2.
- 7.7.50.** “Fechar Guantánamo”, *Folha de S. Paulo*, 12 de janeiro de 2008, p. A-2.
- 7.7.51.** “Política de WO”, *Folha de S. Paulo*, 19 de fevereiro de 2008, p. A-2.
- 7.7.52.** “Cara ou coroa no Oscar”, *Folha de S. Paulo*, 26 de fevereiro de 2008, p. A-2.

- 7.7.53.** “A confusão entre direita e esquerda”, *Valor Econômico*, 29 de fevereiro de 2008, Caderno Eu&Fim de Semana, pp. 16-18.
- 7.7.54.** “O bacharel e o grosseirão”, *Folha de S. Paulo*, 04 de março de 2008, p. A-2.
- 7.7.55.** “Vinte anos de poder”, *Folha de S. Paulo*, 11 de março de 2008, p. A-2.
- 7.7.56.** “Uma guerra natural”, *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2008, p. A-2.
- 7.7.57.** “Réquiem para a MP”, *Folha de S. Paulo*, 25 de março de 2008, p. A-2.
- 7.7.58.** “Depois do boicote”, *Folha de S. Paulo*, 01 de abril de 2008, p. A-2.
- 7.7.59.** “Delirantes e interessados”, *Folha de S. Paulo*, 08 de abril de 2008, p. A-2.
- 7.7.60.** “Juros: teoria e prática”, *Folha de S. Paulo*, 15 de abril de 2008, p. A-2.
- 7.7.61.** “América Latina”, *Folha de S. Paulo*, 22 de abril de 2008, p. A-2.
- 7.7.62.** “Gincana de arraial”, *Folha de S. Paulo*, 29 de abril de 2008, p. A-2.
- 7.7.63.** “O que ficou de 1968”, *Folha de S. Paulo*, 06 de maio de 2008, p. A-2.

- 7.7.64.** “Da pílula ao Viagra”, *Folha de S. Paulo*, 13 de maio de 2008, p. A-2.
- 7.7.65.** “Road movie 1968”, *Folha de S. Paulo*, 20 de maio de 2008, p. A-2.
- 7.7.66.** “Brasil, 1968”, *Folha de S. Paulo*, 27 de maio de 2008, p. A-2.
- 7.7.67.** “De híbridos e mutantes”, *Folha de S. Paulo*, 03 de junho de 2008, p. A-2.
- 7.7.68.** “Obama sem clichês”, *Folha de S. Paulo*, 10 de junho de 2008, p. A-2.
- 7.7.69.** “Dois votos”, *Folha de S. Paulo*, 17 de junho de 2008, p. A-2.
- 7.7.70.** “Balão mágico”, *Folha de S. Paulo*, 24 de junho de 2008, p. A-2.
- 7.7.71.** “Liberalismo à brasileira”, *Folha de S. Paulo*, 01 de julho de 2008, p. A-2.
- 7.7.72.** “Discutindo a relação”, *Folha de S. Paulo*, 08 de julho de 2008, p. A-2.
- 7.7.73.** “Última instância”, *Folha de S. Paulo*, 15 de julho de 2008, p. A-2.
- 7.7.74.** “Direito e poder”, *Folha de S. Paulo*, 22 de julho de 2008, p. A-2.
- 7.7.75.** “Obama”, *Folha de S. Paulo*, 29 de julho de 2008, p. A-2.

- 7.7.76.** “Para não perder o bonde”, *Folha de S. Paulo*, 05 de agosto de 2008, p. A-2.
- 7.7.77.** “Homenagens e ideologias”, *Folha de S. Paulo*, 12 de agosto de 2008, p. A-2.
- 7.7.78.** “Declaração de tortura”, *Folha de S. Paulo*, 19 de agosto de 2008, p. A-2.
- 7.7.79.** “O efeito Lula”, *Folha de S. Paulo*, 26 de agosto de 2008, p. A-2.
- 7.7.80.** “Pré-sal e pós-Lula”, *Folha de S. Paulo*, 02 de setembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.81.** “Como se faz uma crise”, *Folha de S. Paulo*, 09 de setembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.82.** “Deixem a Bolívia em paz”, *Folha de S. Paulo*, 16 de setembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.83.** “A crise e a regulação”, *Folha de S. Paulo*, 23 de setembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.84.** “E agora, liberais?”, *Folha de S. Paulo*, 30 de setembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.85.** “De olho no STF”, *Folha de S. Paulo*, 14 de outubro de 2008, p. A-2.
- 7.7.86.** “São Paulo no cinema”, *Folha de S. Paulo*, 21 de outubro de 2008, p. A-2.

- 7.7.87.** “Um Geraldo no caminho”, *Folha de S. Paulo*, 28 de outubro de 2008, p. A-2.
- 7.7.88.** “Obama e as circunstâncias”, *Folha de S. Paulo*, 04 de novembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.89.** “O cidadão e o magistrado”, *Folha de S. Paulo*, 11 de novembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.90.** “Reformas e embrulhos”, *Folha de S. Paulo*, 18 de novembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.91.** “Janelas e portas”, *Folha de S. Paulo*, 25 de novembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.92.** “Padrão Osesp”, *Folha de S. Paulo*, 02 de dezembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.93.** “15 minutos de fama”, *Folha de S. Paulo*, 09 de dezembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.94.** “Indústria cultural”, *Folha de S. Paulo*, 16 de dezembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.95.** “Notícia em crise”, *Folha de S. Paulo*, 23 de dezembro de 2008, p. A-2.
- 7.7.96.** “Medo de fantasmas”, *Folha de S. Paulo*, 30 de dezembro de 2008, p. A-2.

- 7.7.97.** “Por um pacifismo radical”, *Folha de S. Paulo*, 06 de janeiro de 2009, p. A-2.
- 7.7.98.** “Novas formalidades”, *Folha de S. Paulo*, 13 de janeiro de 2009, p. A-2.
- 7.7.99.** “O que esperar de Obama”, *Folha de S. Paulo*, 20 de janeiro de 2009, p. A-2.
- 7.7.100.** “Duas ideias ruins”, *Folha de S. Paulo*, 27 de janeiro de 2009, p. A-2.
- 7.7.101.** “Filosofia na escola”, *Folha de S. Paulo*, 03 de fevereiro de 2009, p. A-2.
- 7.7.102.** “A nova direita”, *Folha de S. Paulo*, 03 de março de 2009, p. A-2.
- 7.7.103.** “Momento de decisão”, *Folha de S. Paulo*, 10 de março de 2009, p. A-2.
- 7.7.104.** “Política da chantagem”, *Folha de S. Paulo*, 17 de março de 2009, p. A-2.
- 7.7.105.** “O papa vai à guerra”, *Folha de S. Paulo*, 24 de março de 2009, p. A-2.
- 7.7.106.** “O PAC e a Daslu”, *Folha de S. Paulo*, 31 de março de 2009, p. A-2.
- 7.7.107.** “O clube e a fotografia”, *Folha de S. Paulo*, 07 de abril de 2009, p. A-2.

- 7.7.108.** “Dilma, dilemas e Ciro”, *Folha de S. Paulo*, 14 de abril de 2009, p. A-2.
- 7.7.109.** “O fim do anticomunismo”, *Folha de S. Paulo*, 21 de abril de 2009, p. A-2.
- 7.7.110.** “Briga de torcidas”, *Folha de S. Paulo*, 28 de abril de 2009, p. A-2.
- 7.7.111.** “Informação é poder”, *Folha de S. Paulo*, 05 de maio de 2009, p. A-2.
- 7.7.112.** “Tempos interessantes”, *Folha de S. Paulo*, 12 de maio de 2009, p. A-2.
- 7.7.113.** “Notas de corte”, *Folha de S. Paulo*, 19 de maio de 2009, p. A-2.
- 7.7.114.** “Muggles”, *Folha de S. Paulo*, 26 de maio de 2009, p. A-2.
- 7.7.115.** “Estranha calma”, *Folha de S. Paulo*, 02 de junho de 2009, p. A-2.
- 7.7.116.** “É culpa da democracia”, *Folha de S. Paulo*, 09 de junho de 2009, p. A-2.
- 7.7.117.** “Violência na USP”, *Folha de S. Paulo*, 16 de junho de 2009, p. A-2.
- 7.7.118.** “Choques no Irã”, *Folha de S. Paulo*, 23 de junho de 2009, p. A-2.
- 7.7.119.** “Sarney e o Real”, *Folha de S. Paulo*, 30 de junho de 2009, p. A-2.
- 7.7.120.** “Obama lavou as mãos”, *Folha de S. Paulo*, 07 de julho de 2009, p. A-2.

- 7.7.121. “Preço alto”, *Folha de S. Paulo*, 14 de julho de 2009, p. A-2.
- 7.7.122. “Satélite reencantado”, *Folha de S. Paulo*, 21 de julho de 2009, p. A-2.
- 7.7.123. “Renúncia coletiva”, *Folha de S. Paulo*, 28 de julho de 2009, p. A-2.
- 7.7.124. “Fé na mídia”, *Folha de S. Paulo*, 04 de agosto de 2009, p. A-2.
- 7.7.125. “Dedos, anéis e Marina”, *Folha de S. Paulo*, 11 de agosto de 2009, p. A-2.
- 7.7.126. “Quiproquó”, *Folha de S. Paulo*, 18 de agosto de 2009, p. A-2.
- 7.7.127. “A volta do militarismo”, *Folha de S. Paulo*, 25 de agosto de 2009, p. A-2.
- 7.7.128. “Evitar o desastre”, *Folha de S. Paulo*, 01 de setembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.129. “A cultura das armas”, *Folha de S. Paulo*, 08 de setembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.130. “A política das palavras”, *Folha de S. Paulo*, 15 de setembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.131. “Alemanha no centro”, *Folha de S. Paulo*, 22 de setembro de 2009, p. A-2.

- 7.7.132.** “Partido de massa”, *Folha de S. Paulo*, 29 de setembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.133.** “Lula vai de Ciro”, *Folha de S. Paulo*, 06 de outubro de 2009, p. A-2.
- 7.7.134.** “Balzac e o Nobel”, *Folha de S. Paulo*, 13 de outubro de 2009, p. A-2.
- 7.7.135.** “Pós-jabuticaba”, *Folha de S. Paulo*, 20 de outubro de 2009, p. A-2.
- 7.7.136.** “Tudo ou nada”, *Folha de S. Paulo*, 27 de outubro de 2009, p. A-2.
- 7.7.137.** “Copenhague e a China”, *Folha de S. Paulo*, 03 de novembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.138.** “Quem derrubou?”, *Folha de S. Paulo*, 10 de novembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.139.** “Battisti”, *Folha de S. Paulo*, 17 de novembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.140.** “Darwin na sala de aula”, *Folha de S. Paulo*, 24 de novembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.141.** “Peemedebização”, *Folha de S. Paulo*, 01 de dezembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.142.** “Chávez e as Casas Bahia”, *Folha de S. Paulo*, 08 de dezembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.143.** “Suprema incoerência”, *Folha de S. Paulo*, 15 de dezembro de 2009, p. A-2.

- 7.7.144.** “Meu caro amigo”, *Folha de S. Paulo*, 22 de dezembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.145.** “Resposta”, *Folha de S. Paulo*, 29 de dezembro de 2009, p. A-2.
- 7.7.146.** “O piso e o Suriname”, *Folha de S. Paulo*, 05 de janeiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.147.** “Crise em 3D”, *Folha de S. Paulo*, 12 de janeiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.148.** “Do Chile ao Brasil”, *Folha de S. Paulo*, 19 de janeiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.149.** “Muito além de Hollywood”, *Folha de S. Paulo*, 26 de janeiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.150.** “A hora do STJ”, *Folha de S. Paulo*, 02 de fevereiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.151.** “Dilma virou candidata”, *Folha de S. Paulo*, 09 de fevereiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.152.** “Holmes e House”, *Folha de S. Paulo*, 16 de fevereiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.153.** “Laranja diplomático”, *Folha de S. Paulo*, 23 de fevereiro de 2010, p. A-2.
- 7.7.154.** “Intervenção é retrocesso”, *Folha de S. Paulo*, 02 de março de 2010, p. A-2.

- 7.7.155.** “A cota do DEM”, *Folha de S. Paulo*, 09 de março de 2010, p. A-2.
- 7.7.156.** “Cuba”, *Folha de S. Paulo*, 16 de março de 2010, p. A-2.
- 7.7.157.** “Marilyn e Obama”, *Folha de S. Paulo*, 30 de março de 2010, p. A-2.
- 7.7.158.** “Momento de não decisão”, *Folha de S. Paulo*, 06 de abril de 2010, p. A-2.
- 7.7.159.** “Nem bandido nem mocinho”, *Folha de S. Paulo*, 13 de abril de 2010, p. A-2.
- 7.7.160.** “Quanto vale uma cadeira”, *Folha de S. Paulo*, 20 de abril de 2010, p. A-2.
- 7.7.161.** “Marina”, *Folha de S. Paulo*, 27 de abril de 2010, p. A-2.
- 7.7.162.** “Suicídio institucional”, *Folha de S. Paulo*, 04 de maio de 2010, p. A-2.
- 7.7.163.** “Quanto custa um capitalismo”, *Folha de S. Paulo*, 11 de maio de 2010, p. A-2.
- 7.7.164.** “Paradoxos eleitorais”, *Folha de S. Paulo*, 18 de maio de 2010, p. A-2.
- 7.7.165.** “Errar é do jogo”, *Folha de S. Paulo*, 25 de maio de 2010, p. A-2.

- 7.7.166.** “Evitar a guerra”, *Folha de S. Paulo*, 01 de junho de 2010, p. A-2.
- 7.7.167.** “De cientistas e descolados”, *Folha de S. Paulo*, 08 de junho de 2010, p. A-2.
- 7.7.168.** “Aparelhamento”, *Folha de S. Paulo*, 15 de junho de 2010, p. A-2.
- 7.7.169.** “A década que não acabou”, *Folha de S. Paulo*, 22 de junho de 2010, p. A-2.
- 7.7.170.** “Tiro ao Alvaro”, *Folha de S. Paulo*, 29 de junho de 2010, p. A-2.
- 7.7.171.** “O esportista é um fingidor”, *Folha de S. Paulo*, 06 de julho de 2010, p. A-2.
- 7.7.172.** “O lugar dos conservadores”, *Folha de S. Paulo*, 13 de julho de 2010, p. A-2.
- 7.7.173.** “Medos públicos”, *Folha de S. Paulo*, 20 de julho de 2010, p. A-2.
- 7.7.174.** “Serra vai queimar FHC”, *Folha de S. Paulo*, 27 de julho de 2010, p. A-2.
- 7.7.175.** “O voto do voto”, *Folha de S. Paulo*, 03 de agosto de 2010, p. A-2.
- 7.7.176.** “Sim ou não”, *Folha de S. Paulo*, 10 de agosto de 2010, p. A-2.
- 7.7.177.** “A vida após a morte da canção” (com José Roberto Zan), *Revista Serrote*, nº 6, novembro de 2010, pp. 81-94, ISSN 19845278, ISBN 978-8586707339.
- Endereço eletrônico:  
<http://www.revistaserrote.com.br/2011/07/a-vida-apos-a-morte-da-cancao>

- 7.7.178.** “A canção e a vaia” (com José Roberto Zan), *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustríssima, 05 de dezembro de 2010, p. 8.  
Endereço eletrônico:  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0512201007.htm>.
- 7.7.179.** “O fim da polarização. Nem petistas nem tucanos: o pemedebismo no poder”, *Piauí*, nº 51, dezembro de 2010, pp. 70-74.  
Endereço eletrônico:  
[http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao\\_51/artigo\\_1481/O\\_fim\\_da\\_polarizacao.aspx](http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao_51/artigo_1481/O_fim_da_polarizacao.aspx).
- 7.7.180.** Debate “Esquerda, direita e outras vias”, com Luiz Felipe Pondé e mediação de Otavio Frias Frilho, série “Desentendimento”, Revista *Serrote*, Instituto Moreira Salles, postado em 11 de fevereiro de 2011.  
Endereço eletrônico:  
<http://blogdoims.uol.com.br/?p=1018>.
- 7.7.181.** “Governo com pouca margem de manobra e ‘excesso de adesão’”, *Valor Econômico*, 02 de maio de 2011, caderno “Rumos da Economia”, p. F-2.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.valoronline.com.br/impreso/s1-2011-05-02/71451/420341/governo-com-pouca-margem-de-manobra-e-excesso-de-adesao>.
- 7.7.182.** “O condomínio peemedebista. As polarizações artificiais que travam o debate público”, *Folha de S. Paulo*, 15 de maio de 2011, Caderno Ilustríssima, pp. 4-5.  
Endereço eletrônico:  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il1505201105.htm>.

- 7.7.183.** “A política da queda de braço”, *O Estado de S. Paulo*, Caderno Aliás, 24 de julho de 2011, p. J-3.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-politica-da-queda-de-braco,749191,0.htm>.
- 7.7.184.** “Queda de braço de Dilma faz PMDB organizar centrão”, entrevista concedida, *O Estado de S. Paulo*, 14 de agosto de 2011, p. A-6.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,queda-de-braco-de-dilma-faz-pmdb-organizar-centrao,758313,0.htm>.
- 7.7.185.** “A jovem guarda vem aí”, *Folha de S. Paulo*, 25 de setembro de 2011, Caderno Ilustríssima, p. 3.  
Endereço eletrônico:  
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/980220-a-jovem-guarda-vem-ai.shtml>.
- 7.7.186.** “A política por todos os lados” (em coautoria com José Rodrigo Rodriguez), *Valor Econômico*, 25-27 de novembro de 2011, Caderno Eu&Fim de Semana, pp. 22-25.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.valor.com.br/cultura/1109720/politica-por-todos-os-lados>.
- 7.7.187.** “A nova direita”, *O Estado de S. Paulo*, Caderno Aliás, 3 de dezembro de 2011, p. J-3.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-nova-direita,806276,0.htm>

## 7.8. ARTIGOS NA INTERNET

- 7.8.1.** “Onde estão os ideólogos?”, site “Trópico”, 26 de outubro de 2004.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2463.htm>.
- 7.8.2.** “Engolindo o próprio veneno”, site “Trópico”, 10 de dezembro de 2004.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2496.htm>.
- 7.8.3.** “O Incrível George W. Bush”, site “Trópico”, 18 de janeiro de 2005.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2513.htm>.
- 7.8.4.** “A última ficha caiu”, site “Trópico”, 23 de fevereiro de 2005.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2534.htm>.
- 7.8.5.** “Todos os peões do presidente”, site “Trópico”, 9 de abril de 2005.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2560.htm>.
- 7.8.6.** “Como assim, ‘não’?”, site “Trópico”, 9 de junho de 2005.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2593.htm>.
- 7.8.7.** “Lula assume a presidência”, site “Trópico”, 20 de julho de 2005.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2615.htm>.

- 7.8.8.** “Que projeto de país?”, site “Trópico”, 26 de outubro de 2005.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2672.htm>.
- 7.8.9.** “A morte e a morte da canção” (em parceria com José Roberto Zan, Henry Burnett e Rúrion Soares Melo), site “Trópico”, 3 de dezembro de 2005.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2691.htm>.
- 7.8.10.** “Juros, Mentiras e Videoteipe” (em parceria com Vinicius Torres Freire), site “Trópico”, 14 de fevereiro de 2006.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2712.htm>.
- 7.8.11.** “Chega de Saudade” (em parceria com José Roberto Zan, Henry Burnett e Rúrion Soares Melo), site “Trópico”, 14 de março de 2006.  
Endereço eletrônico:  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/2719.htm>.

## 7.9. ENTREVISTAS REALIZADAS

- 7.9.1. “A reconstrução dialética de Ruy Fausto”, *Folha de S. Paulo*, 01 de novembro de 1987.
- 7.9.2. “Mulheres revêem direitos da humanidade”, entrevista com Gabriella Bonacchi, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais!, 25 de agosto de 1998, p. 5.
- 7.9.3. “Democracia por subtração”, entrevista com István Mészáros, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 09 de junho de 2002, pp. 10-13. Reprodução parcial como “Una scommessa al lavoro”, *Il Manifesto*, 10 de dezembro de 2002, p. 14.
- 7.9.4. “Honneth esquadrinha ‘déficit sociológico’”, entrevista com Axel Honneth, *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, 11 de outubro de 2003, p. E-7 (em parceria com Luiz Sergio Repa).
- 7.9.5. “A dimensão moral”, entrevista com Axel Honneth, *Folha de S. Paulo*, 27 de setembro de 2009, Caderno Mais! (em coautoria com Rúrion Melo).
- 7.9.6. “A explosão da metafísica”, entrevista com José Arthur Giannotti, *Valor Econômico*, 20-24 de abril de 2011, Caderno Eu&Fim de Semana, pp. 18-21.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.valor.com.br/arquivo/883631/explosao-da-metafisica>

## 7.10. ENTREVISTAS CONCEDIDAS

7.10.1. *Adunicamp: 25 anos. Autonomia – Democracia – Participação*, Campinas: Associação dos Docentes da Unicamp, 2002, pp. 198-209.

7.10.2. Entrevista para a emissora alemã WDR 2 sobre as eleições de 27 de setembro de 2009. (Moderation: Horst Kläuser). "*Es wird noch einmal Polarisierung geben*" (29 de setembro de 2009).

Endereço eletrônico:

<http://www.wdr.de/radio/wdr2/weltzeit/532402.phtml>.

7.10.3. “PMDB é ‘zona de indistinação’ de PSDB e PT”, entrevista concedida à TV UOL, 1º de março de 2009, 25 minutos.

Endereço eletrônico:

<http://tvuol.uol.com.br/#view/id=pmdb-zona-de-indistino-de-psdb-e-pt-0402356CD0897326/user=1575mnadmj5c/date=2009-03-01&&list/type=search/q=marcos%20nobre/page=3/>.

7.10.4. “O cortejo do atraso”, entrevista concedida, *O Estado de S. Paulo*, Caderno Aliás, 9 de janeiro de 2011, p. J-4.

Endereço eletrônico:

<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,o-cortejo-do-atraso,663669,0.htm>.

7.10.5. “‘Excesso de adesão’ é problema para Dilma, diz analista”, entrevista concedida, *Folha de S. Paulo*, 4 de abril de 2011, p. A-9.

Endereço eletrônico:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0404201111.htm>.

- 7.10.6.** “Dilma perdeu seu grande projeto político”, entrevista concedida, *Valor Econômico*, 30 de maio de 2011, p. A-6.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.valoronline.com.br/impreso/politica/100/433925/dilma-perdeu-seu-grande-projeto-politico>.
- 7.10.7.** “Temer, hoje, é o líder da oposição”, entrevista concedida, *Revista Época*, nº 692, 22 de agosto de 2011, pp. 44-45.  
Endereço eletrônico:  
<http://glo.bo/qeNIgX>.
- 7.10.8.** “Teoria Crítica une o pensamento da chamada Escola de Frankfurt”, entrevista concedida, *Globo Ciência*, 1º de outubro de 2011.
- 7.10.9.** “PSD não passa de um ‘PMDB repaginado’, avaliam cientistas políticos”, entrevista concedida, *UOL Notícias*, 2 de outubro de 2011

### **7.11. TRADUÇÕES**

- 7.11.1.** “Experiência artística em Arnold Schoenberg. Sobre a dialética do material musical”, de Michael de la Fontaine, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 27, julho de 1990 (em parceria com Fábio de Andrade).
- 7.11.2.** “Feminismo e pós-modernismo”, de Sabina Lovibond, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 27, julho de 1990.
- 7.11.3.** *Seduções da psicanálise. Freud, Lacan e Derrida*, de John Forrester, Papyrus, 1990.
- 7.11.4.** “Introdução à Crítica do Juízo” (cotradutor), in *Duas introduções à Crítica do Juízo*, de Immanuel Kant, organização de Ricardo R. Terra, Iluminuras, 1995.
- 7.11.5.** “Uma conversa sobre questões da teoria política. Entrevista de Jürgen Habermas a M. Carlehedem e R. Gabriels”, *Novos Estudos*, nº 47, março de 1997 (em parceria com Sérgio Costa).

**7.12. REVISÕES DE TRADUÇÃO**

- 7.12.1.** “Kant”, textos selecionados e traduzidos por Regis de Castro Andrade, *Os clássicos da política*, vol. 2, organizado por Francisco C. Weffort, Atica, 1989.
- 7.12.2.** Jay Bernstein, “Adorno e o expressionismo abstrato”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 52, novembro de 1998 (tradução de Regina Alfarano).



## 8. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS COM APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

### 8.1. NO BRASIL

- 8.1.1.** “Seminário Rosa Luxemburg”, Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), campus de Marília, SP, 10 a 12 de outubro de 1989. Debatedor da mesa “Lukács e Rosa Luxemburg”.
- 8.1.2.** V Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Diamantina, MG, 19 a 23 de outubro de 1992. Expositor: “Filosofia e materialismo interdisciplinar: uma leitura de 'Teoria tradicional e teoria crítica', de Max Horkheimer”.
- 8.1.3.** Colóquio “Lukács: a propósito de 70 anos de *História e consciência de classe*”, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 6 e 7 de outubro de 1993. Expositor: “Lukács e o marxismo ocidental”.
- 8.1.4.** Conferência: “Somos todos contemporâneos dos jovens hegelianos. Jürgen Habermas e a ‘situação atual da consciência’”, Universidade Federal do Paraná e Instituto Goethe de Curitiba, 8 de junho de 1994.
- 8.1.5.** Seminário Internacional: “Lukács e os desafios teóricos contemporâneos”, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 28 e 29 de agosto de 1996. Debatedor da exposição de István Mészáros “Para além do Capital”.
- 8.1.6.** Conferência: “Theodor W. Adorno e o Welfare State”, Grupo de Teoria Política do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP), 18 de outubro de 1996.

- 8.1.7.** Workshop IBAMA/CEBRAP, São Paulo, 16 de maio de 1997.  
Expositor: “Desenvolvimento sustentável: origens e significado atual”.
- 8.1.8.** Workshop IBAMA/CEBRAP, Brasília, 5 e 6 de março de 1998,  
Expositor: “O significado do debate atual sobre a noção de desenvolvimento sustentável”.
- 8.1.9.** 3º Encontro Estadual PET do Paraná: “Meio ambiente”, Universidade Federal do Paraná, 24 e 25 de abril de 1998. Expositor: “Meio ambiente: as injunções éticas”.
- 8.1.10.** VIII Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Caxambu (MG), 25 a 30 de setembro de 1998. Expositor: “Theodor W. Adorno e o modelo hegeliano do ‘Übergreifen’”.
- 8.1.11.** Debatedor do texto de Celia de Andrade Lessa Kerstenetzky “Illegitimate Inequalities”, Workshop Internacional “Justiça, Direitos e Desigualdades – Perspectivas Normativas, IFCS/UFRS, Rio de Janeiro, 3 e 4 novembro de 1998.
- 8.1.12.** “A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – a Rio-92”, Workshop IBAMA/CEBRAP, Brasília, 1º de março de 1999. Expositor.
- 8.1.13.** Curso “Introdução aos dilemas da Filosofia”, ministrado em conjunto com José Arthur Giannotti, CEBRAP, São Paulo, abril a junho de 2000.

- 8.1.14.** II Simpósio Internacional sobre a Justiça – Politische Gerechtigkeit, in Honor of Otfried Höffe, PUCRS, Porto Alegre, 21 a 25 de agosto de 2000. Expositor: “Habermas e a Teoria Crítica da Sociedade: sobre o sentido da introdução da categoria do direito no quadro da *Teoria da ação comunicativa*”.
- 8.1.15.** Organizador e mediador do debate “Dez anos de reunificação alemã: uma avaliação”, com a participação de Klaus-Gerd Giesen, Mechtild Lauth, Marco Aurélio Garcia e João Quartim de Moraes, IFCH-UNICAMP, 27 de setembro de 2000.
- 8.1.16.** Coorganizador do Workshop Internacional “Civil Societies in Democratization Processes”, CEBRAP, São Paulo, 28 e 29 de setembro de 2000.
- 8.1.17.** Debatedor do texto de Klaus-Gerd Giesen, “From ‘Democratic Peace’ to ‘Cosmopolitan Democracy’: The Altered Mission of Civil Society”, Workshop Internacional “Civil Societies in Democratization Processes”, CEBRAP, São Paulo, 28 e 29 de setembro de 2000.
- 8.1.18.** IX Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Poços de Caldas (MG), 3 a 7 de outubro de 2000. Expositor: “‘Permanecemos contemporâneos dos jovens hegelianos’: Jürgen Habermas e situação de consciência atual”.
- 8.1.19.** Seminário Internacional “Reconhecimento e Democracia Internacional: Um Debate Norte-Sul”, 12 e 13 de novembro de 2001, IUPERJ, Rio de Janeiro. Comentador da mesa “Reconhecimento e Democracia Global”.

- 8.1.20.** Coorganizador do Colóquio Direito e Democracia, São Paulo, CEBRAP, 22 e 23 de novembro de 2001.
- 8.1.21.** Colóquio Direito e Democracia, 23 de novembro de 2001, CEBRAP, São Paulo. Expositor: “Transformações da Teoria Crítica”.
- 8.1.22.** Conferência “Sistema e mundo da vida em J. Habermas”, Mini-Curso “Teoria Política Contemporânea”, UNESP, FCL Araraquara, 10 de setembro de 2002.
- 8.1.23.** X Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, São Paulo, 29 de setembro a 3 de outubro de 2002. Expositor: “A idéia de Teoria Crítica”.
- 8.1.24.** Organizador e coordenador do curso “Elementos de Cidadania”, Colégio de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 8 de outubro a 1º de novembro de 2002.
- 8.1.25.** Conferência “Introdução: o conceito de cidadania na modernidade”, curso “Elementos de Cidadania”, Colégio de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 8 de outubro de 2002.
- 8.1.26.** Conferência “As ciências humanas na encruzilhada do social-desenvolvimentismo”, Ciclo de Palestras “Universidade e Humanidades”, ADUNICAMP, 9 de outubro de 2002.
- 8.1.27.** Conferência “Novos desafios à classificação: a inclusão de valores culturais e de novos tipos de direitos civis”, curso “Elementos de Cidadania”, Colégio de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 23 de outubro de 2002.

- 8.1.28.** Mediador e participante do debate “Cidadania Hoje”, curso “Elementos de Cidadania”, Colégio de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1º de novembro de 2002.
- 8.1.29.** Conferência “O que é pesquisa em direito?”, Workshop EDESP/CEBRAP “O que é pesquisa em direito?”, Fundação Getulio Vargas, 9 e 10 de dezembro de 2002.
- 8.1.30.** Conferência “Racionalização e reificação”, Programa Avançado em Teoria Social – Teoria Sociológica, IUPERJ/CAPES, IUPERJ, Rio de Janeiro, 30 de julho de 2003.
- 8.1.31.** Coorganizador do Ciclo de Debates “Adorno Hoje”, São Paulo, Instituto Goethe, 12 de agosto a 18 de novembro de 2003.
- 8.1.32.** XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1 a 5 de setembro de 2003. Expositor: “Sociologia e direito no Brasil”.
- 8.1.33.** Organizador e debatedor da mesa redonda “Filosofia”, com Barbara Freitag e Sergio Paulo Rouanet, Ciclo de Debates “Adorno Hoje”, São Paulo, Instituto Goethe, 7 de outubro de 2003.
- 8.1.34.** Organizador e mediador do debate com Axel Honneth “Luta por reconhecimento”, com a participação de Ricardo R. Terra, Gabriel Cohn e Sergio Paulo Rouanet, Instituto Goethe, 13 de outubro de 2003.

- 8.1.35.** Organizador e debatedor da conferência de Axel Honneth “Teoria social como análise do capitalismo”, Ciclo de Debates “Adorno Hoje”, São Paulo, Instituto Goethe, 14 de outubro de 2003.
- 8.1.36.** Conferência “O marxismo da ‘Teoria Crítica’ de Adorno e Horkheimer”, ciclo Fundadores do Pensamento no Século XX, Centro Cultural CPFL, Campinas, 17 de novembro de 2003.
- 8.1.37.** Expositor da mesa redonda “Comemoração”, Ciclo de Debates “Adorno Hoje”, São Paulo, Instituto Goethe, 18 de novembro de 2003.
- 8.1.38.** Mediador e debatedor do painel “Regulatory State and Deliberative Democracy”, com a participação de Charles Sabel e Leonardo Avritzer, Colóquio Internacional “Economic and Social Regulation, Accountability and Democracy”. Organização: Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP (Grupo de Reforma do Estado e Democracia) e EDESP-FGV. Apoio: FAPESP, Yale Law School, FGV, Consulado Americano em São Paulo. Local e data: FGV, São Paulo, 15 e 16 de março de 2004.
- 8.1.39.** I Simpósio Nacional de Filosofia sobre Ética, Política e Linguagem (SINAFEPOL), Londrina, Universidade Estadual de Londrina. Conferencista: “A idéia de Teoria Crítica”, 24 de agosto de 2004.
- 8.1.40.** I Simpósio Nacional de Filosofia sobre Ética, Política e Linguagem (SINAFEPOL), Londrina, Universidade Estadual de Londrina. Mediador e debatedor da mesa “Ética e Direito”, 25 de agosto de 2004.

- 8.1.41.** XI Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Salvador, 18 a 22 de outubro de 2004. Expositor: “Dois modelos analíticos no pensamento de Habermas”.
- 8.1.42.** Cocurador do Módulo Conceitual “A Crise da razão no mundo contemporâneo”, Projeto “Novas Identidades: A Vida em Transformação: conhecimento, sabedoria e felicidade”, Centro Cultural CPFL, Campinas, 4 a 26 de abril de 2005.
- 8.1.43.** Módulo Conceitual “A Crise da razão no mundo contemporâneo”, Projeto “Novas Identidades: A Vida em Transformação: conhecimento, sabedoria e felicidade”, Centro Cultural CPFL, Campinas. Conferência: “Razão e Revolução”, 19 de abril de 2005.
- 8.1.44.** Conferência “Cidadania e Direitos na Democracia Contemporânea”, Instituto do Legislativo Paulista, Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 25 de abril de 2005.
- 8.1.45.** Seminário “From World Modernity to Multiple Modernities: Social Theory in the Context of Global Transformation”, IUPERJ, Rio de Janeiro, 5 a 7 de maio de 2005. Expositor: “Does the Distinction between Traditional and Critical Theory Still Hold?”, 6 de maio de 2005.
- 8.1.46.** Organizador do I Encontro Anual de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 29 a 31 de agosto de 2005.

- 8.1.47.** 10th. International Kant Congress, São Paulo, Universidade de São Paulo. Expositor: “Kant et Hegel selon le modèle adornien de critique et de métacritique”, 4 de setembro de 2005.
- 8.1.48.** 10th. International Kant Congress, São Paulo, Universidade de São Paulo. Mediador e debatedor da seção temática “Kant in the context of contemporary philosophy VI”, 6 de setembro de 2005.
- 8.1.49.** II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação, Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo. Conferencista: “Racionalidade e Tolerância na Teoria Crítica”, 4 de outubro de 2005.
- 8.1.50.** Seminário de Ex-Bolsistas do Deutscher Akademischer Austausch Dienst, “Conflitos entre Ordens Jurídicas no Contexto da Transnacionalidade do Direito”, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica. Comentador da conferência de Ingrid Wehr “Hemos creado Europa, ahora hay que crear Europeos”, 15 de outubro de 2005.
- 8.1.51.** 29º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 25 a 29 de outubro de 2005. Expositor: “A atualidade da teoria social alemã no contexto brasileiro”, 26 de outubro de 2005.
- 8.1.52.** 29º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 25 a 29 de outubro de 2005. Expositor: “Sobre a relevância da distinção entre teoria tradicional e teoria crítica na atualidade”, 26 de outubro de 2005.

- 8.1.53.** Colóquio “Justiça, Virtude e Democracia”, Salvador, UFBA. Conferencista: “Teoria Crítica e adjudicação de conflitos”, 11 de novembro de 2005.
- 8.1.54.** Debate “Perspectivas para a política brasileira em 2006”, São Paulo, jornal Folha de S. Paulo, 31 de janeiro de 2006.
- 8.1.55.** “Refundação da República: Direitos e Cidadania”. Debatedor. Módulo Conceitual “A Invenção do futuro e a Refundação da República”. Projeto “A Invenção do Contemporâneo: Conhecendo e Criando Novas Formas de Vida”, Centro Cultural CPFL, Campinas, 14 de março de 2006.
- 8.1.56.** Organizador e coordenador do curso “Direito e Democracia”, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 20 de março a 5 de junho de 2006.
- 8.1.57.** Conferência “Introdução”, curso “Direito e Democracia”, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 20 de março de 2006.
- 8.1.58.** Colóquio “Dialética do esclarecimento: constelações”, São Paulo, USP, FFLCH, 31 de maio a 2 de junho de 2006. Expositor: “A unidade crítica da *Dialética do Esclarecimento*”, 2 de junho de 2006.
- 8.1.59.** III Curso Livre de Humanidades – Introdução à Filosofia, Módulo I, São Paulo, Editora Abril. Aula: “Filosofia se ensina?”, 5 de junho de 2006.

- 8.1.60.** Conferência “A Politização do Teatro e a Teatralização da Política”, seminário *Usando o Nosso Nome em Vão*, Ágora Teatro, São Paulo, 27 de junho de 2006.
- 8.1.61.** Organizador do “Curso Livre de Teoria Crítica”, Instituto Goethe, 11 setembro a 27 de novembro de 2006.
- 8.1.62.** Conferência “A Teoria Crítica para além da ‘Escola de Frankfurt’”, Instituto Goethe, 11 de setembro de 2006.
- 8.1.63.** Conferência “A Teoria Crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio”, Instituto Goethe, 25 de setembro de 2006.
- 8.1.64.** Coorganizador do Simpósio “Dialética do Esclarecimento 60 Anos”, São Paulo, USP, FFLCH, 28 e 29 de agosto de 2007.
- 8.1.65.** Simpósio “Dialética do Esclarecimento 60 Anos”, São Paulo, USP, FFLCH, 28 e 29 de agosto de 2007. Expositor: “Uma Nova Antropologia”, 28 de agosto de 2007.
- 8.1.66.** Ciclo de palestras “Pensamento alemão no século XX”, Instituto Goethe, São Paulo, 26 de novembro de 2007. Expositor: “A Teoria Social de Jürgen Habermas”. Expositor.
- 8.1.67.** Cocurador do seminário “Deslocamentos: Política, Cidade, Etnicidade”, São Paulo, Instituto Goethe, 2 e 3 de março de 2008.
- 8.1.68.** Seminário “Deslocamentos: Política, Cidade, Etnicidade”, São Paulo, Instituto Goethe, 2 e 3 de março de 2008. Expositor: “Por que deslocamentos?”.

- 8.1.69.** Seminário “Constituição Federal 20 Anos”, IPEA, Brasília (DF), 28 de maio de 2008. Expositor: “Constituição Federal 20 Anos: balanço e desafios de investigação atuais”.
- 8.1.70.** III Semana Acadêmica do curso de Filosofia, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (RS), 03 de junho de 2008. Homenagem aos professores Angelo Cenci e Marcos Nobre pelo Prêmio Capes de Teses. Expositor: “Filosofia no Brasil: desafios de seu retorno no ensino médio”.
- 8.1.71.** Mesa Redonda “Teoria Crítica Hoje”, Livraria Cultura, Shopping Iguatemi, Campinas, 18 de junho de 2008. Mediador e expositor: “Teoria Crítica Hoje”.
- 8.1.72.** Mesa Redonda “Direita e Esquerda Hoje: Teoria Crítica e Pena”, São Paulo, Instituto Goethe, 25 de junho de 2008. Mediador e expositor: “Teoria Crítica e as polarizações atuais entre direita e esquerda”.
- 8.1.73.** VI Festa Literária Internacional de Paraty, “Retrato em Branco e Preto”, mesa redonda com Carlos Lyra e Lorenzo Mammi, Paraty, RJ, 3 de julho de 2008. Mediador.
- 8.1.74.** XV Colóquio Nacional Lógica e Ontologia, UFRGS, Porto Alegre, 15 de agosto de 2008. Expositor: “Teoria Crítica Hoje”.
- 8.1.75.** Semana da Literatura de Língua Alemã, Instituto Goethe, São Paulo, 18 de agosto de 2008, mesa redonda “1968 – A magia de um ano”, com Oskar Negt e Zuenir Ventura. Mediador.

- 8.1.76.** XIII Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, Canela (RS), 6 a 10 de outubro de 2008. Organizador do Mini-curso “Teoria Crítica em Perspectiva: Horkheimer, Adorno, Marcuse, Habermas, Honneth”.
- 8.1.77.** Ciclo de debates “Democracia, Estado Laico e Direitos Humanos”, Centro Universitário MariAntonia, São Paulo, 2 de dezembro de 2008, mesa “Laicidade nos Poderes Legislativo e Executivo e a Cultura Midiática”. Debatedor.
- 8.1.78.** II Colóquio Justiça, Virtude e Democracia: da amizade ao reconhecimento – a fortuna história da *philia*, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 17 a 19 de junho de 2009, mesa “Simpatia, sociabilidade e moral no pensamento de Hume”. Debatedor.
- 8.1.79.** Simpósio Internacional “Inequalities in the World System: Political Science, Philosophy, Law”, CEBRAP, São Paulo, 3 a 6 de setembro de 2009. Coorganizador.
- 8.1.80.** Congresso Brasil-Alemanha “Responsabilidade e Pena no Estado Democrático de Direito”, Escola de Direito de São Paulo/Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 5 a 7 de outubro de 2009, mesa “Responsabilização individual na sociedade do risco”. Expositor.
- 8.1.81.** Mesa Redonda “Hegel”, Colóquio Internacional – Leituras Contemporâneas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 08 a 12 de março de 2010. Expositor: “Honneth leitor de Hegel”.

- 8.1.82.** Conferência “Max Horkheimer”, Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR/SESC Paraná/Instituto Goethe, Curso Livre de Teoria Crítica, 22 de março de 2010, Paço da Liberdade, Curitiba-PR. Expositor.
- 8.1.83.** Aula Magna do lançamento do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Didática da Educação Superior do SENAC-SC, 7 de maio de 2010.
- 8.1.84.** Palestra “Tolerância e Reconhecimento: limites da democracia liberal”, Módulo “Democracia no Limite. 4 maneiras de ir além do óbvio em política”, CPFL Cultura, Campinas, 24 de junho de 2010.  
Endereço eletrônico:  
<http://www.discussoesereflexoes.com.br/2010/01/13/tolerancia-e-reconhecimento-limites-da-democracia-liberal-com-marcos-nobre/>
- 8.1.85.** Curador do Módulo “Democracia no Limite. 4 maneiras de ir além do óbvio em política”, CPFL Cultura, Campinas, 10 de junho a 1º de julho de 2010.
- 8.1.86.** XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF), 4 a 8 de outubro de 2010, Águas de Lindoia. Conferencista. Mesa Plenária “Habermas e o Direito”.
- 8.1.87.** Seminário Internacional Interdisciplinar/Seminário de ex-alunas e ex-alunos da Freie Universität de Berlim, “Democracia, Movimientos Sociales y Derecho en América Latina: Nuevas Agendas de Investigación”, CEBRAP, São Paulo, 24 a 27 de outubro de 2010. Mesa: “Democracia y Estado de derecho en América Latina: El rol de los movimientos sociales”. Mediador e debatedor.

- 8.1.88.** Colóquio “A política hoje: teoria, ação e instituições”, UFSCar, 10 e 11 de novembro de 2010. Expositor: “Teoria Tradicional e Teoria Crítica hoje”.
- 8.1.89.** Organizador do evento “Reconstruindo Habermas”, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 3 e 4 de maio de 2011.
- 8.1.90.** Conferência “Reconstrução em Habermas: uma visão de sobrevoo”, Evento “Reconstruindo Habermas”, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 4 de maio de 2011.
- 8.1.91.** III Colóquio “Justiça, Virtude e Democracia”, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 8 a 10 de junho de 2011, expositor: “O filósofo municipal, a ‘Setzung’ e uma nova coalizão lógico-ontológica”.
- 8.1.92.** Mesa “A morte da canção”, 14º Encontro de Pesquisas na Graduação em Filosofia da UNICAMP, 8 a 12 de agosto de 2011, UNICAMP, expositor (em colaboração com José Roberto Zan).
- 8.1.93.** Simpósio Internacional “São Paulo Critical Theory Conference 2011”, CEBRAP, São Paulo, 3 a 5 de outubro de 2011. Organizador.
- 8.1.94.** Simpósio Internacional “São Paulo Critical Theory Conference 2011”, CEBRAP, São Paulo, 3 a 5 de outubro de 2011. Expositor: “Does the Relation to Traditional Theory Still Establish the Field for Critical Theory Today?”, 4 de outubro de 2011.

- 8.1.95.** Simpósio Internacional “São Paulo Critical Theory Conference 2011”, CEBRAP, São Paulo, 3 a 5 de outubro de 2011. Debatedor do texto de Robin Celikates, “Systematic Misrecognition and the Practice of Critique: Bourdieu, Boltanski and the Role of Critical Theory”, 4 de outubro de 2011.
- 8.1.96.** 35ª ANPOCS, Caxambu (MG), 2011, Fórum “Dilemas da Modernidade Periférica”. “Judicialização da política: déficits explicativos e bloqueios normativistas” (em coautoria com José Rodrigo Rodriguez), Expositor.
- 8.1.97.** Conferência “Perspectivas e desafios do direito contemporâneo”, promovida pelo Curso de Especialização em Filosofia Política e Jurídica da Universidade Estadual de Londrina (UEL) em conjunto com a Escola de Magistratura do Paraná/Londrina e Faculdade Arthur Thomas (FAAT), Londrina/PR, 10 de agosto de 2012.

## **8.2. NO EXTERIOR**

- 8.2.1.** Workshop Internacional “Humanwissenschaften unter Diktatur und Demokratisierung in Brasilien”, Institut für Politikwissenschaft da Universidade de Leipzig, Leipzig, Alemanha, 18 e 19 de fevereiro de 1999. Expositor: “Hochschulphilosophie in Brasilien unter der Militärdiktatur”.
- 8.2.2.** Workshop Internacional “Humanwissenschaften unter Diktatur und Demokratisierung in Brasilien”, Institut für Politikwissenschaft da Universidade de Leipzig, Leipzig, Alemanha, 18 e 19 de fevereiro de 1999. Debatedor: Heidrun Zinecker “Cardosos Wende und Lateinamerikas Wandel: Überlegungen zur Heterodoxie des ‘alten’ und zur Orthodoxie des ‘neuen’ Cardoso”.
- 8.2.3.** Kolloquium Prof. Dr. Axel Honneth, Institut für Philosophie, Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main, Alemanha, 3 de maio de 2001. Conferência: “Theodor W. Adorno und die Ontologie des falschen Zustandes”.
- 8.2.4.** Conferência: “Theodor W. Adorno und der Staatskapitalismus”, Institut für Politikwissenschaft da Universidade de Leipzig, Leipzig, Alemanha, 29 de maio de 2001.
- 8.2.5.** Conferência: “Intelectuais e cultura no Brasil”, Freie Universität Berlin – Lateinamerika-Institut, Berlin, Alemanha, 2 de julho de 2001.

- 8.2.6.** Coautor (com Ricardo R. Terra e Eduardo Modena Lacerda) do paper “Noch ein einseitiger Modernisierungsschub? Globalisierung ausgehend von der Europäischen Union zum Mercosur und zurück”, apresentado por Ricardo R. Terra no Seminário Internacional “Verfassungsstaat Europa? Über die Zukunft der Europäischen Union in einer globalisierten Welt”, Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main, Alemanha, 13 e 14 de junho de 2002.
- 8.2.7.** Colóquio “From the World Modernity to Multiple Modernities: Social Theory in the Context of Global Transformations”, Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha, 28 a 30 de abril de 2004. Expositor: “State-Society Configurations in the Tradition of Critical Theory”.
- 8.2.8.** Congresso “Philosophy and the Social Sciences”, Praga, República Tcheca, 19 a 22 de maio de 2005. Expositor: “Traditional and Critical Theory Revisited”, 19 de maio de 2005.
- 8.2.9.** Curso “Teoría Crítica de la Sociedad a partir de la Teoría de la acción comunicativa de Habermas” – Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, Argentina, 11 a 15 de dezembro de 2006.
- 8.2.10.** Curso “Politics and Society in Brazil” – Master en Carrières Internationales, Université d’Auvergne, Clermont-Ferrand, França, março de 2007.
- 8.2.11.** Colóquio Teuto-Brasileiro “Research on Crime, Criminal Law and Criminology”, Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha, 24 de julho de 2007. Expositor: “The Brazilian Centre for Analysis and Planning (CEBRAP) and its Research Agenda”.

- 8.2.12.** Curso “Politics and Society in Brazil” – Master en Carrières Internationales, Université d’Auvergne, Clermont-Ferrand, França, dezembro de 2007.
- 8.2.13.** Conferência “Politics and Society in Brazil since 1994” – Latein-Amerika Institut, Freie Universität Berlin, Berlim, 4 de fevereiro de 2008.
- 8.2.14.** Seminário “Teoría crítica de la sociedad, Educación, Democracia y Ciudadanía”, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, Argentina, 16 a 19 abril de 2008. Expositor: “Teoría crítica de la Sociedad: Derecho y Democracia”.
- 8.2.15.** Curso “Politics and Society in Brazil” – Master en Carrières Internationales, Université d’Auvergne, Clermont-Ferrand, França, fevereiro de 2009.
- 8.2.16.** II Reunión Científica “Teoría crítica de la sociedad, Educación, Democracia y Ciudadanía”, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, Argentina, 21 a 24 abril de 2010. Expositor: “Teoría Crítica Hoy”.
- 8.2.17.** Curso “Politics and Society in Brazil” – Master en Carrières Internationales, Université d’Auvergne, Clermont-Ferrand, França, fevereiro de 2011.
- 8.2.18.** Congresso “Critical Theory and Social Justice”, Roma, Itália, 9 a 11 de maio de 2011. Expositor: “Does the Distinction Between Traditional and Critical Theory Still Hold?”, 11 de maio de 2011.

- 8.2.19.** Jahrestagung 2012 der ADLAF – Arbeitsgruppe Brasilien: “Brasilien – Land der Gegenwart”, Berlim, Alemanha, 13 e 14 de abril de 2012. Expositor: “Judicialização da política: Déficits explicativos e bloqueios normativistas”, 14 de abril de 2012.
- 8.2.20.** 5th. International Critical Theory Conference of Rome, Roma, Itália, 7 a 9 de maio de 2012. Expositor: “Reconstruction: Yesterday and Today”, 9 de maio de 2012.
- 8.2.21.** Journée d’études franco-brésilienne “Rationalités pratiques. En Hommage à Balthazar Barbosa Filho (1942-2007)”, Paris, França, 12 de junho de 2012, Universidade Paris I-Sorbonne. Expositor: “Lecture de la *Phénoménologie de l’Esprit* à partir de ses conditions intellectuelles de production”, 12 de junho de 2012.



## 9. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS E COMISSÕES EXAMINADORAS

### 9.1. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE DOUTORADO

- 9.1.1. Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de ADRIANO CORREIA SILVA, com a tese “*Sentir-se em casa no mundo: a vida do espírito (mind) e o domínio dos assuntos humanos no pensamento de Hannah Arendt*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 19 de dezembro de 2002. Banca: Oswaldo Giacoia Jr (orientador – UNICAMP), Eduardo Jardim de Moraes (PUC-RJ), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Sílvia Saviano Sampaio (USP), Maria Theresa Vaz Calvet de Magalhães (UEL).
- 9.1.2. Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de ALESSANDRA CANEPPELE, com a tese “*Para uma teoria da angústia: corpo, percepção e perigo em esboço da psicanálise de Freud*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 27 de agosto de 2003. Banca: Luiz Roberto Monzani (orientador – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP), Bento Prado de Almeida Ferraz Junior (USP), Richard Simanke Theisen (UFSCAR), José Francisco Miguel Henriques Bairrão (USP).
- 9.1.3. Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de KARL-HEINZ EFKEN, com a tese “*O Estado democrático de Direito na perspectiva da teoria do discurso de Jürgen Habermas*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 14 de novembro de 2003.

- 9.1.4.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de DENILSON LUIS WERLE, com a tese “*Lutas por reconhecimento e justificação da normatividade (Rawls, Taylor e Habermas)*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 16 de abril de 2004. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Gabriel Cohn, Cícero Romão Resende de Araújo, Marcos Severino Nobre, Luiz Bernardo Leite.
- 9.1.5.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito de PAULO TODESCAN LESSA MATTOS, com a tese “*O novo estado regular no Brasil: direito e democracia*”, defendida em 07 de maio de 2004, na Faculdade de Direito da USP.
- 9.1.6.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de MARCOS CÉSAR SENEDA, com a tese “*O problema da evidência e da validade nas ciências empíricas da ação*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 19 de maio de 2004. Banca: Fausto Castilho (orientador – UNICAMP), Gabriel Cohn (USP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP), Luiz Benedito Lacerda Orlandi (UNICAMP).
- 9.1.7.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de LUIZ SERGIO REPA, com a tese “*A transformação da filosofia em Jürgen Habermas: os papéis de reconstrução, interpretação e crítica*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 02 de fevereiro de 2005. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Gabriel Cohn, Leopoldo Garcia Pinto Waizbort, Marcos Severino Nobre, Denilson Luis Werle.

- 9.1.8.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de MÁRCIO GIMENES DE PAULA, com a tese “*A crítica de Kierkegaard à cristandade: o indivíduo e a comunidade*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 16 de maio de 2005. Banca: Oswaldo Giacoia Junior (orientador – UNICAMP), Álvaro Luiz Montenegro Valls (UNISINOS), Franklin Leopoldo e Silva (USP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Sílvia Saviano Sampaio (USP).
- 9.1.9.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de CRISTIANO SANTIAGO DE SOUSA, com a tese “*O Desenvolvimento Humano sustentado como fundamento da cidadania pós-nacional*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ, defendida em 14 de julho de 2006.
- 9.1.10.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de ANGELO VITÓRIO CENCI, com a tese “*A controvérsia entre Habermas e Apel acerca da relação entre moral e razão prática na ética do discurso*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 28 de agosto de 2006. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Manfredo Araújo de Oliveira (UFCE), Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), Luiz Sérgio Repa (CEBRAP).

- 9.1.11.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de JOSÉ RODRIGO RODRIGUEZ, com a tese “*O Direito Liberal para além de si mesmo. Franz Neumann, o Direito e a Teoria Crítica*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 07 de novembro de 2006. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Yara Adário Frateschi (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), Cícero Romão Resende de Araújo (USP), Celso Fernandes Campilongo (USP).
- 9.1.12.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de JORGE ADRIANO LUBENOW, com a tese “*A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 29 de março de 2007. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Luiz Bernardo Leite Araújo (UERJ), Luiz Sérgio Repa (CEBRAP), Denilson Luis Werle (CEBRAP), Luciana Ferreira Tatagiba (UNICAMP).
- 9.1.13.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de LUCIANO FERREIRA GATTI, com a tese “*O foco da crítica. Arte e verdade na correspondência entre Adorno e Benjamin*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 10 de março de 2008. Banca: Jeanne Marie Gagnebin de Bons (orientadora – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Márcio Orlando Seligmann-Silva (UNICAMP), Jorge Mattos Brito de Almeida (USP), Ernani Pinheiro Chaves (UFPA).

- 9.1.14.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JR, com a tese *“Estruturas Normativas de Teoria da Evolução Social de Habermas”*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 09 de maio de 2008. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Luiz Sérgio Repa (CEBRAP), Josué Pereira da Silva (UNICAMP), Luiz Bernardo Leite de Araújo (UERJ), Alessandro Pinzani (UFSC).
- 9.1.15.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de RURIÃO SOARES MELO, com a tese *“Sentidos da emancipação: para além da antinomia revolução versus reforma”*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 22 de maio de 2009. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Marcos Severino Nobre, Yara Adário Frateschi, Adrian Gurza Lavalle, Denilson Luis Werle.
- 9.1.16.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de FELIPE GONÇALVES SILVA, com a tese *“Liberdades em disputa: a reconstrução da autonomia privada na teoria crítica de Jürgen Habermas”*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 09 de abril de 2010. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Yara Adário Frateschi (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), José Rodrigo Rodriguez (FGV), Oscar Vilhena Vieira (FGV).

**9.1.17.** Membro da banca examinadora de Doutorado em Filosofia de CARLOS EDUARDO BATALHA DA SILVA E COSTA, com a tese “*A construção do enfoque nas teorias jurídicas: subsídios para repensar o debate em torno da racionalidade no direito*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 30 de julho de 2010. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Orlando Villas Bôas Filho, José Rodrigo Rodriguez, Marcos Severino Nobre, Jose Reinaldo de Lima Lopes.

## **9.2. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE MESTRADO**

- 9.2.1.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de EVERALDO VANDERLEI DE OLIVEIRA, com a dissertação “*Os Conceitos de Crítica e Experiência do Jovem Benjamin: o Programa de 1917-18*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 16 de abril de 1999. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Marcos Severino Nobre, Maria Lucia Mello de Oliveira Cacciola.
- 9.2.2.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de LUIZ SERGIO REPA, com a dissertação “*Habermas e a reconstrução do conceito hegeliano de modernidade*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 27 de junho de 2000. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Marcos Severino Nobre, Jorge Luis da Silva Grespan.
- 9.2.3.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de REINALDO ABELISIO FRANCISCO, com a dissertação “*Três argumentos da crítica da religião em Voltaire*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 29 de junho de 2000. Banca: Maria das Graças de Souza (orientadora), José Carlos Estevão, Marcos Severino Nobre.

- 9.2.4.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de GILBERTO TEDEIA, com a dissertação “*Materialismo em Horkheimer nos anos 30*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 13 de dezembro de 2001. Banca: Moacyr Ayres Novaes Filho (orientador), Franklin Leopoldo e Silva, Marcos Severino Nobre.
- 9.2.5.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de MAURÍCIO CARDOSO KEINERT, com a dissertação “*Da ideia ao juízo: o problema da finalidade na relação entre razão e natureza em Kant*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 14 de janeiro de 2002. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Franklin Leopoldo e Silva, Marcos Severino Nobre.
- 9.2.6.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JUNIOR, com a dissertação “*Moral pós-convencional em Habermas*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 20 de fevereiro de 2002. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP).
- 9.2.7.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de LUCIANA MOREIRA PUDENCI, com a dissertação “*A Tensão entre os Valores e a Neutralidade Axiológica da Ciência no Pensamento de Max Weber*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 07 de março de 2002. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Marcos Severino Nobre, Irene de Arruda Ribeiro Cardoso.

- 9.2.8.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de LUCIANA RODRIGUES ALVES, com a dissertação “*A elaboração da teoria crítica da sociedade segundo Lukas e Horkheimer*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 09 de dezembro de 2004. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP), Marcos Lutz Müller (UNICAMP).
- 9.2.9.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de RURION SOARES MELO, com a dissertação “*O uso público da razão como procedimento: pluralismo, discurso e democracia em Habermas*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 17 de janeiro de 2005. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Marcos Severino Nobre, Denilson Luis Werle.
- 9.2.10.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Ciência Política de RAPHAEL CEZAR DA SILVA NEVES, com a dissertação “*Reconhecimento, multiculturalismo e direitos – contribuições do debate feminista a uma teoria crítica da sociedade*”, defendida, sob a Presidência do Prof. Gabriel Cohn, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 12 de setembro de 2005.
- 9.2.11.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de ÉRIKA CRISTINA RIBEIRO, com a dissertação “*O lugar sistemático do sentimento de respeito e do ideal de um reino dos fins na Fundamentação da Metafísica dos Costumes*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 22 de outubro de 2005. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP).

- 9.2.12.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de ANTONIO IANNI SEGATTO, com a dissertação “*Racionalidade do entendimento: um estudo sobre a pragmática kantiana de Jürgen Habermas*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 27 de julho de 2006. Banca: Ricardo Ribeiro Terra (orientador), Luiz Sergio Repa, Marcos Severino Nobre.
- 9.2.13.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de PAULO DENISAR VASCONCELOS FRAGA, com a dissertação “*A teoria da necessidade em Marx: da dialética do reconhecimento à analítica do ser social*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 31 de julho de 2006. Banca: Marcos Lutz Müller (orientador – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Jesus José Ranieri (UNICAMP).
- 9.2.14.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de RENATA ROMOLO BRITO, com a dissertação “*Ação Política em Hannah Arendt*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 30 de agosto de 2007. Banca: Yara Adário Frateschi (orientadora – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), André de Macedo Duarte (UFPR).
- 9.2.15.** Membro da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de JOAQUIM ELOI CIRNE DE TOLEDO JUNIOR, com a dissertação “*Linguagem, contexto e razão: Richard Rorty e a virada linguística*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, defendida em 14 de outubro de 2008. Banca: Caetano Ernesto Plastino (orientador), Ricardo Ribeiro Terra, Marcos Severino Nobre.

- 9.2.16.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de MARIANA OLIVEIRA DO NASCIMENTO TEIXEIRA, com a dissertação *“Razão e reificação: um estudo sobre Max Weber em História e Consciência de Classe, de Georg Lukács”*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 24 de março de 2010. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Josué Pereira da Silva (UNICAMP), Luiz Sérgio Repa (UFPR).
- 9.2.17.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de FABIO FLORENCE DE BARROS, com a dissertação *“O Dilema entre Estado e Democracia: um Estudo sobre a Crítica da Política na Obra do Jovem Marx”*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 16 de agosto de 2012. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Rúrion Soares Melo (UNIFESP), Yara Adário Frateschi (UNICAMP).
- 9.2.18.** Presidente (orientador) da banca examinadora de Mestrado em Filosofia de MARIA ÉRBIA CÁSSIA CARNAÚBA, com a dissertação *“Marcuse e a Psicanálise: a teoria crítica sob a análise da teoria da repressão”*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP, defendida em 24 de agosto de 2012. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Robespierre de Oliveira (UEM), Luiz Sérgio Repa (UFPR).

### **9.3. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE QUALIFICAÇÃO - DOUTORADO**

- 9.3.1.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Ciências Sociais de CRISTIANO LUÍS LENZI, realizado em 12 de dezembro de 2001, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.
- 9.3.2.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de EVERALDO VANDERLEI DE OLIVEIRA, realizado em 20 de maio de 2002, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.3.3.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de DENILSON LUIS WERLE, realizado em 24 de maio de 2002, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.3.4.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de LUIZ SERGIO REPA, realizado em 29 de junho de 2004, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.3.5.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de MÁRCIO GIMENES DE PAULA, realizado em 29 de novembro de 2004, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Oswaldo Giacoia Junior (orientador – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Sílvia Saviano Sampaio (PUC-SP).

- 9.3.6.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de ANDRÉA LUISA BUCCHILE FAGGION, realizado em 13 de outubro de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Zeljko Loparic (orientador – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Daniel Omar Perez (PUC-PR).
- 9.3.7.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de ANGELO VITÓRIO CENCI, realizado em 07 de novembro de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), Luiz Sérgio Repa (CEBRAP).
- 9.3.8.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de RURION SOARES DE MELO, realizado no dia 24 de fevereiro de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.3.9.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de JOSÉ RODRIGO RODRIGUEZ, realizado em 31 de março de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), José Eduardo Campos de Oliveira Faria (USP), Cícero Romão Araújo (USP).
- 9.3.10.** Membro da banca de exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERREIRA, realizado em 31 de agosto de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Zeljko Loparic (orientador – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), José Carlos Michelazzo (SBF).

- 9.3.11.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de JORGE ADRIANO LUBENOW, realizado em 27 de novembro de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Luiz Sérgio Repa (CEBRAP), Denilson Luis Werle (CEBRAP).
- 9.3.12.** Membro da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de LUCIANNIO FERREIRA GATTI, realizado em 27 de março de 2007, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Jeanne-Marie Gagnebin de Bons (orientadora – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Jorge Mattos Brito de Almeida (USP).
- 9.3.13.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de CLODOMIRO JOSÉ BANNWART JR, realizado em 29 de março de 2007, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Josué Pereira da Silva (UNICAMP), Luiz Sérgio Repa (CEBRAP).
- 9.3.14.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Doutorado em Filosofia de ÉRIKA CRISTINA RIBEIRO, realizado em 25 de abril de 2011, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), Fernando Costa Mattos (CEBRAP).

#### **9.4. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE QUALIFICAÇÃO - MESTRADO**

- 9.4.1.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de EVERALDO VANDERLEI DE OLIVEIRA, realizado em 22 de maio de 1998, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
  
- 9.4.2.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de LUIZ SERGIO REPA, realizado em 12 de agosto de 1999, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
  
- 9.4.3.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de RODNEI ANTONIO DO NASCIMENTO, realizado em 26 de agosto de 1999, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
  
- 9.4.4.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de LUCIANA MOREIRA PUDENCI, realizado em 24 de fevereiro de 2000, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
  
- 9.4.5.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de NICOLÁS NYIMI CAMPANÁRIO, realizado em 24 de fevereiro de 2000, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
  
- 9.4.6.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de GILBERTO TEDEIA, realizado em 24 de fevereiro de 2000, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.

- 9.4.7.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de AGOSTINHO DE FREITAS MEIRELLES, realizado em 09 de abril de 2002, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP.
- 9.4.8.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de ELIZÂNGELA INOCÊNCIO MATTOS, realizado em 19 de setembro de 2003, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Oswaldo Giacoia Jr (UNICAMP), Rita Paiva (UNICAMP).
- 9.4.9.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de LUCIANA RODRIGUES ALVES, realizado em 27 de setembro de 2004, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Oswaldo Giacoia Jr (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP).
- 9.4.10.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de RURION SOARES MELO, realizado em 16 de novembro de 2004, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.4.11.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de ÉRIKA CRISTINA RIBEIRO, realizado em 07 de março de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), Oswaldo Giacoia Jr (UNICAMP).

- 9.4.12.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de FELIPE GONÇALVES SILVA, realizado em 26 de abril de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Luiz Sérgio Repa (CEBRAP), Ricardo Ribeiro Terra (USP).
- 9.4.13.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de ANTONIO IANNI SEGATTO, realizado em 24 de abril de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.4.14.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de PAULO DENISAR VASCONCELOS FRAGA, realizado em 17 de maio de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Lutz Müller (orientador – UNICAMP), Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Jesus José Ranieri (UNICAMP).
- 9.4.15.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de RICARDO CRISSIUMA, realizado em 11 de dezembro de 2009, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.4.16.** Membro da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de JONAS MARCONDES SARUBI DE MEDEIROS, realizado em 20 de setembro de 2010, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.
- 9.4.17.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de FABIO FLORENCE DE BARROS, realizado em 16 de junho de 2011, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Marcos Lutz Müller (UNICAMP), Yara Adário Frateschi (UNICAMP).

**9.4.18.** Presidente (orientador) da banca do exame de qualificação de Mestrado em Filosofia de ADRIANO MÁRCIO JANUÁRIO, realizado em 13 de agosto de 2012, junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP. Banca: Marcos Severino Nobre (UNICAMP), Ricardo Ribeiro Terra (USP), Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP).

## **9.5. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE CONCURSO PÚBLICO**

- 9.5.1.** Membro da Comissão Julgadora para provimento de cargo de Professor Assistente Doutor, em RTP, realizado nos dias 08 e 09 de novembro de 1999, no Departamento de Música do Instituto de Artes da UNICAMP, ao qual se submeteu José Roberto Zan.
- 9.5.2.** Membro da banca de concurso para contratação de docente do Departamento de Filosofia da UFPR. Banca: Fátima Regina Rodrigues Évora, Luiz Henrique Lopes dos Santos, Marcos Nobre, Vinicius Figueiredo. Outubro/2004.



## 10. BOLSAS E AUXÍLIOS

- 10.1. Bolsa do Instituto Goethe para estudo da língua alemã, Munique, Alemanha, janeiro a fevereiro de 1986.
- 10.2. Bolsa de Mestrado da FAPESP, 1989-1990.
- 10.3. Bolsa de Doutorado no Exterior da CAPES, Berlim, Alemanha, novembro de 1994 a janeiro de 1996.
- 10.4. Auxílio Publicação FAPESP para o volume *A dialética negativa de Theodor W. Adorno. A ontologia do estado falso*, São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1998, 190 páginas, ISBN 857321077 X.
- 10.5. Auxílio DAAD/CAPES para estágio de pesquisa pós-doutoral em Berlim e Leipzig, Alemanha, fevereiro de 1999.
- 10.6. Auxílio FAPESP para pós-doutorado em Frankfurt am Main, Alemanha, janeiro a junho de 2001.
- 10.7. Bolsa de Produtividade CNPq – março de 2001 a fevereiro de 2007. Pesquisador 2B.
- 10.8. Bolsa de Produtividade CNPq – março de 2007 a fevereiro de 2010. Pesquisador 1C.
- 10.9. Bolsa de Produtividade CNPq – março de 2010 a fevereiro de 2014. Pesquisador 1C.



## **11. OUTRAS ATIVIDADES**

### **11.1. PRÊMIOS E HONRARIAS**

- 11.1.1.** Prêmio Capes de Tese edição 2007. Premiado: Angelo Vitório Cenci. Tese: “A controvérsia entre Habermas e Apel acerca da relação entre moral e razão prática na ética do discurso”. Orientador.
- 11.1.2.** Observador Eleitoral, Alemanha, 17 a 29 de setembro de 2009.
- 11.1.3.** Membro do Júri do Prêmio Folha de Jornalismo 2009.
- 11.1.4.** Menção Honrosa Prêmio Capes de Tese edição 2011. Autor: Felipe Gonçalves Silva. Tese: “Liberdades em disputa. A Reconstrução da Autonomia Privada na Teoria Crítica de Jürgen Habermas”. Orientador.

## **11.2. PARECERISTA**

- 11.2.1. Revista *Novos Estudos CEBRAP*, desde 1996.
- 11.2.2. Parecerista *ad hoc* da FAPESP, desde 1997.
- 11.2.3. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, desde 1998.
- 11.2.4. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, desde 1999.
- 11.2.5. Editora da UNICAMP, desde 1999.
- 11.2.6. Fundação Editora da UNESP, desde 2000.
- 11.2.7. Parecerista *ad hoc* do CNPq, desde 2002.
- 11.2.8. Parecerista *ad hoc* da CAPES, desde 2004.
- 11.2.9. Revista *Econômica*, desde 2004.
- 11.2.10. Parecer Institucional sobre o Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas, exarado em 24 de outubro de 2005.

### **11.3. CONSELHO EDITORIAL**

- 11.3.1. Membro do Conselho Editorial dos *Cadernos de Filosofia Alemã*, 1996-2002 e 2007 até o presente.
- 11.3.2. Membro do Conselho Editorial da revista *Crítica Marxista*, 2000-2001.
- 11.3.3. Membro do Conselho Editorial da revista *Olhar*, desde 2004.
- 11.3.4. Membro do Conselho Editorial da revista *Direito GV*, desde maio de 2005.
- 11.3.5. Membro do Conselho Editorial da revista *Novos Estudos CEBRAP*, desde julho de 2005.
- 11.3.6. Membro de Conselho Editorial da revista *Theoria. A Journal of Social and Political Theory*, desde 2011.

#### **11.4. PROGRAMAS DE TELEVISÃO**

**11.4.1.** Série “Balanço do Século XX”. Conferência: “O Marxismo da Teoria Crítica”, TV Cultura. Primeira emissão em 18 de maio de 2004, 00h15-01h15, seguida de inúmeras reprises.

**11.4.2.** Programa Diálogos Impertinentes. Tema: “A Alienação”. Canal “S”, 26 de julho de 2004, 21h00-22h30.

Endereço eletrônico:

<http://www.youtube.com/watch?v=-OQnc6WgWBs&feature=relmfu>

<http://www.youtube.com/watch?v=yVG-D9CGa6I&feature=relmfu>

[http://www.youtube.com/watch?v=6LiY\\_SgFGm0&feature=relmfu](http://www.youtube.com/watch?v=6LiY_SgFGm0&feature=relmfu)

<http://www.youtube.com/watch?v=-e715vII33Q&feature=relmfu>

<http://www.youtube.com/watch?v=zKRIL90F3pI&feature=relmfu>

**11.4.3.** Programa de Televisão: “Invenção do Contemporâneo: Razão e Revolução”, TV Cultura. Primeira Emissão em 2007, múltiplas reprises.

**11.4.4.** Comentarista convidado do “Jornal da Cultura”, TV Cultura, São Paulo, outubro a dezembro de 2010, com participações semanais.

**11.4.5.** Programa Globo News Painel, “Cem dias de Dilma Rousseff no poder”, com Carlos Melo, Eduardo Giannetti e mediação de William Waack, Globo News TV, primeira emissão em 9 de abril de 2011.

Endereço eletrônico:

<http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1658352->

[17665,00-](http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1658352-17665,00-)

[WILLIAM+WACK+E+CONVIDADOS+ANALISAM+DIAS+DE+GOVERNO+DILMA.html.](http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1658352-17665,00-WILLIAM+WACK+E+CONVIDADOS+ANALISAM+DIAS+DE+GOVERNO+DILMA.html)

- 11.4.6.** Programa Entre Aspas, “Redes sociais fortalecem a mobilização de jovens no Brasil”, com Gil Giardelli e mediação de Mônica Waldvogel, Globo News TV, primeira emissão em 23 de junho de 2011.

Endereço eletrônico:

[http://g1.globo.com/videos/globo-news/entre-aspas/v/redes-sociais-fortalecem-a-mobilizacao-de-jovens-no-brasil/1545086/#/Todos os Vídeos/page/1.](http://g1.globo.com/videos/globo-news/entre-aspas/v/redes-sociais-fortalecem-a-mobilizacao-de-jovens-no-brasil/1545086/#/Todos%20os%20V%C3%ADdeos/page/1)

<http://www.youtube.com/watch?v=Ihdc7nPtLws>

- 11.4.7.** Programa Entre Aspas, “Os desafios e expectativas para o governo Dilma em 2012”, com Rudá Ricci e mediação de Mônica Waldvogel, Globo News TV, primeira emissão em 27 de dezembro de 2011.

Endereço eletrônico:

[http://g1.globo.com/videos/globo-news/entre-aspas/v/redes-sociais-fortalecem-a-mobilizacao-de-jovens-no-brasil/1545086/#/Todos os Vídeos/page/1.](http://g1.globo.com/videos/globo-news/entre-aspas/v/redes-sociais-fortalecem-a-mobilizacao-de-jovens-no-brasil/1545086/#/Todos%20os%20V%C3%ADdeos/page/1)

### **11.5. COLABORAÇÃO REGULAR EM JORNAIS**

- 11.5.1.** Colaborador do Jornal da Tarde, com dezenas de resenhas, artigos e colunas publicados na seção de Cultura, 1984-1987.
- 11.5.2.** Colunista semanal convidado do jornal *Folha de S. Paulo* durante as eleições de 2006, Caderno Brasil (agosto a novembro de 2006).
- 11.5.3.** Colunista semanal convidado do jornal *Folha de S. Paulo* de junho de 2007 a agosto de 2010, escrevendo às terças-feiras na página A-2.

**11.6. PARTICIPAÇÃO EM ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS**

**11.6.1.** Sócio do Goethe-Institut São Paulo – Centro Cultural Brasil-Alemanha, desde agosto de 2005.

**11.6.2.** Associado contribuinte do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, desde 2009.

## **11.7. VIAGENS INFORMATIVAS**

- 11.7.1.** Programa de visita acadêmica à República Federal da Alemanha, 21 setembro a 01 de outubro de 2003.

## AGRADECIMENTOS

Existem pessoas que influenciam e que ajudam a moldar um trabalho acadêmico. E existem pessoas sem as quais o próprio trabalho não seria possível: sem o empenho, o carinho e a competência de Sônia Cardoso não existiria a minha candidatura ao posto de livre-docente.

De todas as instituições e pessoas mencionadas na Introdução do Memorial, a quem devo minha própria formação, gostaria de destacar aquelas que tiveram uma influência mais direta no trabalho que se apresenta aqui.

O Departamento de Filosofia e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Maria Rita Gandara e a equipe da Secretaria de Pós-Graduação.

O Grupo de Teoria Crítica do IFCH/UNICAMP.

A Universidade de Chicago e Moishe Postone. Foi em um estágio de três meses de afastamento sabático em Chicago, em 2007, que a tese de livre-docência foi inicialmente pensada. Digo pouco quando lembro que John Abromeit foi ali e continua sendo até hoje um parceiro intelectual de exceção.

A Universidade de Paris I e o laboratório NoSoPhi. Foram em sucessivos estágios de dois meses entre 2008 e 2011, com o apoio de Jean-François Kervégan, e em um estágio no ano de 2012, com o apoio de Laurent Jaffro, que a tese de livre-docência foi escrita. Meus agradecimentos a Kervégan são também testemunho de uma profunda admiração. A oportunidade de conviver e de debater ideias com Gilles Marmasse foi um privilégio. Catherine Colliot-Thélène dispôs-se gentilmente a debater um breve resumo do trabalho. Andrew Feenberg foi a grande descoberta desse período.

O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. José Arthur Giannotti. Mariza Cabrera Nunes. Paula Zucaratto. O Núcleo Direito e Democracia, com a camaradagem intelectual e a amizade de tantas pessoas. Fernando Rugitsky, José Rodrigo Rodriguez, Fernando Costa Mattos, Rúrion Melo, Evorah Lusci, Luiz

Repa, Felipe Gonçalves Silva, Joaquim Toledo Jr, Adriano Januário, Denilson Werle, Geraldo Miniuci.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e sua linha de financiamento a Projetos Temáticos. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e seu programa de Bolsa Produtividade.

Há pessoas que nem sabem o quanto ajudam só de existirem. Meu irmão, Marcelo, minha mãe, Marlene: esteios tão fundamentais e tão duradouros quanto os laços de afeto que nos unem. Pessoas amigas, tão caras: Sérgio Costa, Maria Cristina Fernandes, Roberta Bechara, Fernando Barros e Silva, Isabella Tardin, Fabio Gandolfo Severino, Inara Luísa Marim Voirol, Klaus-Gerd Giesen, Marcio Sattin, Liliane Benetti, José Carlos Estêvão, Maria Cristina Pullin, Renata Barretto, Olivier Voirol, Marisa Lopes, Andreas Stöhr, Milton Bolívar de Camargo Osório, Esther Rizzi, José Roberto Zan.

Bianca Tavorari.

Vinicius Torres Freire.

Ricardo Terra.